

curso da carta ao engenheiro chefe  
da medoca do Rio Alegre

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data
cod PC D000094

Cachoeira do Tauá, 13 de Outubro de 1956

Sr. Engenheiro chefe da medoca.  
Prezado Senhor

**Transformações pela ocupação dos espaços  
indígenas e conflitos na  
Chapada dos Paresi - Mato Grosso**

Esque de  
índios

sta  
do

está ainda dentro pelo melhor na imediata vizinhança  
do seu território deles, é possível que a turma tenha um  
contato com eles, que poderia ser o primeiro passo para  
a sua pacificação.

**Relatório de viagem  
set 1996**

estudando  
ática a estes índios,

Como já de alg  
a possibilidade de uma  
deveria deferir o empreendimento por causa de obriga-  
ções inadiáveis, e no momento já inicii um traba-  
lho com os canoeiros, não posso deixar de me interessar  
por esta sua entrada, e sem outras pretensões a  
mas ser de servir, para a expor alguns itens,  
a respeito dos quais teria sido proveito meu trocar  
ideias, e o Sr. E desde já, tanto mais útil isto,  
sendo que tem na sua tur  
nesta região, e que teve en  
Recu.

**Darci Luiz Pivetta  
Markus Blumenschein**

nático  
refa

[10] Presumo os índios que os Descos de Pau, uma fracção  
do GE, sejam emparentados com os Suiyá, há na muito  
tempo atrás moradores no Rio Verde, hoje um afluente  
do Alto-Xingu. Constá que estes se entendem com os  
Trukaraimai, pacificados em 1953 pelo Sr. Pires  
Poristo e dei útil obter um vocabulário Trukaraimai.  
É incompleto e talvez inexacto em alguns pontos.  
A mais, de alhures, tenho um esboço gramatical  
da língua Caiapo. Incluo nesta os 2 escritos.  
... útil de la corio ou use; peço apenas

## ABSTRACT

This paper is a product of a short field work executed in setember 1996 at the *Chapada dos Paresi*. Research work realized during last years at the *chapadões* of Mato Grosso / Brazil, by both researchers, contributed.

The two main objetives are to explain the actual situation of indigenous societies and their relations with non-indians at the *Chapada dos Paresi* and to recognize historical, geographical and economic transformations in this specific region.

General and specific observations about the region are related. These observations shows approximations to all etno-historical literature available about this region such as new reflections about rural economy and social-political relations.

The Paresi "Myth of Origin" relate the land distribution to Paresi society by *Wazare*, an mithological hero. The origin of the Paresi society is located at *Ponte de Pedra*, visited by the authors and by the Paresi cacique (chief) of

Kotitiko community.

The historical development of a nowadays typical soybean region, Deciolândia, which was a traditional territory of Paresi/Kaxinití, is presented.

Recent land use changes in modernized agriculture are shown too.

Two specific interviews related that the north of Deciolândia was occupied by Tapayúna indians, which were transferred in 1970 to Xingu National Park. All documents about Tapayúna indians were collected.

Last but not least, a compilation of interviews shows the perceptions about indigenous education at Utiariti college by jesuits and other reflections about interethnic relations at the pionier frontier.

Finally, we present numerós sources which can serve for future research works.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho é um dos resultados preliminares de pesquisas em andamento, inerentes às teses de doutorado dos autores. Visa-se apresentar o material bruto com o objetivo de incentivar futuros estudos de pesquisadores e estudantes. Através das nossas observações e do novo material, descobriram-se novas lacunas. Algumas soluções foram encontradas e outras questões serão objeto de futuras investigações.

As informações escritas e orais estavam muito dispersas e já foi uma boa tarefa reuni-las. Ai juntou-se também a experiência em trabalhos de campo anteriores. Os resultados apresentam enfoques geográfico, histórico-antropológico, com incursões na mitologia, economia agrícola e esfera jurídica, a partir das entrevistas com diversas pessoas e observações próprias.

Foi realizado intencionalmente um corte histórico, abrangendo um período que vai do final do sec. XIX até o presente. Apareceram resultados mais elucidativos da totalidade espaço-temporal e assim ficou mais abrangente

(*plastisch*), apresentando-se com certa clareza as transformações e conflitos derivados da ocupação dos espaços indígenas.

Entende-se assim o espaço atualmente ocupado na chapada dos Paresi, como uma 'sobreposição' (imbricamento) de atividades de longa duração (*longue durée*), média e curta duração, "fractalizada", uma ligada à economia regional e outra à global.

A dinâmica dessas atividades, como também os conflitos sócio-ambientais estão intimamente relacionados ao modelo de desenvolvimento dos seus respectivos grupos sócio-culturais. Esse conjunto é produto de percepções distintas dos espaços, transformados de acordo com a cosmovisão e organização sócio-político-econômica construída por cada sociedade.

Os indígenas foram preados pelos bandeirantes, escravizados em seringais, submetidos a genocídio e etnocídio constantes e expropriados dos seus territórios originais. Apesar disso há uma diversidade societária e linguística significativa (são várias sociedades na região) e acerca das quais ainda existe pouca literatura, exceto os Paresi.

Antigas formas de ocupação do espaço desapareceram. Igualmente as novas modalidades não apresentam segurança de permanecer por longo tempo, já que o modelo dominante em si é insustentável.

A viagem empreendida nos dias 12 a 21 de setembro de 1996 visou compreender as transformações ocorridas desde o início deste século até o presente na Chapada dos Pareisi e imediações.

Este trabalho é produto do Projeto SHIFT (Studies on Human Impacts on Tropical Forests and Floodplains) e do Convênio de Cooperação Científico-Tecnológica Brasil-Alemanha, entre a Universidade Federal de Mato Grosso - Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos e a Universidade de Tübingen, Alemanha - Centro de Pesquisas sobre América Latina.

Markus Blumenschein

Darci Luiz Pivetta

Cuiabá, dezembro de 1996.

## INDÍCE

<b>I. OBJETIVOS GERAIS DA VIAGEM / METODOLOGIA</b>	<b>...08</b>
<b>II. DESCRIÇÃO DA REGIÃO</b>	<b>.....11</b>
<b>III. RELATÓRIO DAS OBSERVAÇÕES</b>	<b>.....13</b>
<b>IV. ORIGEM DOS PARESI</b>	<b>.....28</b>
4.1 Significado do mito	.....28
4.2 Locais do Mito de Origem	.....31
<b>V. TERRITÓRIO ETNOHISTÓRICO PARESI</b>	<b>.....50</b>
<b>VI. ESTAÇÃO RONDON</b>	<b>.....69</b>
<b>VII. PONTE DE PEDRA</b>	<b>.....71</b>
<b>VIII. NO ANTIGO TERRITÓRIO DOS TAPAYÚNA</b>	<b>.....73</b>
8.1 Contextualização e território originário	.. .....74
8.2 Breve cronologia	.....80
8.3 Relações de contato e extrativismo	.....87
<b>IX. UTIARITI</b>	<b>.....90</b>
9.1 Significação do espaço pela ordem	.....94
9.2 Utopias e Inspirações jesuíticas	.....102
9.3 Redução jesuítica no cerrado	.....105
9.4 Adestramento de corpos e espíritos	.....112
9.5 Desnudamento e vestição civilizatória	.....114
9.6 Castigos e fugas.....	.....117
9.7 Retorno às aldeias	.....119
<b>X. DECIOLÂNDIA</b>	<b>.....121</b>
<b>XI. ENTREVISTAS</b>	<b>.....132</b>
<b>XII. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>.....149</b>
<b>XIII. MAPAS / FOTOS</b>	<b>.....163</b>

## I. OBJETIVOS GERAIS DA VIAGEM / METODOLOGIA

Os objetivos de nossa viagem orientaram-se pelas seguintes questões:

- Que papel exerceu a escola-internato de Utiariti, segundo seus antigos alunos: Iranxe, Nambikwara, Paresi, Kayabi, Apiaká e Rikbaktsa?
- Reconhecimento geográfico<sup>1</sup> de antigas aldeias Paresi, da área sagrada da origem dos Paresi - Ponte de Pedra - e transformações sócio-econômico-espaciais, ocorridas do final do sec. XIX até o presente, incluso territórios de sociedades indígenas limítrofes.
- Resgate do conhecimento histórico da área em transformação através de entrevistas a partir da memória dos velhos indígenas.
- Observações gerais do contexto atual, do processo de ocupação da **Chapada Paresi**, suas transformações e conflitos, através do que vimos e ouvimos no decorrer da viagem.

\* \* \* \* \*

Relativo à **metodologia**, seguimos alguns procedimentos básicos. O primeiro deles consistiu na leitura dos trabalhos clássicos sobre a região, tais como os de Max Schmidt, Candido Mariano da Silva Rondon, Claude Lévi-Strauss..., só para citar alguns<sup>2</sup>.

O segundo passo consistiu na delimitação da área da pesquisa, que genericamente ficou estabelecida como sendo a **Chapada Paresi**, entre os

---

1 A primeira vez através dos mapas da Comissão Rondon datados de 1952.

2 A relação completa encontra-se na bibliografia.



meridianos 56° e 59° e entre os paralelos 12° e 15°.

Num terceiro momento realizamos um corte no tempo, centrando nossas buscas a partir do final do séc. XIX até o presente. Isso é relevante, pois existem regiões na Chapada Paresi cujo passado e transformações são desconhecidos. Conseguimos sanear algumas lacunas.

Esse corte permitiu reconhecer os fatos observados e ausentes, que prosseguem na memória.

Levamos em consideração a singularidade de cada uma das sociedades, habitantes da chapada, centrando nosso olhar nos Paresi e Tapayúna.

Concedemos especial importância às entrevistas com velhos chamando à ciência suas memórias e vivências históricas fundadas em suas observações e experiências.

Seguindo M. Weber e C. Geertz procuramos compreender<sup>3</sup> interpretativamente<sup>4</sup> o sentido das relações e ações decorrentes do jogo de interesses cotidianos, pautados institucionalmente. Pessoas pertencem a classes sociais, etnias e suas falas remetem ao "**Sitz im Leben**", individual e societário, regional e global. Estamos conscientes que o nosso relatório

---

3 WEBER, Max - **Economia e Sociedade**, vol. I, Trad., Regis Barbosa e Karen E. Barbosa, Edit., UNB, 1991, p. 3-13. A compreensão significa apreensão interpretativa do sentido das ações, seus cursos e seus efeitos.

4 GEERTZ, Clifford - **Intrepretação de Culturas**, Zahar Edit., Rio de Janeiro, 1978, p. 15 - "**Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado**". Em nossa abordagem privilegiaremos Geertz, portanto a racionalidade decorre do sentido enquanto manifestação da vida social. As significações regulam as relações entre fenômenos. Assumimos também que a interpretação deverá sempre estar referida à matéria prima da explicação ou seja às cosmovisões que os sujeitos em ação desenvolvem em suas relações para situar-se no universo.

sociais, etnias e suas falas remetem ao "**Sitz im Leben**", individual e societário, regional e global. Estamos conscientes que o nosso relatório representa um **fragmento** a nível micro (*microlevel*), face aos saberes dos quais são portadores, aqueles com os quais entramos em contato. Demos os primeiros passos, mas entendemos que se faz necessário um levantamento de campo sistemático como subsídio para **futuras pesquisas**, em qualquer área de saber e nível analítico interpretativo. Para tanto o **trabalho de campo** é fundamental.

Deu-se especial atenção à questão da luta pela terra, pois algumas sociedades perderam seu território imemorial, seja por expulsão, transferência ou morte.

As diversas situações encontradas foram registradas em croquis e mapas e muitas cenas foram registradas fotograficamente.

Concedeu-se especial importância às entrevistas, por isso foram gravadas em fitas e posteriormente transcritas. Encontram-se anexas.

## II. DESCRIÇÃO DA REGIÃO

A região compreendida entre os meridianos 59° e 56° e paralelos de 15° e 11° era habitada pelas seguintes sociedades: Apiaká, Kayabi, Rikbaktsa, Cinta Larga, Myky, Enawene-Nawe, Iranxe, Bakairi, Umutina, Halotezu, Nambikwara, Tapayúna e Paresi. (Ver mapa pg. 67)

Espacial e politicamente, a partir de 1910, com a abertura da linha telegráfica e subsequente estrada que a acompanhava, rasgando inclusive territórios tribais, o espaço começou a ser retalhado e ocupado por levas de frentes, inicialmente de expansão e a partir de 1970, - pioneiras<sup>5</sup>. Iniciou-se um processo de expropriação de territórios tribais. Foram implantadas políticas específicas de incentivos fiscais do governo, através dos seguintes programas: PIN, POLOCENTRO, PROTERRA, SUDAM e mais recentemente o PRODEAGRO.

O processo de ocupação, efetivado pelas frentes pioneiras, no presente passa por um redimensionamento devido a diversos fatores conjugados: incentivos e financiamento da produção reduzidos, erosão e desertificação do solo pelo desmatamento desordenado e em grande escala, monoculturas, agrotóxicos em excesso, falência por dívidas bancárias, enfim pelas próprias exigências dos blocos de países formados em decorrência do processo de globalização.

As sociedades expropriadas de seus territórios, exigem retorno da parte dos governos, para sua sobrevivência. Os Paresi, por exemplo, continuam até hoje, tentando caçar e visitar as áreas sagradas (Ponte de Pedra, locais de taquaras sagradas), entre a Serra de Tapirapuã e os afluentes da Bacia

---

5 MARTINS, J. de Souza - O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(1), p. 32ss, maio de 1996.

Amazônica, pois a caça em sua reserva é insuficiente. Porém a maioria dessas localidades são inacessíveis, pois os fazendeiros impedem o acesso dos Paresi, justificando em base à regulamentação jurídica atual do país (título da terra regularizado pelo INCRA, decretos de áreas indígenas, lei que proíbe caça e pesca).

Após a abertura da linha telegráfica começaram a funcionar as escolas internato de Ponte de Pedra e Utiariti, locais por nós percorridos, por serem centro de referência e memória histórica para as diversas sociedades indígenas da região e por isso merecedores de nossa atenção.

A escola de Ponte de Pedra perdeu sua expressão e foi fechada, quando os jesuitas intensificaram a ação em Utiariti, "pacificando" diversas sociedades indígenas, enviando alunos para essa escola-internato.

A escola-internato de Utiariti atuou até 1971 quando foi fechada. Por mais de um século alfabetizou indígenas, treinando-os em atividades técnicas (mecânica, marcenaria, agricultura, etc.) para serem mão-de-obra semi-qualificada.

### III. RELATÓRIO DAS OBSERVAÇÕES PARESÍ

Saída sexta-feira, 13 de setembro de 1996, às sete horas da manhã, de Cuiabá.

À beira da rodovia visualizavam-se os canaviais de Barra dos Bugres e Nova Olímpia. Subimos a Serra de Tapirapuã. ~~P~~passamos por Tangará da Serra e atravessamos pouco depois o Rio Sepotuba. Nesse local, as duas margens são desmatadas até a beira do rio. Há criação de gado. Observamos a mesma situação na maioria dos córregos e cabeceiras ao longo da estrada, depois de Tangará da Serra.

Às onze horas chegamos à jazida de Calcário Tangará, do Grupo Itamarati. Encontra-se meio desativada. O gerente não estava. Pegamos o telefone da casa dele em Tangará. Voltamos então para Tangará da Serra. Almoçamos na churrascaria cara La Carretta em Tangará.

Deixamos a nossa bagagem no hotel Delcas. Combinamos a entrevista com o gerente da Calcário Tangará para o dia seguinte, sábado de manhã.

Passamos na FUNAI em Tangará. Conversamos com o chefe da unidade. Reconheceu Markus, a partir da apresentação dele no Rotary, na Cidade Alta. Pivetta foi também reconhecido. Falou e lamentou sobre a situação financeira da FUNAI, principalmente o que tem a ver com a manutenção dos veículos que os índios da região estão usando. Custos enormes. Conversa também sobre conceitos conservacionistas e desenvolvimentistas na proteção de áreas indígenas, entre outros sobre o caso da nova estrada *Celeiro da Produção*. O Grupo Maggi não respeita os órgãos oficiais do governo, negociando com os Paresí diretamente sem informar a FUNAI, nem o DNER ou qualquer outro órgão público, nem a imprensa obviamente.

Jantamos na Avenida Brasil (pintado do Rio Sepotuba) e fomos depois para o parque da exposição de Tangará da Serra, na Exposerra. Encontramos alguns fazendeiros, primeiro, entre outros, o José Luiz Steffen, descendente alemão, nascido em Santa Rosa. Diversões de noite com os fazendeiros.

14 de setembro de 1996

Anotações no carro ao final da viagem diária, na margem direita do rio Papagaio, paralelo 13° e meridiano 58°. Meia noite. Dormimos no carro.

Anotações da entrevista com Gabriel, gerente da Calcário Tangará:  
Gabriel, gerente da Calcário Tangará (Grupo Itamarati) chegou em Barra dos Bugres 1962. Mediu a área da jazida a primeira vez em 1966 para um português. Na época também vendeu mercadorias até Rondônia. Na verdade veio para Mato Grosso para vender mercadorias, andando a cavalo e carro de boi. Um senhor em Barra de Bugres depois ensinou-lhe a medir terras e trabalhar como topógrafo.

1962: Nessa época andava-se a cavalo de Barra dos Bugres até Tangará da Serra em cinco dias. Mediu a fazenda Guanabara (hoje Usina Itamarati em Nova Olímpia) um dia depois do 12 de junho de 1965 (feriado de um santo).

Na época que ele chegou em Barra dos Bugres não tinha ponte, usavam uma balsa. Em 1963/64 começaram então de construir em Barra dos Bugres uma ponte de madeira sobre o Rio Paraguai.

Olacyr de Moraes começou a comprar a Itanorte (Itamarati Norte) em 1976/77. Mas somente em 1983/84 começou a plantar. Era a chamada

Fazenda Pecuama, no lugar da antiga Fazenda Suiça [?]. Segundo Gabriel, comprou a Pecuama de um grupo chamado Rosa Cruz. Quando foi para o INCRA para regularizar tudo, tinha que deixar muitas terras, porque tinha terras antigamente griladas - segundo ele - pelos antigos donos.

Olacyr comprou a área da jazida em 1979. A área foi identificada por um engenheiro, empregado de Olacyr de Moraes. Pertencia a um português. Possuía 1.100 ha e outros 7.000 ha eram de terras "devolutas", que foram requeridas e anexadas. Na verdade era território Paresí. Hoje possui 8.000 ha. É uma jazida com reserva para 600 anos, retirando 180 toneladas / dia. Em 1981 o Grupo Itamarati começou a produzir e vender calcário.

As atividades da jazida hoje quase pararam. Tem que demitir, na próxima segunda-feira, 38 pessoas.

Tem na jazida calcário calcítico (entre outros serve para o confinamento de animais) e dolomítico.

Antes tinha 3 fornos feitos de tijolos para queimar cascalho do calcário. Hoje tem um forno específico para 18 t de calcário diariamente (inicialmente construído para 25 t). Para queimar essa quantidade de cascalho tem que queimar entre 15 e 20 m<sup>3</sup> de lenha. Cada 50 minutos colocavam-se novas pedras de calcário no forno.

A usina de calcário começou a funcionar no início do plantio de soja na Chapada dos Parecis. Antes só tinha plantações de arroz que não necessitam de calagem.

Saímos 3 e meia da tarde da jazida. Inesquecível o sashimi e o pacu de sete kilos, churrasco de carne de carneiro também. Lembro-me também de

um peruano cuja mãe é brasileira de Manaus. Nasceu no Peru, e se criou no Rio de Janeiro, Bahia e finalmente em Cuiabá. Trajetória de uma pessoa cujo pai fez negócios com diamantes. Casou depois em Cuiabá. É conhecido do Gabriel porque trabalha para uma empresa que vende dinamite para a jazida. Vende também para a mina de ouro em Pontes e Lacerda (St. Elina) e uma mina de ferro e manganês na Serra de Urucum em Mato Grosso do Sul, na fronteira com Bolívia<sup>6</sup>.

Passamos Itanorte e no posto Minuano entramos em direção a Sapezal. Dúvidas sobre o caminho e a entrada para Bacaval para depois chegar em Utiariti. Deixamos várias entradas de menor importância. Sabe-se que a poeira da estrada levantada pelos caminhões impede a visão à noite. Passou seis horas da noite. Agora não foi hora de errar. Pior do que neblina. Perigoso. Andamos 20 km/h para ainda identificar na hora certa os caminhões à nossa frente.

Pouco além das 18 horas, chegou felizmente a entrada que conheci por acaso; e deu certo. Era a estrada para Bacaval. 18 horas e quarenta chegamos em Bacaval. Tudo escuro. Luz de velas e lâmpadas de óleo, parece. Pivetta foi reconhecido. Falou mais ou menos 40 minutos sobre o Cinta Larga e os "baixinhos" (Andaroup), em Aripuanã e lugares de Rondônia, tribo ainda não contactada. Os assim chamados "baixinhos" já queimaram várias aldeias Cinta Larga; no ano passado mataram com suas flechas curtas cinco Cinta Larga. Os "baixinhos" são de estatura baixa e

---

<sup>6</sup> A mina de ouro St. Elina de Pontes e Lacerda pertence a Roberto Marinho e Margaret Thather. É uma mina de terceira geração de mineração aurífera, pois é altamente mecanizada com emprego mínimo de mão de obra. O ouro mesmo não é visto pelos trabalhadores e sim somente pelo grupo de pessoas escolhidos que posteriormente levam embora as barras de ouro com um avião. Como a área de mineração também é cercada, as informações sobre a mineração mal vazam.

Segundo J.H. Grosso Sad, Iran F. Machado, Saul B. Suslick e Sergio P. Bordonalli (agosto de 1994), citado em Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (1996, p. 125), a mina ferro-manganesífero Urucum de Corumbá (MS) tem uma produção anual de 200.000 t de ferro e 250.000 t de manganês.



parecem não ter aldeamentos. Por causa disso é difícil achá-los; até hoje não houve contato. Um dos Paresí mais jovem em Bacaval (de mais ou menos 20 anos) já andou também nessa região, pois relata da fuga dos "baixinhos" e reconhece os Cinta Larga descritos pelo Pivetta.

Os Andaroup mataram também madeireiros. Parece que os conflitos recentes com os Andaroups na região de Cacoal (Rondônia) e Aripuanã (Mato Grosso) são movidos pela invasão de madeireiros que ameaçam seu território tradicional. Os Cinta Larga também são conhecidos como ferozes, seja pelos Paresí, seringueiros ou outros brancos. Esse fato é certamente ligado às chacinas feitas pelos brancos através de expedições<sup>7</sup>.

A luz do carro atraiu a maioria dos moradores de Bacaval<sup>8</sup>. As crianças Paresí ficaram brincando em frente do carro, batendo palmas e assim matando mosquitos e outros insetos voadores atraídos pelas luzes do carro.

Informamos-nos de novo sobre a situação da estrada. Disseram que era boa porque há pouco tempo passou a patrula como também o Pe. Arlindo com o Gol. Parece que abriram de novo a antiga estrada pois o cerrado já tomou conta.

Sáimos então. Só 70 km, como os índios dizem. O estado de conservação estava bom, no início. Depois o leito da estrada ficou cada vez mais estreito. Tínhamos passar na região chamada "trêz facões". Pivetta ficou cada vez mais pessimista sobre a estrada. Com razão! Nem percorremos

---

7 Vale lembrar nesse caso da assim conhecida chacina do paralelo 11 em 1964.

8 Como a gente posteriormente podia observar em Utiariti e no Kotitiko, não foi simplesmente a luz atraindo os integrantes da comunidade, mas sim a curiosidade e a preocupação sobre os *imúti* chegando. Observamos também que esse fato de se aglomerar para nos receber não aconteceu na aldeia Sacre. Lá coube o papel de nos receber ao único branco, Pe. Arlindo. Na aldeia Sacre os índios ficaram a certa distância na frente da casa do Arlindo ou nem pareciam se preocupar com a visita e nem se aproximaram.

20 km, o pneu na frente entrou num pau. Furou, tinha que trocar. Na troca, alguns marimbondos nos picaram, eu dois, atraídos pelo luz do carro. Maravilha! Doce vida salgada...

Continuamos devagarzinho. A estrada cada vez pior. O leito tão estreito que tinha o risco de rasgar o carro todinho. Acabei de falar só mais de *trilha de uma anta*. Xingamos o chefe da Funai que aconselhou-nos essa estrada. Em cada baixada havia também areiais. Depois de 40 minutos realmente atolamos num areião imenso. Não tinha mais jeito. Começou o trabalho. Oito ou dez metros na areia. A D-20 não se movimentou. Confiança na própria força e esperança. Com risco de ficar atolado totalmente na areia, decidimos de pegar o macaco para levantar um pouquinho. Colocar alguns paus de madeira de cerrado em baixo. Depois deu certo, em partes. Cada metro em quase meia hora. Assim quatro horas. Finalmente saímos e seguimos o caminho.

Vencemos os outros areiões, já com boa sabedoria. Erramos finalmente na estrada porque o caminho mudou muito desde 1970 quando Pivetta costumava andar na região. Nem pensar em sinalização. Nunca vai existir aqui. Chegamos na aldeia Sacre. Decidimos sair logo, antes de acordar todo o mundo. Voltamos então e encontramos depois a entrada para Utiariti, meio escondido no cerrado.

Esfogados, mais ou menos à meia noite chegamos ao Rio Papagaio. Do outro lado, em Utiariti só havia escuridão e silêncio, pelo menos aparentemente. E a balsa parada. Dormimos no carro sem tomar banho porque tem perigo de não enxergar a sucuri à noite.

Utiariti, dia 15/9/96 (domingo)

Atravesamos o rio de manhã e fomos recebidos logo pelos índios de Utiariti. Reconheceram Pivetta, mesmo se alguns na última viagem dele eram bem crianças. Ficaram assim agradados porque já na noite observaram a nossa D 20 e acharam que são fazendeiros vindo para Utiariti. Subímos o outeiro do aldeamento conversando sobre diversos assuntos. Quem dos velhos está aqui, quem está viajando, etc. Um moço novo nos acompanhou e nos mostrou os tanques de água para peixes, o canal, passando pela horta e antiga lavanderia. Fomos até quase o início do canal onde capta-se água do rio Papagaio para a horta e o tanque dos peixes. Passámos pelas ruínas da antiga missão jesuita e também pela pequena hidrelétrica feita na época dos padres jesuitas e reformado em 1977, entre outros por Pivetta e colegas salesianos e um austríaco, filho do diretor da MIVA.

Quando voltamos para a aldeia, vímos que mataram um porco (leitoa) em homenagem à nossa chegada, tirando primeiro perto das mangueiras as cerdas e posteriormente limpando-o na beira do rio e dividindo em oito partes. Foi um homem índio que executou essa tarefa. Jogou as vísceras no rio, logo começaram a pescar com anzol e linha. Pareceu uma atividade que naturalmente acompanha o abate.

Fomos para a roça (ca. 1,5 km da aldeia). Gradearam com trator mais ou menos um ha de terra de cor escura. Dizem que essa terra escura é mais rica do que qualquer outra no cerrado e serve para roças. Parece terra de aluvião. Vão plantar milho.

Almoçamos depois na casa da Maria, na antiga escola Zanakwa. Entre carne de porco, feijão, arroz e salada, tinha suco de cajú, proveniente das árvores plantadas pelo Bernard Radoux, chefe do posto, francês, ex-combatante do Vietnã.

Depois, a tarde, era bem mais quente e tinha muitos mosquitos chamados borrachudos. Ficamos abatidos e dormimos um pouco no antigo hospital, onde nos hospedaram em dois quartos.

O sol ainda está forte, acordamos e fomos para o campo de futebol, no início do antigo campo de pouso para aviões. Conforme combinado joguei [Markus] futebol com a juventude indígena feminina e masculina. Pivetta entretanto fez entrevistas.

Entrevista da Maria (veja entrevista no final do texto).

À noite na entrevista com Maria Fatima fui junto novamente.

Depois da janta fomos dormir cansados mais ou menos 8 ou 9 horas.

Utiariti, dia 16/9/96

De manhã passamos por vários locais de Utiariti. Vimos o cemitério, que parece, pelo seu estado, abandonado pelos atuais moradores. Fomos até o final do campo de aviação, também em estado de abandono. Passamos também novamente no salto de Utiariti e na hidrelétrica. Pegamos a D-20 para procurar os antigos postos da linha telegráfica, saindo a oeste de Utiariti.

Antes do almoço conversamos ainda com o jovem Iranxe, cujo mãe é Kayabí do Rio dos Peixes. Falou do rito de iniciação<sup>9</sup>. Foi dois anos atrás. Na época tinha 15 anos. Junto com mais outros jovens da mesma idade

---

<sup>9</sup> O rito de iniciação da juventude tinha sido abandonado desde o tempo em que foram para o internato de Utiariti (1954). Em 1974 foram contatados os Myky, parcela do grupo Iranxe que no início do século, devido à guerra com os Tapayúna e os seringueiros, foram morar no Rio Pappaió. O contato dos Iranxe com eles fez com que os rituais tribais abandonados fossem retomados em 1994.

tinham que ficar uma semana dentro da casa dos homens. Somente podiam sair para tomar um banho. Mas isso mesmo nem podia demorar muito. Tinham medo do rito. Os velhos batiam com varas. Nenhuma das mulheres podia participar nem ver o rito, pois é proibido.

Almoçamos de novo na casa da Maria. Tinha salada (da horta), arroz, feijão, carne de porco gordurosa e bife. Observamos novamente também que eles nos deixam almoçar primeiro e só depois os próprios índios foram pegar comida. Naquele dia tinha mais um *imúti*<sup>10</sup> em Utiariti junto com um outro trabalhador (parece um índio paresí) da patrulha que arrumam a estrada com uma máquina de terraplanagem. Aquele *imúti* é um catarinense de 42 anos. Chegou quatro anos atrás de Mato Grosso do Sul para essa região. Trabalha junto com seu colega desde dia 28 de agosto na estrada, saindo de Bacaval em direção Utiariti, para alargar a estrada, abrir a estrada novamente ou fazer desvios em trechos necessários com a máquina de terraplanagem (trator de esteira). Vão terminar amanhã em Utiariti. Dormiram à noite sempre no lugar aonde eles pararam. Cozinharam arroz, feijão e carne seca. Ainda tinham muito vontade de trabalhar, pois depois de um curto bate papo saíram para atravessar novamente o rio com a balsa para continuar com o trabalho. Fazia um calor insuportável.

Os dois trabalhadores mencionaram que eles também já implantaram dois tanques para peixe em Utiariti como também outros "na aldeia do padre", como eles chamaram provavelmente a aldeia Sacre. Antes de vir pra cá o catarinense trabalhou seis meses para os austriacos que compraram terra em Campos de Júlio e que derrubaram agora o cerrado. Lá, segundo seus relatos, o solo é muito arenoso. Por causa disso ninguém na região entendeu porque eles compraram terra naquele lugar. Segundo os

---

10 Branco, não-índio na língua paresí

austrícos, na pátria / terra deles, a terra arenosa é fértil<sup>11</sup>. Segundo minhas experiências [Markus], bem como o depoimento do catarinense, essa terra arenosa é muito escassa em nutrientes, tem baixo teor de matéria orgânica e é sobretudo altamente susceptível à erosão eólica. O colega do catarinense até mencionou que essa terra ao máximo presta para criar gado, e nem isso.

A terra em Campos de Julio foi vendida por um chamado Egidio de Cuiabá. Essa pessoa vende terras de vários militares. No caso relatado acima, a terra foi do Montepio da família militar, que ainda possui em Campos de Júlio 60.000 ha. Segundo os relatos, Montepio é atualmente aposentado e vive em Cuiabá. É um fato não explicável porque Montepio é uma organização de aposentadoria dos militares.

Falaram também do dono do Pub (no local onde a estrada Nova Fronteira atravessa o Rio Papagaio). Mudou-se para Sapezal e arrendou o Pub por uma taxa mensal de 1600 Reais. Mas parece que não está bem de vida porque não está sobrando nada do dinheiro. Sobretudo - segundo o catarinense - é preguiçoso e não trabalha. O dono do Pub<sup>12</sup> ganhou o seu terreno de Mazutti<sup>13</sup>, pois trabalhou para ele. Ele [Mazutti] e Fogliatto<sup>14</sup>

---

11 É provavelmente o chamado *loess* que na verdade não é um tipo de solo, mas sim um sedimento da época glacial.

12 É reconhecido simplesmente pelo nome "Pub". Pub é descendente de alemães. Segundo Miguel, gerente da fazenda São Benedito, que já trabalhou com Pub, ganhou o terreno de Fogliatto, pois tomou conta da fazenda dele por um certo tempo.

13 Celso Mazutti, antigo chefe do narcotráfico na região de Vilhena, "fundou" depois de grilar no início dos anos 80 inúmeras terras do Rio Papagaio para oeste Comodoro e Campos de Julio que hoje são municípios emancipados. Essas áreas eram todas dos Montepiu. O povoado Campos de Julio era conhecido na verdade como "flagesul": todos os expulsos pelos grilos - antigos seringueiros, poaieiros e grandes posseiros - se fixaram lá e foram então explorados para trabalhar para Mazutti. Quem resistiu foi morto. Depois da morte de Celso Mazutti (1988) Campos de Julio decaiu.

14 Argeu Fogliatto tem uma grande fazenda no Rio Papagaio (fazenda Fogliatto), que é administrada pelo parente Moratelli (hoje fazenda de soja e de outros cultivos como também de gado semi-confinado). Tem outra fazenda de gado no Pantanal. Fogliatto é sobretudo hoje dono da concessionária Volkswagen (TCA) em Tangará da Serra e faz parte do Grupo Fogliatto; também é dono de uma construtora.

grilaram a terra toda do Rio Papagaio para oeste. Depois que Mazutti grilou cada vez mais terras mais no oeste e não parou na área de Montepio, os militares o mataram.

Aldeia Sacre e Tangará da Serra, dia 17 de setembro de 1996

Saimos dia 17 de setembro, de manhã de Utiariti, indo junto com "Pato", um jovem Iranxe e mais um índio para a aldeia Sacre. No meio do caminho encontramos vários homens e duas mulheres indígenas catando toco numa área de desmatamento, feita para formação de uma roça indígena (aproximadamente 4 hectares). Pareceu que os índios empreenderam dos fazendeiros a forma de limpeza total da roça para facilitar o plantio mecanizado. Pelo menos estavam catando paus maiores para uso de lenha para a venda e uso posterior nos secadores de grãos dos fazendeiros.

Deixamos "Pato" na roça e seguimos nosso caminho. Chegando em Sacre, fomos recebidos pelo Pe. Arlindo. Outros índios como também nossos dois acompanhantes afastaram-se. Conversamos com Pe. Arlindo sobre agricultura. Interessou-se principalmente em culturas perenes, entre outros na palmeira de pupunha, achando que isso seria a "solução" para os povos da região. Mostrou-nos alguns pés de uva que plantou há pouco tempo.

Entrevistamos depois Pe. Arlindo, com enfoque principal nos acontecimentos da região de Deciolândia desde a chegada dele em 1958. Mostrou-nos também cerâmica indígena encontrada por ele no local da aldeia Sacre. Observamos que meninos estavam apanhando mangas do lado da casa do Pe. Arlindo e foram enxotados. O padre falou que não deveriam apanhar frutas verdes.

Entretanto Ivone, filha do Damião, preparou o almoço. Ela estava se

queixando muito de dor na boca<sup>15</sup>. Relatou que nasceu em Água Limpa, hoje sede de uma fazenda. É um local pouco conhecido pela sociedade regional, bem como pelo povo Paresi. Exerceu maior papel na época de Rondon, pois tinha lá um cruzamento de estradas, ligando a cabeceira da Sucuruína com a Aldeia Queimada e Tapirapuã com o Rio do Sangue com também com localidades mais para o norte, como é caso de Utiariti (cf. Rondon 1952).

Também almoçamos primeiro, junto com Pe. Arlindo. Depois almoçaram os outros.

Posteriormente fomos à uma sala onde havia artesanato para venda. Havia peças fabricadas por diversos grupos indígenas (Nambikwara, Paresi, Iranxe e Bororo). Ela falou que lá mora uma Bororo que faz o artesanato de sua tribo.

Dáí seguimos para Tangará da Serra com a finalidade de entrevistar Damião, Vicente e outros no Posto de Saúde da FUNAI. No posto da fazenda Itamarati (Itanorte), um dos Paresí (Tito) pediu para levar R\$ 120,00 para sua filha Tereza, doente no postinho da FUNAI em Tangará da Serra. Parece que o dinheiro era produto da venda de papagaios, pois havia cerca de uma vintena deles em caixote de papelão para vender a R\$ 60,00 cada um.

No posto de saúde da FUNAI havia dezenas de pessoas de vários povos da chapada, espalhados em redes nos corredores e quartos. Nem todos estavam lá afim de tratar da saúde, mas sim para fazer compras e vendas na cidade, arrumar carros e tratar assuntos na administração da FUNAI.

---

15 Já em Utiariti observamos o mau estado dental da população. No hospital onde nos hospedamos havia um gabinete odontológico que fora doado pelos alemães, caindo aos pedaços. Na mesa ao lado havia uma série (dez peças) de próteses dentárias.



Parecia um ambiente de bastante carência, com pessoas comendo em marmitas, roupas rasgadas e sujas, pés no chão ou com velhas sandálias havaianas, alguns pareciam bêbados, outros pedindo dinheiro para comprar remédios e outras coisas, manifestando em suas falas um certo desespero e problemas que esperavam que nós solucionássemos. Havia um jovem Paresi, da Aldeia Cabeceira do Osso, que não falava português, e queria saber qual era nosso objetivo. Os tradutores falaram que se tratava de um Paresi legítimo, que quer dizer - aqueles que ainda guardam todas as tradições tribais.

No dia seguinte, cedo, procuramos entender as gravações, para melhor entender e prosseguir nossa viagem de investigação. Seguimos então para Deciolândia e de lá para a antiga aldeia Paresi de Sucuruína. Como não encontramos nem vestígios e diante das dúvidas decidimos ir para a aldeia Kotitiko. Mas antes disso fotografamos ainda a cabeceira do Rio Sucuruína e a tapera do posto de gasolina, chamado "Sucuruína".

Paramos no posto da Itanorte para abastecer a D 20 e encontramos novamente os Paresi vendendo papagaios. No entroncamento da BR-364 com a MT-358, dois Paresi pediram carona até o rio Verde. Fomos ao Kotitiko para falar com João Garimpeiro. Chegou um moço de bicicleta, preocupado, seguindo atrás da D 20. Informou que o João estava banhando no rio. Aí chegou com uma toalha no ombro, com calça, mas sem camisa. Depois da entrevista, dissemos que iríamos no dia seguinte para Ponte de Pedra. Decidiu ir junto também. Enquanto se arrumava o moço da bicicleta pediu o endereço e telefone para o Markus. Trouxe um caderno para o Markus anotar o endereço. João levou junto com ele mais dois rapazes (um guerreiro e outro mais jovem). Seguimos para Campo Novo do Parecis. Fomos ao hotel Tomazelli.

No dia seguinte (19/set/96) saímos cedo seguindo na direção leste. Antes

de sair do hotel, Markus viu uma borduna grande e arco com muitas flechas no bagageiro da D 20. Daí Pivetta falou: eles vão entrar lá de qualquer jeito, vivos ou mortos. O local é conhecido como tendo jagunços que impedem a entrada. Andam armados.

Fomos tranquilos até o rio Ponte de Pedra. Estávamos errados. Voltamos até a entrada da faz. Martinelli. Daí fomos até o córrego da Flor. Na estrada perseguimos um veado catingueiro. Ele bateu forte a cabeça no poste da cerca. Paramos o carro e fomos ver se tinha caído. Mas saiu correndo meio atordoado. Erramos de novo duas vezes. Mas, às 14 hs chegamos ao local de Ponte de Pedra. Anormalmente choveu. Fomos aos saltos, cemitério, ponte de pedra (neste momento João pôs um colar de dente de onça no pescoço e o moço jovem colocou o cocar na cabeça).

Aí fomos ver as formações rochosas. João pediu para tirar foto com os colares na frente de uma pedra e depois tirou o colar. Entrou no mato e encontrando um ninho de jacú, pegou os ovos e colocou no bolso e disse que era para chocar em galinha quando chegasse na aldeia.

João estava irrequieto pois não via mais as formações de animais nas pedras e com isso, a história do mito fica mutilada. Mas falou que os velhos sabem o que significa cada pedra.

João parecia nervoso, pois não encontrou o jatobá onde pousou o urubuzinho que tirou os Paresi da pedra. O jatobá tinha desaparecido. Ele viu pela última vez em 1959. Não encontrou também o segundo cemitério, nem a segunda ponte de Pedra, que já tinha caído. O buraco onde saiu o urubuzinho estava descaracterizado, pois os brancos escreveram aí perto o seu nome, com objeto pontiagudo na pedra. Ficou muito furioso também porque o branco passou com trator de esteira em cima da outra ponte e que depois cairia também. Quando viu o desmatamento perto da ponte

disse que o branco está destruindo tudo.

Enquanto voltávamos dos saltos, João tirou taquaras sagradas, encontradas por Braslino Naizokai, mas sem realizar o ritual próprio, segundo nos informou Luiz na entrevista realizada no dia 15/9/96 em Utiariti. Os outros dois, Braslino Naizokai e Gerson Zomaizokiase, não tocaram nas taquaras e nem as tiraram.

## IV. ORIGEM DOS PARESI

### 4.1 Significado do mito

A origem das questões territoriais Halíti tem sua base no Mito de Origem. É a partir do mito que um determinado espaço se transforma em território. É pelo mito que homens são ordenados em unidades sociais básicas, constituintes da organização social. Nele se auto-constituem como sociedade, tendo, ao sair do buraco da pedra angular, recebido de Wazare - herói mitológico - o seu território como elemento congênito e fundante. É pelo mito que uma sociedade dada passa da natureza à cultura. Define-se o território, estabelecem-se fronteiras e ocupa-se. É a partir dele que a identidade de uma sociedade se constitui e reconstrói.

Quando se fala em mito, deve-se conceber como categoria de referência simbólica original para a sociedade Halíti. Os mitos são estruturados e remetem a acontecimentos históricos reais como a origem e continuidade da sociedade. Possuem significados transmitidos oralmente de geração a geração. Trata da origem das sociedades e remete a territórios distintos entre elas, bem como às suas unidades sociais componentes da totalidade. Os HALÍTI são o conjunto em relação de alianças e conflitos dos WAYMARÉ, KOZÁRINI, KAXINITI..., cada qual ocupando uma determinada parcela espacial dentro do mesmo território. Este território ocupado estabelece fronteiras com outras sociedades.

O mito é um documento etno-histórico.

Os Halíti originam-se do mito de mesmo nome. Sua localização é bem definida - Ponte de Pedra, afluente do rio do Sangue, saqueado pela sociedade nacional. O local foi Posto da Linha Telegráfica, escola para os Paresi, fundada por Candido Mariano da Silva Rondon, no início do século.

Hoje é sede de fazenda e local de turismo de lazer. Os Halíti definem sua presença na região e naquele determinado território, bem como o surgimento das outras sociedades circundantes: Iranxe, Kayabi, brancos...(PEREIRA, 1986: 166).

Max Schmidt se refere ao local Ponte de Pedra extasiado:

"No es sorprendente que precisamente esse lugar figura tan predominante en la leyenda de los Pareassis porque es por causa de la singularidade de su paisage tiene de manera especial la propiedad de hacer sugerir imaginations en la fantasia del que lo contempla. Um salto hermoso forma el centro del escenario del paisage. Despues de formar varias cascadas, el agua despeñase de repente en una garganta y desaparece, hirviendo, bajo dos puentes de piedra, formados por la naturaleza misma, el uno paralelo al otro."<sup>16</sup>

Em nossa viagem ao local (set de 1996) encontramos somente uma ponte de pedra. Segundo João Arezumaré, a outra ponte, descrita por Max Schmidt, ruiu.

Edgar Roquete Pinto<sup>17</sup> relata a 'Origem dos Homens':

"Enôrê, o Ente Supremo, apareceu em A'tiu (Sakuriúiná, Ponte de Pedra). Cortou um pau; esculpiu nele uma figura humana e fincou-o no solo. Depois cortou uma varinha e deu pancadas nele; o pau virou homem. Procedeu do mesmo modo com outro fragmento de madeira; surgiu a mulher. Este casal primitivo teve um filho, que foi Zalúîê e uma filha, Hôhôiailô. Mais tarde teve outros dois filhos: Kamáikôré e Uháiuarirú.

Enôrê chamou Zalúîê e Kamáikôré e perguntou-lhes o que desejavam, na partilha que ia realizar dos bens da terra. Zalúîê não quis espingarda, nem boi, nem cavalo; a primeira por ser pesada, os ultimos porque sujaram o terreiro das casas; escolheu o arco e a flecha e as coisas parecis. Kamáikôré ficou possuidor de outros dons de Enôrê e foi mais feliz;

---

16 SCHMIDT, 1943:242, in PEREIRA, 1986:32.

17 ROQUETTE-PINTO, E. - Rondonia, 3a. ed., Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935:131.

dominou o mundo e seus filhos prosperaram."

Os Paresi se auto-denominam ARITI/HALÍTI<sup>18</sup>. A cosmogonia referida ao local de Ponte de Pedra é espacialmente determinada<sup>19</sup>.

Embora se encontrem versões mais antigas deste mito<sup>20</sup>, preferimos (face à riqueza de detalhes e notas de rodapé) a do pesquisador Adalberto Holanda Pereira<sup>21</sup>:

"Os primeiros Paresi (106) se dividiam em tres turmas: a de **Wazare**, a de **Warere** e a de **Tomayse**.

**Yoakayhoré** deixou uma aguinha dentro de uma pedra em Ponte de Pedra (107)." (p.31)

O mito refere à organização sócio-política da sociedade Paresi e um espaço definido, que é seu território, recebido de Enorê - o Deus Halíti. Correlacionam-se e se auto-referem **mito, território e organização social, como indissociáveis**.

João Garimpeiro, enquanto viajávamos para a região de Ponte de Pedra, nos falava que Wazare distribuiu o território Paresi entre os diversos grupos, dando a cada um um determinado local para residência e auto-reprodução física.

---

18 Halíti é o nome mais comumente encontrado e parece ser o correto.

19 Rondon refere-se a Ponte de Pedra: "e depois um belo salto vai passar por baixo de um arco, por ele cavado e formado por rochas de seu leito (arenite), deixando construída uma verdadeira ponte, por onde passei a pé enxuto com toda a minha comitiva e tropa para a margem esquerda do rio" (Pereira, 1986:32).

20 Os mitos são estruturados e remetem a acontecimentos históricos reais como a origem e continuidade da sociedade. Possuem significados para a sociedade que os transmite de geração a geração oralmente. Trata da origem das sociedades e remete a territórios distintos entre elas, bem como às suas unidades componentes. Os HALÍTI se compõem de WAYMARÉ, KOZÁRINI, KAXINITI...cada um ocupando um determinado espaço dentro do mesmo território.

21 PEREIRA, A. - **O Pensamento Mítico do Paresi**, 1a. parte, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, Antropologia, n. 14, 1986, pp. 31-101.

Nossa tarefa consistiu em conferir os locais dados por Wazare no Mito de Orgiem para verificar se há alguma correspondência histórica entre o que Wazare distribuiu e a situação passada e presente tendo em vista os locais de residência. A surpresa foi grande pois há ainda atualmente incríveis coincidências entre o mito e a ocupação originária do território.

Distinguimos então o território Halíti - aquele que foi recebido de Wazare - e a Reserva Paresi - aquela que foi demarcada pela FUNAI, entidade jurídica para assuntos indígenas.

O processo inicial é o de conferir a toponímia na língua Aruak.

"**Wazare** saiu pelos campos, dando nome às cabeceiras, córregos e rios e deixando gente nas cabeceiras."(Pereira, 1986:43)

A seguir distribuiu o território para as unidades sociais Halíti (Waymare, Kaxiniti e Kozárini-Cabixi) componentes da sociedade, sempre ocupando as cabeceiras das nascentes dos formadores da bacia do Prata e Amazonas.

Apresentaremos, a seguir, referências pontuais de significativa importância, para os Halíti e que estão consignados na mitologia.

#### **4.2 Locais do Mito de Origem**

Estivemos em Ponte de Pedra, hoje fazenda, do Sr. Eugênio de Diamantino, local da origem e referência fundamental dos povos da chapada dos Paresi. Lá segundo João Arezumaré<sup>22</sup> (alcunha João

---

22 Vide entrevista no final do texto.

Garimpeiro), cacique atual das aldeias Kotitiko e Rio Verde, originaram-se os Paresi.

Segue a distribuição do território para as unidades (Waymaré, Kaxíniti...) que compõem a sociedade Paresi. Ocupam sempre as cabeceiras dos rios formadores da bacia do Prata e Amazônica.

Nosso procedimento consistiu em seguir o mito de origem e suas três variantes.

A numeração seguiu a ordem apresentação dos locais que aparecem em sequência no relato mitológico.

1) **Malate winã** = cabeceiras Três Jacus

"**Wazare** chegou à primeira cabeceiras e chamou **Malate winã**. Falou para **Zawloré**, chefe dos **Kaxíniti**: - **Zawloré**, esta cabeceira é para o seu pessoal." (p.43-44)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). O ribeirão Três Jacús é afluente direto do Rio Sucuruína, ou também chamada Rio Ponte de Pedra. Emboca logo antes da localidade Ponte de Pedra no Rio Sucuruína. A cabeceira, chamada Três Jacus se localiza ao sul de Ponte de Pedra, onde passou a linha telegráfica; também localidade da antiga *Feitoria dos 3 Jacús*. Segundo Irmão Fernandes, na entrevista no dia 29 de setembro de 1996, o acesso para Ponte de Pedra passando por Três Jacús hoje em dia é dificultado pelo jagunços no local de mesmo nome.

Segundo mapas rodoviários atuais a estrada MT-235 de Campo Novo dos Parecis para São José do Rio Claro corta também a cabeceira Três Jacús, no sentido Oeste-Leste.



Coordenadas geográficas: 57° 22,5' W  
13° 45' S

2) **Kalana winã** = cabeceira da Lagoa Rasa

"Chegaram a outra cabeceira e **Wazare** chamou de **Kalana winã**. Wazare falou para **Zakalo**, do grupo **Wáymare**: Esta é para você e toda a sua gente daqui em diante." (p.44)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). A cabeceira da Lagoa Rasa, também chamado Natucua, se localiza na proximidade oriental da cabeceira Três Jacús, emboca no Rio Anajazeiro, hoje chamado Rio Alegre.

Coordenadas geográficas: 57° 12' W  
13° 55' S

3) **Kanóti winã** = cabeceira da Varzearia

"Wazare falou par Zaluya: - Esta cabeceira é para o seu pessoal."(p.44)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). A cabeceira da Varzearia, ou também chamada Canati-uinaza, é afluente do Rio St° Antônio. Passou lá antigamente a linha telegráfica que mudou nessa localidade o seu sentido, saindo então da borda da serra para noroeste em direção a Ponte de Pedra. Era também antiga *Feitoria do Orlando*.

Já na época do Rondon existiu também a estrada que passou por Varzearia no sentido leste-oeste, de Diamantino para Água Limpa, hoje denominada BR-364, seguindo atualmente no divisor de águas das bacias do prata e amazônica no chapadão até Diamantino, passsando por

Deciolândia, pela Fazenda Itamarati Norte (Itanorte)<sup>23</sup>.

Passamos no dia 18/set. por Varzearia. Não encontramos mais aldeia. Observa-se somente uma enorme área alagada, campo limpo com buritizais ao fundo, local da cabeceira da Varzearia. No lado norte da BR-364 encontra-se hoje uma fazenda.

Coordenadas geográficas:     57° 10' W  
   14° 10' S

4) **Āyhanazã** = "Falou para Zakalo: - Esta aí é para o seu pessoal."(p.44)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). Supõe-se que Āyhanazã é equivalente ao Rio Anhanaxá (segundo mapa da Comissão Rondon), o rio também é chamado Rio Água Verde ou Ribeirão Água Verde. Segundo mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1:100 000, Folha Rio Maracanã, SD.21-Y-B-II, a cabeceira é denominada Cabeceira do Sumidouro. Não se deve confundir esse nome com o Rio Sumidouro ou também chamado Sumidouro Grande que passa na localidade Sumidouro. Esse rio nasce no norte da BR-364, em Deciolândia, na fazenda Lagoa Rica que existe desde 1963 no local (o antigo dono dessa fazenda é fundador do loteamento se chamava Decio Ferugo. O seu sucessor, Horácio Tavares continua no local).

Segundo entrevista com Pe. Arlindo Oliveira, no dia 17 de setembro de 1996, havia ranchos de palha de índios na beira do Rio Água Verde, no povoado de Deciolândia, local do primeiro loteamento.

Coordenadas geográficas:     57° 31' W

---

23 Nome antigo: Fazenda Pecuama

14° 11' S

5) **Zutyākoresé** = cabeceira da cabeceirinha ou Buracão, afluente do rio Sepotuba.

"Falou para **Tahue**: - Esta é para o seu pessoal. "Mas **Tahue** não teve filho. **Tahue** ganhou ainda a cabeceira **Yete sewe** (cabeceira do tatu-galinha) e **Sákore winã**. (cabeceira Nastropa) (p.44)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). O chamado *Buracão*, encontra-se, segundo vários entrevistados, no local da antiga *Maloca do João Ferreira (Tohêroa)*, na cabeceira *Zutiaguerussu*, afluente do Córrego Vermelho que é, afluente do Rio Sepotuba. Dizem também que é na contravertente do Rio ou Ribeirão Água Verde. O acesso mais fácil para essa localidade pode ser feito pela descida na estrada de Deciolândia para Tangará da Serra (estrada que passamos na direção contrária no dia 16/set). Na altura de uma cascalheira, descendo do lado esquerdo, se pode ver uma estrada antiga, cortando o cerrado. É provavelmente a antiga estrada de Rondon, marcada no mapa da Comissão Rondon (1952). Essa estrada chega ao *Buracão*.

Coordenadas geográficas: 57° 31' W

14° 15' S

6) **Zawase sewé** = cabeceira Três malocas

Cf. mapa topográfico 1:100 000, Folha Afonso, SD-21-Y-B-III. A cabeceira Três malocas é afluente do Córrego Mutuca e do Rio das Tocas, que emboça no Rio Sepotubinha.

Coordenadas geográficas: 57° 19' W  
14° 11' S

7) **Koretākakwaré** = cabeceira da Taquarinha.

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1:100 000, Folha Rio Maracanã, SD-21-Y-B-II. A Cabeceira da Taquarinha ou Córrego Taquarinha, afluente do Rio Maracanã, que é afluente do Rio Sepotuba. Encontra-se na fazenda do Chico, paranaense, em Deciolândia.

*Francisco Merleki faz fazenda*

Coordenadas geográficas: 57° 35' W  
14° 12' S

8) **Zutyahali winã** = cabeceira do rio do Sangue

"Wazare falou para Zaluya: - Esta cabeceira é para seu pessoal." (P. 44-45)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). O Rio do Sangue chama-se também Rio Zutiarié. A sua cabeceira é denominada Cabeceira da Bela Vista. No sentido norte-sul passou, já na época de Rondon, uma estrada na margem esquerda da cabeceira (cf. mapa da Comissão Rondon). Desde 1960 foi cortada no sentido leste-oeste pela BR-364. É também exatamente o local onde se localiza a fazenda Itamarati Norte, anteriormente denominada fazenda Pecuama.

Segundo Fernandes, na entrevista do dia 29 de setembro de 1996, a passagem pela BR-364 no local da Pecuama foi impedida durante muito tempo pelos pistoleiros da mesma fazenda. Foi então necessário passar por um desvio.

Coordenadas geográficas: 58° 00' W

14° 20' S

9) **Kavalo náhe sewé** = cabeceira do rio Água Limpa

"Falou para **Zaluya**: - Esta cabeceira é para o seu pessoal".(p.45)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1:100 000, Folha Rio Maracanã, SD.21-Y-B-II. Esse local, chamado também em muitas entrevistas pelo nome de fazenda Água Limpa, foi antigamente aldeia. Segundo nossa viagem se pode supor que Água Limpa fica aproximadamente 6 km no fundo da Fazenda Tupã no lado sul da BR-364, indo de Diamantino 14,5 km antes da Fazenda Itamarati Norte, medindo ao longo da BR-364. Na época de Rondon (cf. mapa Comissão Rondon) existia no local um cruzamento de estradas, nas direções norte-sul e leste-oeste.

Coordenadas geográficas: 57° 51' W

14° 21' S

10) **Koterokozã** - cabeceira da Aldeia Queimada, afluente do rio Juba.

"**Wazare** falou para **Zakalo**:- Esta cabeceira é para o seu pessoal". (p. 45)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). A cabeceira da Aldeia Queimada é afluente, segundo o mapa da Comissão Rondon, do Rio Jubinha ou Coterocoxá [Koterokozã]. Existe até hoje uma aldeia Paresi Waymare neste local.

11) **Mawera Sewé** = cabeceira da palmeirinha-de-vassoura, afluente do rio Juba.

"...e disse ainda para **Zakalo**: - Esta cabeceira é também para o seu

peçoal." (p. 45)

#### 12) **Kuykaloké**

"Esta lagoa fica aproximadamente 10 Km abaixo da cabeceira do rio Verde, margem esquerda. Ainda hoje em dia, os Paresi dão banho nas crianças nessa lagoa, para prolongar a vida deles."(p. 50)

#### 13) **Tahóli winã** = rio Verde

"...Tauruiná (rio onde a anta toma banho)..."(RONDON, 1946:84)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1: 250 000, Folha Utariti, SD.21-V-D. O chamado Rio Verde ou Tahuruiná faz barra com o Rio Sacre. Existe hoje uma aldeia chamada Rio Verde, na beira da BR-364 e margem esquerda do Rio Verde. Passamos no local nos dias 16 e 17 de setembro de 1996, indo para a aldeia Kotitiko. Ao sul da BR-364 restam algumas ruínas do chamado Posto Rio Verde, cujo início ocorreu em 1967/68 e que fechou em 1981, segundo relatos dos Paresi Benedito e Justino da aldeia Rio Verde.

Segundo nossas observações existem hoje na aldeia, aproximadamente 6 casas feitas com palha, e algumas casas de adobe na beira da aldeia.

14) **Kutitiku sewé** \ **Motyorehitiniri sewé**: cabeceira da fruta do rato ou do araçá, afluente da margem esquerda do alto curso do rio Verde.

"A cabeceira queimada, que fica ali mais para baixo, vai se chamar **Kutitiku sewé** e é para o pessoal de **Zakalo**. Até aqui no rio Verde, fica sendo a terra do **Waymaré**. Daqui para diante, do lado do poente, é de **Kamázu**, chefe dos Cabixi."(p. 50)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). Kotítiko fica 4,4 km da aldeia Rio Verde próximo ao rio Makwatakere. Conta com aproximadamente 16 casas e uma casa pequena, a casa da flauta Jararaca (**YAMAKA**).<sup>24</sup> Todas as casas estão construído no sentido leste-oeste.

15) **Eremoko sewé** = afluente do rio Juba

"...e disse para **Kamázu**:

- **Kamázu**, esta cabeceira é para o seu pessoal". (p. 50)

16) **Ilyawsé** = a cabeceira mais meridional do rio Sacre.

---

24 Segundo Nota 103, Op. cit., p. 30 - Adalberto Holanda Pereira diz: "Flauta-secreta ou jararaca: **yámaka**. As flautas-secretas são guardadas dentro de uma casa própria (**yámaca hanā**). "Toda a aldeia possui a **jararaca**, ou capella de uma forma particular; de facto, ao passo que a habitação é ogival; a **jararaca** é a base rectangular coberta de um tecto a duas aguas como as casas europeas."(BADARITTI, 1898:90) "Muchas vezes los kozárinis empleaban el vocabulo "yararaka" que significa estas flautas y los demás instrumentos de música y objetos ceremoniales, juntos, mientras que llamaban la casa de fiestas "yararaka iamaka"."(SCHMIDT, 1943:40) Quando se anda com a flauta secreta, há chuvisco e o tempo fica escuro. Quando há numa aldeia uma flauta secreta, sempre oferecem para ela chicha de mandioca-brava (**nukazā**) e chicha com polvilho (**olonítí**). As flautas secretas são tabuadas às mulheres, isto é, as mulheres não as podem ver. Se virem, enlouquecem, são levadas para a casa das flautas-secretas e não podem mais ficar no meio das outras mulheres e depois morrem. As meninas menores podem ver as flautas-secretas. "Segregam-nas das cerimonias do seu culto; escondem dos seus olhares os instrumentos sagrados da tribu, afirmando que morre a mulher que os vê; não lhes permitem dansar e cantar em sua companhia."(ROQUETTE-PINTO, 1950:128) "Os Parecis procuram honrar **Enoré** com uma relativa observancia da lei natural, e com festas acompanhadas de danças a que a mulher não assiste. Esta nunca pode ver sequer as flautas, os marraques, os guizos, os clarins destinados as danças sagradas, conservados cuidadosamente em uma espécie de Capella denominada de Jararaca." BADARIOTTI, 1989:86). **Nahorekasé**, **Zolorekasé**, **Zalathoré**, **Zalomokoté** e **Zalakixihokó**, são os Donos das flautas-secretas, abaixo da cabeceira do rio Papagaio. Mas o filho de **Nahorekasé** estava brincando na água, afogou-se e morreu. Então **Nahorekasé** mudou para a aldeia **Zutyakwaré**, defronte da Cabeceira do Osso (**Tanore hanā**. **tanore**: armadilha de corda; **hanā**: casa. L.: casa da armadilha de corda). Hoje Pareisi busca taquaruçu-o-seco para as flautas secretas na cabeceira do Osso. Quando vão tirar taquaruçu-do-seco, deixam presentes para os Donos das flautas-secretas. Os presentes são: roupa (**imití**), batom, esmalte (**himáti**), fumo (**azie** - *Nicotiana tabacum*), óleo de cabelo (**ayryazerô**) e outras coisas. Assim **Nahorekasé** mostra fácil. Apensas o taquaruçu-do-seco tem muito buraquinho, é porque nesse ano vai acontecer muita morte e a festa não vai correr bem....)"

"**Kamázu**, esta cabeceira é para você e sua geração". (p. 50)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). [A cabeceira mais meridional segundo mapa da Comissão Rondon chama-se Iliô-sê]. Em 1910 Max Schmidt passou por essa aldeia à qual se reporta em seu artigo. Os habitantes de lá até hoje ainda lembram do alemão. Os Paresi também lembram da passagem da Comissão das Linhas Telegráficas junto com Rondon. É até hoje uma grande e bela aldeia a leste da área indígena.

17) **Kyawro sewé** = cabeceira do Estivadinho, afluente do rio Jauru.

"Esta aqui é para o seu pessoal, **Kamázu**." (p. 51)

18) **Aryawtokosã** = cabeceira da figueira, afluente do rio Jauru.

Quem deu o nome a esta cabeceira foi a Mãe da Lua.

19) **Manánalo sewé** = afluente do rio Papagaio.

"[**Kamázu**] Esta aqui é para sua geração".(p. 51)

20) **Xikazeré** = afluente do rio Jauru.

"[**Kamázu**] Esta aqui é para a sua gente."(p.51)

21) **Wazolohatyã sewé** = cabeceira do Cágado.

"**Wazare** (...) disse para **Zawloré**, do grupo **Kaxíni**:"

- Esta cabeceira é para a sua gente."(p.51)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). Passamos no dia 21 de setembro



de 1996 na cabeceira do Cágado [cabeceira dos Cágados] ou também denominado Uazuliatiá [Wazolohatyã]. Localiza-se no lado norte da BR-364, alguns quilômetros antes do Posto Parecis, antigo posto telegráfico. Passa no fundo do mesmo posto e emboca mais tarde no Rio Sumidouro ou Sumidouro Grande. Badariotti se refere à cabeceira do rio dos Kagados (p. 113). Refere-se o mesmo autor também ao Xacuruhina (p.124) e ao rio Verde (p. 137)

22) **Tolomare sewé** = cabeceira do pica-pau-de-cabeça-vermelha. Cai no rio Parecis, afluente do Arinos.

"...disse para Zawloré: - Esta cabeceira é para seu povo."(p. 51)

23) **Ahoza winã** = cabeceira do Lobão.

"...disse para **Zawloré**:

- **Kaxínti** vem até aqui. Daqui para diante é terra dos **Kawáli**. **Mazakaré** é o chefe dos **Kawali**."(p.52)

24) **Olóri winã** = cabeceira da flor, afluente do rio Ponte de Pedra.

"**Mazakaré**, esta cabeceira daqui é para sua gente."(p. 52)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1: 250 000, Folha Utiariti, SD.21-V-D. A cabeceira da flor (ou cabeceira do Rio das Flores), também denominado Lori-uiná [Olóri winã] é afluente do Rio Ponte de Pedra. Passamos no dia 17 de setembro de 1996 no local, indo de Campo Novo do Parecis para Ponte de Pedra. A entrada para a cabeceira e então hoje Fazenda das Flores fica 12,4 km antes de Ponte de Pedra.

Na época do Rondon existia na proximidades da cabeceira, o Barracão do

Orlando.

Coordenadas geográficas: 57° 33' W  
13° 35' S

25) **Tákwirã winã** = cabeceira Cantagalo

"Chegaram a outra cabeceira. **Wazare** chamou de **Tákwirã winã**" (p. 52)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1: 250 000, Folha Utiariti, SD.21-V-D. A cabeceira do Ribeirão Cantagalo encontra-se nas proximidades da cabeceira da Flor. Emboca no Rio do Sangue na chamada *Passagem do Americo*, perto do local aonde a linha telegráfica atravessa o Rio do Sangue.

Coordenadas geográficas: 57° 31' W  
13° 40' S

26) **Zoláhã winã** = cabeceira do rio Membeca

"**Mazakaré**, esta cabeceira é para a sua gente." (p. 52)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1: 250 000, Folha Utiariti, SD.21-V-D. O Rio Membeca é afluente do Rio Sangue. Na sua cabeceira, na margem esquerda passa uma estrada no sentido norte-sul que liga Água Limpa com Utiariti, existente até hoje. Passámos na estrada no dia 17 de setembro de 1996.

Coordenadas geográficas: 57 55' W  
13 40' S

27) **Katyula winã** = cabeceira do Esperança, afluenta do rio Cravari.

"**Mzakare**: Esta cabeceira é para a sua gente"(p. 52)

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952). A cabeceira do Esperança, afluenta do Rio Cravari, encontra-se nas proximidades de Capanema, antiga estação telegráfica e posteriormente Posto Indígena. A cabeceira do Esperança também é cortada pela linha telegráfica.

Coordenadas geográficas:                        57 48' W  
   13 20' S

28) **Walako winã** = cabeceira da piava, afluenta do rio do Sangue.

"Esta é a última cabeceira de caça de sua gente, **Mzakare**.  
Aqui acabou a distribuição das terras".(p. 52)

Seguem as localidades das **variantes**, exceto as já citadas antes:

29) **Zaná sewé\hana sewé** = cabeceira do jenipapo

30) **Sewékwá sewé** = cabeceira do sal, afluenta do rio Sacre.

31) **Markakwaré** = olho d'água, na cabeceira do rio Sacre.

32) **Zalikotaé** = afluenta do rio Jaurú

33) **Waxírimi sewé** = cabeceira do rio Guaporé

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1:250 000, Folha Uirapuru, SD.21-Y-A. A cabeceira do Rio Guaporé encontra-se do

lado sul da Br-364 e é contravertente do Rio Papagaio.

Coordenadas geográficas: 58 57' W  
14 35' S

34) **Misahanazã** = fica entre o rio Buriti (Zoláhãwinã) e o rio Papagaio, onde existe uma lagoa muito grande.

Cf. mapa da Comissão Rondon (1952) e mapa topográfico 1:250 000, Folha Utiariti, SD.21-V-D. Em nenhum dos mapas citados acima foi possível identificar uma lagoa. Porém deu para localizar o Rio Buriti ou Córrego Buriti e o Rio Papagaio. Daniel M. Cabixi identificou a lagoa.

35) **Walomazasé/Zutiare hanazã** = cabeceira da casa do veado-campeiro.

36) **Hanawakosé** = cabeceira da Capoeira

37) **Saye sewé** = cabeceira da sumaneira

38) **Xiririhoré Inyosé** = afluente do rio Sacre

39) **Haná winasé/Zaná winasé** = cabeceira do Boi Morto, afluente do rio Juruena.

Cf. mapa topográfico 1:250 000, Folha Uirapuru, SD.21-Y-A. Ao longo da BR-364 vê-se um local chamado Boi Morto. Encosta no Rio Juruena. Segundo o mapa topográfico nenhuma cabeceira ou córrego é marcado com o nome Boi Morto. Na cabeceira atualmente existe a aldeia Boi Morto.

Coordenadas geográficas: 59 03' W  
14 38' S

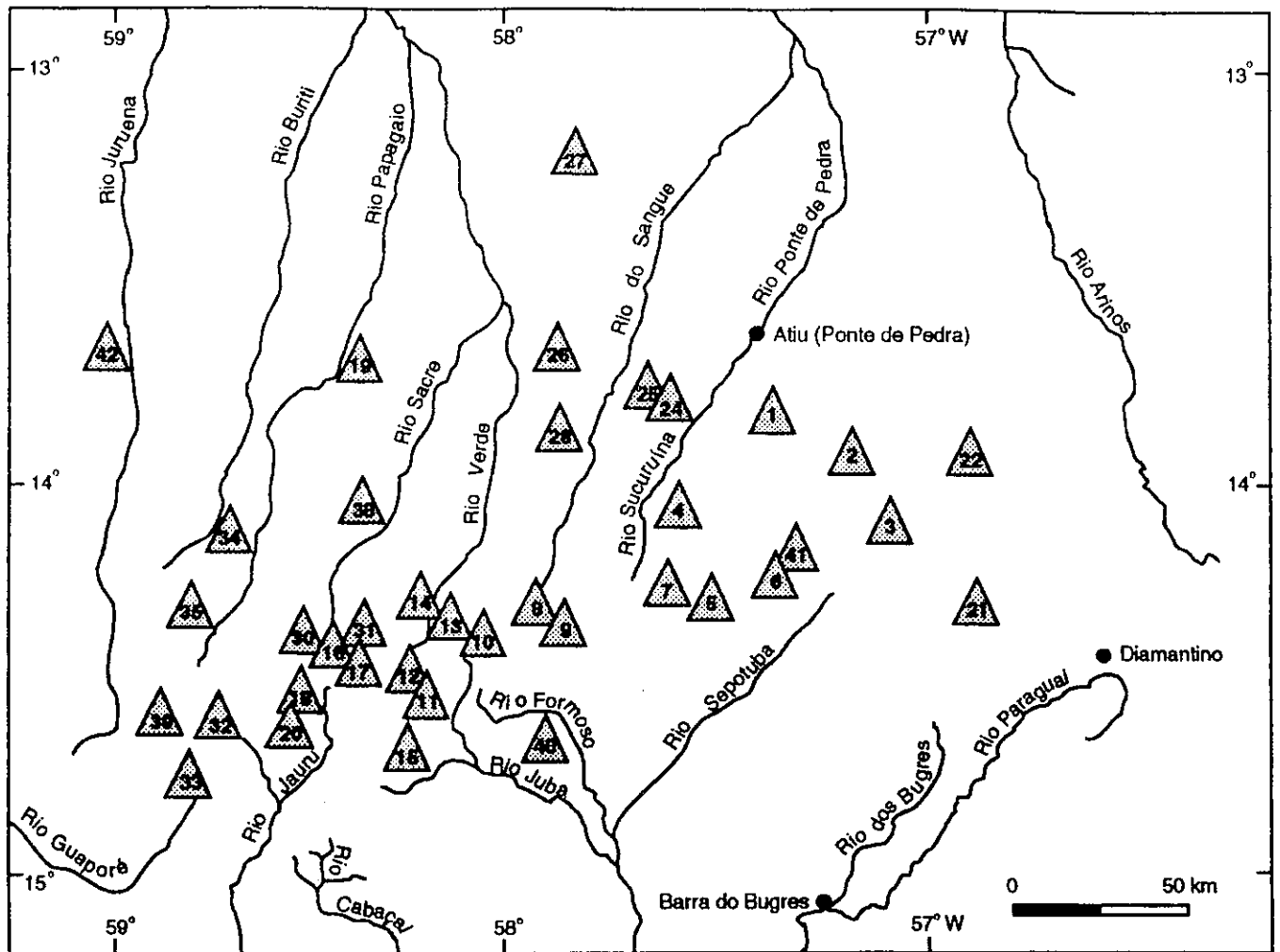


42) **Zukalamalasã** = rio Camararé, afluente do rio Juruena

Em entrevista com Adalberto Holanda Pereira no dia 22/09/94, autor do livro sobre o pensamento mítico dos Paresi, que viveu 16 anos entre eles, afim de identificar algumas cabeceiras apontadas nos mitos, resultou numa versão de croquis preliminar. Markus plotou as coordenadas geográficas através do mapa de Rondon (Rondon 1952) e mapas topográficos recentes, complementando os locais em falta e outros com localização incorreta. Daniel Matenho Cabixi colaborou também na identificação de algumas cabeceiras e lagoas desconhecidas.

**Cada número no mapa corresponde ao do texto.** Os números que não constam não foram identificados.

### Locais segundo o mito de origem dos Paresi



Elaboração: D.L. Pivetta & M. Blumenschein, 1996

Fonte: Pereira 1986

Cartografia: M. Blumenschein

Obs.: As localidades 23, 36 e 37 não foram reconhecidas

\*\*\*\*\*

Além do que foi apresentado acima, o mito de origem possui ainda elementos de ordem normativa, tais como aqueles relativos à necessidade da reprodução da sociedade através do trabalho.

Por exemplo:

"É certo que eu sou o Pai da doença, mas eu vou escolher só aqueles que vivem deitados na rede, sem trabalhar, disse o Pai da doença, e saiu."<sup>25</sup>

Há ainda exortações ao fuxiqueiro, ao ciumento. É um vaticínio cruel:

"Essa sua gente vai toda acabar". **Wazare** perguntou para Kamayhié: - O que eles estão querendo dizer com esses sinais? - Que já andaram por essas cabeceiras todas, antes de você sair da pedra e que a nossa gente não vai ter muita vida, não. (Nota de rodapé: "Eu acho que Kamayhié falou certo, **porque os Paresi já estão mesmo se acabando**", disse um informante.")(p.53)

Há orientação expressa no procedimento que se deve adotar na relação com a natureza:

"Que coisa **Wazare** trouxe de presente, para levar minha filha? - Trouxe um machado de pedra. O Avô da árvore disse então para **Wazare**: - Eu não dou minha filha; para você, **Wazare**, porque o machado de pedra acaba com todas as árvores."<sup>26</sup>

---

25 Op. cit., p. 41

26 Op. cit., p. 85



Enfim o mito da origem transmitido de geração a geração é continuamente relatado. Em nossa viagem de campo, por exemplo, o chefe João Garimpeiro passou a narrar espontaneamente o Mito de Origem Paresi, por mais de duas horas, como a nos mostrar que sua identidade tem um local de origem que é Ponte de Pedra para onde estávamos nos dirigindo.

## V. TERRITÓRIO ETNOHISTÓRICO PARESI

Estivemos por duas vezes nas aldeias do Rio Verde e Kutitiku e o contato com os Paresi despertou o interesse em descobrir que território ocupavam no passado, pois a entrevista com velhos (João e Damião), aponta um território pelos menos três vezes maior que o atual. Estendia-se de Nobres até o Juruena no sentido sulnorte. Vejamos então o que dizem os autores consultados, pois **para ter noção do presente é necessário saber o que aconteceu historicamente**. Esse acontecer é sempre fragmentado, se forem considerados somente os dados das entrevistas. Optamos então por trazer à memória os limites territoriais constantes em alguns autores, bem como o processo expropriativo a que foram submetidos.

Embora tivéssemos percorrido parcialmente o território Paresi histórico e originário, parece difícil entender o que aconteceu sem visualizar através dos autores anteriores, o percurso do processo.

A literatura acerca da região denominada "Serra dos Paresi", bem como do dilatado "Reino dos Parecizes" - é abundante, embora pouco disponível.

As primeiras informações da sociedade Paresi remontam a 1553. A "Breve Notícia" de Antonio Pires de Campos, apresenta o ano de 1718 como o **marco do primeiro informe** da sociedade Paresi. Essa 'notícia' de Antonio Pires de Campos é resultado de suas observações como preador de índios e coletor de pedras preciosas. A sua investida é marco paradigmático das relações que se estabeleceram entre os Paresi e as frentes da sociedade brasileira: preação e escravização. Ainda persistem estes procedimentos, tendo como ponto de partida o esbulho (pelas constantes invasões do território Paresi, por exemplo, travessia da linha telegráfica, estradas, empreendimentos agro-pecuários e petrolíferos) e expropriação do seu território tradicional, bem como o aliciamento de mão-de-obra para as

atividades inerentes à agricultura, com vista a manter e alimentar um **determinado** estilo de "desenvolvimento".

Segundo o pesquisador José de Moura e Silva<sup>27</sup> as primeiras notícias dos Paresi remontam a 31 de maio de 1553.

"Primeiro foi descoberto o sertão diamantinense pelas bandeiras de preia. Virgílio Corrêa Filho fecha o panorama histórico das bandeiras de Mato Grosso na segunda metade do século XVII, dizendo: ...as bandeiras, em vagas, se irradiaram por outros sertões em demanda de mais índios...irromperam nas terras dos Paricis e nas margens do Guaporé...Para seu contemporâneo, Manoel de Campos Bicudo, essas paragens não têm segredos. Por 24 vezes, repete as suas entradas ao sertão, pelo qual entre 1670 e 1673, depois de esquadrinhar todos os rincões, do Paraguay aos Parecis..."(NAM III, pp.43-44). Assim foi que antes de encerrado o sec. XVII...E cativaram os...e escalado o planalto, a oeste, os pareci, na região que lhes tomou o nome". (Enc. M., p. 22. col. 2. E completa: "Seguindo sempre a mesma direção, penetravam no vale do Guaporé, onde anteriormente estivera Manoel Bicudo, grande preador de índios Parecis, que lhes abriu caminho, pois suas pegadas foram seguidas pelos novos aventureiros que alcançaram o planalto dos Parecis, já devastado pelos seus predecessores..."(Enc. M., pp. 216-217)<sup>28</sup>

José de Moura e Silva apresenta nas palavras de Virgílio Corrêa Filho a opinião do cronista Cabral Camelo:

"Numerosos e refratários às pelejas, foram preferidos pelos preadores, que não tinham dificuldades em cativá-los às centenas, ermando-lhes os dominios, apesar dos alvarás

---

27 A primeira notícia escrita referente a Diamantino muito alheia à cidade, diz respeito ao sertão diamantinense e aos índios Paresi e remonta ao longínquo 31 de maio de 1553. O soldado português Antonio Rodrigues subiu o rio Paraguai e mais tarde, na ordem jesuíta a mando do padre Manoel da Nóbrega, escreveu que viu a fundação de Buenos Aires, de Assunção e segue: "obedecem e que em sua língua chamam Cameri. Não comem carne humana" (LEITE, in Moura, 1980:2)

Segundo o comentário do historiador Serafim Leite: "A nós parece-nos que Parais, sugere também a idéia de Parecis. Desta cidade fomos mais adiante a conquistar terras e subimos mais acima 250 léguas e chegamos perto do Maranhão e Amazonas. Chegamos ao Parais, gente lavradora, muito amigos dos cristãos. Tem um principal a quem obedecem..." (LEITE, 1937:129)

28 Op. cit., p. 3

proibitivos".<sup>29</sup>

Pelos sobreditos pode-se concluir que um dos principais fitos das bandeiras era prear índios, especificamente Paresi, por serem dóceis. Seus domínios eram *ermados* ou seja despovoados, para escravização e seu território expropriado para outra forma de ocupação.

No presente século temos a versão Paresi, do modo como historicamente a sociedade brasileira se relacionou com eles, segundo Daniel Matenho Cabixi, da Nação Ariti chamada pelos *imuti* (brasileiros) de Paresi:

"Se formos analisar os fatos históricos, desde o descobrimento do Brasil, constatamos que a imagem criada sobre o índio, como também o desprezo pelo índio, obedeceram e obedecem a uma ideologia colonialista e de dominação que joga com a narração dos fatos históricos segundo seus interesses para perpetuar circunstâncias tais como eles apresentam deturpando a autenticidade histórica. Tanto assim é que na ocupação do atual território nacional, houve sucessivas guerras aos índios. Guerras de extermínios e massacres justificados pelas chamadas "guerras justas", "entradas" e "bandeiras". Auxiliaram a destruição dos povos indígenas as doenças e epidemias nunca dantes conhecidas pelos índios. A espoliação e roubo das terras indígenas se processou sob o pre ex o de sermos "quis os sociais e improdutivo" que em nada colaboramos com a grandeza do país. Isto é uma acusação tão antiga como atual<sup>30</sup>. Além disso tudo, o índio não rende votos, não tem influência política e não possui poder aquisitivo. Essas e outras razões são causas que justificam o descaso total pelo problema que afeta as populações

---

29 Op. cit., p. 4

30 É tão atual que há declarações como a do sociólogo Hélio Jaguaribe (Folha de São Paulo, 30/8/94, p. 1.4): "é preciso acabar com o índio. Não vai haver índio no séc. XXI. A idéia de congelar o homem no estágio primário da sua evolução é, na verdade, cruel e hipócrita". Estas afirmações indignaram os cientistas sociais e o antropólogo Gilberto Velho disse que: "É uma barbaridade. É inacreditável que alguém tenha dito isso. Qualquer proposta de padronização social é autoritária. Não existem "índios", mas sim grupos culturalmente diferenciados e com diversas formas de relacionamento com outros grupos sociais. "Nos preocupamos é que esses grupos tenham direito de definir sua coexistência com os outros. Deve ser garantido que eles não sejam destituídos desses direitos por interesses políticos ou econômicos mais poderosos".

indígenas".<sup>31</sup>

Por outro lado, é notável a capacidade de resistência da nação Paresi, como se pode perceber na exposição de Max Schmidt:

"Según la "noticia" citada de Joaquin Alves Ferreira ya en el año de 1848 el numero de los Paressis se habia disminuido considerablemente. En el Anexo de año de 1948 (sic), [deve ser em 1848] relata explicitamente que la causa de esa disminucion fue el cazar esclavos en esas regiones. Según el quadro sinoptico del Archivo mencionado de la "Diretoria de los Indios", ascendia en el año de 1848 a 250, aquén de los Uaimarés, llamados en el quadro de mahimbarés, a 400 e aquél de los "Cabixis", versossimilmente identicos a los Kozarinis a 500 y, estos numerosa de las respectivas poblaciones están conservados también en el quadro sinóptico del año de 1872".<sup>32</sup>

Nessa época a população Paresi era de 1.150 pessoas. Hoje (1996) considerando os desaldeados (que vivem nas cidades de Cuiabá, Tangará da Serra e outras), a população é de 800 pessoas. Deve-se ter em conta que, no tempo de Rondon (1907), a população era de 340 pessoas.

Embora as primeiras notícias dos Paresi remontem a 1553, foi de fato Antonio Pires de Campos<sup>33</sup> quem inequivocamente descreveu, em 1718<sup>34</sup>, a existência do "dilatado reino dos Parecizes":

**"Naquelas dilatadas chapadas habitam os Parecis, reino mui dilatado, e todas as águas correm para o Norte. E esta gente tem tanta quantidade, que se não pode numerar as suas povoações e aldeias,**

---

31 CABIXI, Daniel Matenho - "A Questão Indígena". CDTI. 1984. Cuiabá.

32 SCHMIDT, Max - Los Paressis. in *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Tomo V. N. 1, 1943, p. 13.

33 PIRES DE CAMPOS, A. - Breve noticia que dá (...) in *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXV, 1862. Rio de Janeiro, pp. 40-4.

34 Elizabeth Madureira Siqueira discute em seu trabalho "Os Aliti" (mimeogr. 1991:26), a data desse documento, sugerindo 1728 ou 1732.

muitas vezes em um dia de marcha se lhes passam 10 a 12 aldeias, e em cada uma destas tem 10 até 30 casas, e nestas casas se acham algumas de 30 até 40 passos de largo, e são redondas, de feitio de um forno, mui altas e em cada uma destas casas..."<sup>35</sup>

Muito embora os índios de um modo geral e os Paresi em particular, sejam discriminados, estereotipados e as relações com eles se dêem em base a representações preconcebidas, na verdade, a apropriação do saber indígena é e foi fator preponderante para segurança na realização das atividades extrativistas em território indígena, considerado pelos nacionais como "terra de ninguém".

Porém, João Salustiano Lyra<sup>36</sup> refere-se inúmeras vezes aos trilhos de índios, seguindo pelo contorno das cabeceiras dos rios:

"...continuamos a levantar os trilhos que despontam cabeceiras que correm para o Cravary, nas quaes existem ricos seringais".

Escreve ainda:

"Os primitivos trilhos dos índios, ligando as origens das cabeceiras, que na mesma vertente, quer em vertentes opostas, foram os caminhos que orientaram os pioneiros da civilização nestes desertos e atualmente se erigem em verdadeiras estradas seringueiras".

Esta apropriação da experiência e do saber indígenas, a necessidade do saque, a introdução do trabalho semi-escravo pago à base de quinquilharias, faz parte da alteração das relações sociais, no processo de expro-

---

35 Op. cit., p. 443

36 LYRA, João Salustiano - Variante da Ponte de Pedra ao salto Utiriti e Aldeia Queimada, **Publicação N. 7, Anexo n. 3 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas**, Papelaria Luiz Machado, Rio de Janeiro, 1908. pp. 4-8.

priação territorial para ocupação predatória inicialmente e acumulativa a **posteriori**. Os seringalistas e seringueiros não se interessam pela terra em si, mas apenas enquanto esta possuía seringueiras para extração do latex<sup>37</sup>, mas isso não impediu a devastação do território, pelas atividades inerentes ao seringal.

Segundo a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira<sup>38</sup>:

"Desde o sec. XVI, os paulistas se utilizavam do trabalho indígena, seja na lavoura e criação, seja junto às bandeiras, uma vez que para adentrarem o sertão, necessitavam do saber indígena, básico e fundamental para o sucesso da atividade sertanista. A apropriação desse saber, forneceu aos paulistas segurança para empreendimentos de risco, pois os indígenas serviram-lhes de guias, através do sertão, tenha ele sido percorrido a pé, ou através do sistema de monções. Portanto caçar índios significava manter um arsenal de saberes diversificados de acordo com a região onde esse preamento tivesse ocorrido e sobretudo, representava a certeza de uma expansão realizada com segurança".

Muito embora, a autora esteja se referindo a Antonio Pires de Campos em sua atividade preadora, o mesmo vale para as atividades seringueiras, relatadas por João Salustiano Lyra e Darcy Ribeiro.

Segundo Darcy Ribeiro:

"O que importa na Amazônia é o domínio da via de acesso que leva aos seringais. E este domínio não assume, senão acidentalmente, a forma de propriedade fundiária. É imposição de quem dispõe dos meios de transporte e controla os trabalhadores. O seringal é por isso empresa desvinculada da terra; seu elemento é o rio no qual o homem se fixa

---

37 RIBEIRO, 1979:25 - "Este caráter móvel da indústria extrativa a torna muito mais destrutiva para a população indígena porque vai alcançá-la onde quer que esteja. Enquanto na economia agrícola ou pastoril a expansão se faz de forma mais ou menos contínua, o seringal segue sempre à frente, rompendo qualquer veleidade de resistência por parte do índio, deixando, embora, um deserto atrás de si e espichando cada vez mais seus caminhos".

38 SIQUEIRA, Elizabeth Madureira - *Aliti*, Mimeogr. UFMT, 1992, p. 3

como povoador, mas apenas se instala como explorador até o esgotamento dos seringais".<sup>39</sup>

Candido Mariano da Silva Rondon também se valeu das trilhas indígenas para os estudos iniciais do traçado, visando a implantação das linhas telegráficas. Além disso, todo o trabalho de levantamento (hídrico, botânico, etc...) realizado pela Comissão Rondon foi executado graças aos guias indígenas<sup>40</sup> que se tornaram legendários como Matias Toloiri, guia de Rondon e Pedrinho Paresi, guia de Max Schmidt. Desenhavam os mapas com precisão, conheciam rios e córregos, como todos os acidentes geográficos, auxiliando Rondon na reformulação das cartas geográficas até o início do sec. XX imprecisas.

Rondon refere-se ao seu guia exaltando-o:

"Toloiri era um auxiliar precioso, não só para as caçadas de que muitas vezes teria de depender a nossa alimentação, mas também para o serviço de batedor. Dotado de grande inteligência, ele apreendia com tato admirável as dificuldades que havia a remover na exploração e abertura da picada. Todos os dias, depois da chegada ao lugar escolhido de véspera para acampamento, ia reconhecer a vanguarda, estudar o terreno, os matos, as passagens dos rios, e dos menores acidentes apanhava a significação topográfica com tanta clarividência que as suas informações nos davam sempre o melhor traçado da marcha seguinte".<sup>41</sup>

Eram esses saberes diversificados que punham em segurança as tarefas e intuits civilizatórios de pacificação, apropriação, expropriação..., enfim

---

39 RIBEIRO, Darcy - **Os Índios e a Civilização**, Edit. Vozes, Petrópolis, 1979, p. 25

40 Entre os guias famosos está Matias Toloiri, que morreu nas tarefas às margens do Juruena, por problemas pulmonares, (RONDON, 1946:21,26,28-29,38,41). Outro guia famoso é Maurício Tupxi que, segundo PEREIRA, (1991:1) "participou durante 18 anos (1957-1975) de 16 expedições de contato".

41 RONDON, Candido Mariano da Silva - **Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo**, 2a. ed., Publicação N. 68 da "Comissão Rondon", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1946, p. 38.



ensinavam o caminho para colocar-se diante de um trágico destino a esperá-los, o embate com a sociedade nacional, numa luta de princípios diferentes e antagônicos; os indígenas aplicando o saber para a reprodução da vida e o nacional inutilizando a vida com vista à acumulação alheia.

Rondon imaginava que construir a linha telegráfica era um grande feito heróico e civilizador e que fazendo-o através de meios pacíficos estaria resgatando a memória dos brancos, face às atrocidades por eles cometidas contra os índios:

"Por uma embaixada de que encarreguei o Major Coluizorecê, eles [os Índios] terão notícias das medidas ultimamente adotadas pelo governo, a favor da população indígena, bem como da sinceridade das intenções pacíficas da Comissão das Linhas Telegráficas. Assim se pode com muita razão esperar que dentro em breve estejam desenvolvidas e consolidadas aquelas incipientes relações, por ora empanadas pelo sentimento de desconfiança que lhes ficou...[devido ao massacre promovido por Domingos Antonio Pinto]."42

Mal imaginava Rondon que rasgando os territórios tribais com a linha telegráfica, estava também realizando uma invasão de consequências irreversíveis para as sociedades tribais e sem indenização da parte da sociedade brasileira. Disso foi avisado pelo seu guia Matias Toloiri:

**"...só a mim, amure Cândido Rondon, cabia responder pela invasão destes territórios".**43 [grifo nosso]

Por outro lado, Rondon tinha plena consciência que a estrada propiciava aos extrativistas, o acesso fácil aos territórios tribais para exploração de drogas nativas. Constituía-se meta de Rondon, transformar no futuro as sedes das linhas telegráficas em núcleos habitados e pequenas cidades

---

42 RONDON, Candido Mariano da Silva - Conferências, N. 68, p. 88.

43 Idem, p. 22

povoadas, alcançando assim o terceiro estágio do positivismo, a civilização na qual convivessem nacionais e índios como patriotas irmãos. Algumas cidades como Vilhena, Pontes e Lacerda e Rondonópolis surgiram de estações da própria linha telegráfica. Outras surgiram nas circunvizinhas.

Assim fala Rondon:

"...também não me demorarei na enumeração das fortunas feitas por fazendeiros e criadores à custa do trabalho dos pobres índios; para compreender-se quanto é injusta a acusação levantada contra eles, de serem indolentes e inúteis, basta lembrar que na zona percorrida pelos expedicionários de 1907-1909, não havia um estabelecimento de seringa, de caucho ou de poaia, no qual grande parte, e às vezes todos os trabalhos não fossem feitos por índios.

Desrespeitados em suas pessoas e em suas famílias; perseguidos, caluniados, eles vivem em situação misérrima: se aceitam a sociedade do branco, ficam reduzidos à pior das escravidões - a de escravos cuja vida não interessa ao senhor; se se embrenham nas matas, são acossados e exterminados a ferro e fogo".<sup>44</sup>

Enfim, Rondon também parece perceber que levar os índios ao terceiro estágio - **a civilização** - significa escravidão e morte.

Rondon se reporta a uma questão irrelevante em princípio, qual seja a de mostrar que não fazem jus à realidade os estereótipos e preconceitos que os nacionais tem dos índios: inúteis e preguiçosos. A questão principal a ser levantada é a alteração de relações de produção com a incorporação do espaço tribal coletivo expropriado dos nativos, com vista à acumulação e a apropriação da força-de-trabalho de modo compulsório: a ferro e fogo.

Inicialmente a movimentação seringueira foi possível, devido às trilhas indígenas e à condução por guias nativos aos caminhos dos seringais, bem

---

44 Idem, pp.101-102.

como pela apropriação da mão-de-obra a troco de quimeras, tendo em vista os novos hábitos dos indígenas "mansos" de consumir produtos "civilizados" tais como roupas, sal, açúcar e outras quinquilharias valiosas para eles como os rudimentares instrumentos de ferro: machado, enxada, foice, que substituíram os instrumentos de pedra que utilizavam, antes do início do século XX.

Para a nascente ocupação capitalista, de fato, não interessava a mão-de-obra indígena e nem o irrelevante mercado consumidor, mas apenas a terra como meio de produção.

É nisso que se explicita a dupla e contraditória ação do Estado, por um lado protetor dos nativos e de sua cultura e por outro mediador da expropriação.

"Por confiar ingenuamente nos dogmas de uma filosofia que procurava etemizar a sociedade burguesa, Rondon não conseguiu perceber as contradições da sociedade em que vivia. Não poderia imaginar que as relações econômicas que estavam penetrando o sertão, em breve transformariam o índio num produtor de valores, e os animais, vegetais e minerais e a terra, em meros veículos do valor criado. Nem poderia pensar que essas relações econômicas eram sustentadas juridicamente pelo Estado, e que a função do Estado é dar proteção ao Capital".<sup>45</sup>

As trilhas indígenas foram os indicativos que auxiliaram na abertura da linha telegráfica e estrada<sup>46</sup> que a seguia rasgando os sertões e possibilitando atingir até os últimos recantos da Amazônia. A comunicação é o veículo do poder.

---

45 GAGLIARDI, 1989:168.

46 Uma estrada sempre proporciona condições para incorporação de novas faixas de terra para extração, agricultura, pecuária In: GRAZIANO DA SILVA, J. F. - **Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira**, SP, Edit. Hucitec, 1978.

"Rondon sabia que as linhas telegráficas estavam escancarando as portas do sertão e que o povoamento era irreversível. Pelo picadão de quarenta metros de largura, brevemente começariam a chegar os negociantes, os fazendeiros, as indústrias e os bancos. Vilas, que um dia se tornariam grandes cidades, seriam construídas ao longo do seu traçado".<sup>47</sup>

Edgar Roquette-Pinto nos apresenta um breve reumo dessa região, bem como informes de outros autores que se referiram aos Paresi:

Cuiabá - Matto-Grosso:

"Fez parte da Capitania de São Paulo até 1748, o território de Matto Grosso. Nesse ano, por Carta Régia de 9 de maio subiu àquela categoria. Mas o próprio documento oficial não precisou bem os limites da nova província "pela pouca notícia que ainda havia naqueles sertões" conforme nele se declara. Há todavia, documentos de que a denominação de Matto Grosso começou a ser empregada, em 1735, ao principiar o povoamento dos afluentes do Alto Paraguai, que tem as margens cobertas por espessas florestas até hoje, apesar da boa vontade com que hoje os sertanejos procuram destruí-las pelo fogo. No Livro 2º da Provedoria da Fazenda Real de São Paulo, em 1734, a fls. 26 v. há uma ordem averbada, para se arrecadarem os dizimos que estavam devendo "os moradores ou assistentes na Sepetuva, Jaurú e mais sertões dos Parecizes". Esta informação de Felipe José Nogueira Coelho, publicada na "Revista o Instituto", em 1950, complementa-se por outra, da mesma origem, segundo a qual, no mesmo livro, pg. 33, há um edital de 20 de janeiro de 1735, em que o Sargento-Mor, Apolinário de Oliveira, fazer uma experiência no sertão dos Parecizes". Que sorte de experiências se fizeram, não nos adianta o cronista, e nem importa o caso. Seriam provas de ouro. Porém fica bem claro que, por aquele tempo, aparecia correntemente o apelativo em estudo. Outros contam a história desse batismo geográfico da maneira mais meuda. Dizem que, em 1736, certo Luiz Rodolfo Villar fez partir de Cuiabá uma comitiva para explorar a "campanha dos Parecizes". A tropa cortou rumo para o poente, e no fim de algum caminhar deu em matos virgens de arvoredo muito elevado, e foi apelidada Mato-Grosso, para usar dos próprios termos da "Notícia" de José Gonçalves Fonseca. O segundo documento confirma o primeiro, e pois, foi em 1735-6, que o nome atual surgiu, de uma vez, para crismar o sertão de Cuiabá. Notemos, porém de passagem, que, pelo primeiro, o Mato Grosso aparece nas margens dos afluentes do Paraguai; e, ao que se lê no segundo, as grandes

---

47 Op. cit., p. 166.

florestas achadas pela gente de Villar, estavam ao poente de Cuiabá, a alguns dias de marcha. Poderiam ser as primeiras matas da bacia do Juruena. Seja como for, a descoberta desse mato é de 1736, e Antonio Pires, muitos anos antes, já tinha cruzado o chapadão que denominou "Reino dos Parecís".<sup>48</sup>

Nas Noticias da Capitania de São Paulo, Francisco de Oliveira Barbosa se refere em 1792 aos Paresi e Bororo (orientais) como mão-de-obra utilizada para subalternizar outras nações indígenas:

"No centro das margens desse rio há muitos gentios Bororos e Parecis; dos quaes se serviam os primeiros descobridores para conquistarem os demais gentios de diferentes nações, por serem valorosos e insignes trabalhadores".<sup>49</sup>

Em seqüência aos registros históricos que se referem aos Paresi, encontramos o do Diretor Geral dos Indios da Provincia de Mato-Grosso, de 1848:

"Parecis - avalia-se em 200, o número de individuos desta nação, outrora celebre e guerreira. Vivem em diversos grupos aldeados nos altos terrenos denominados Serra e Campos dos Parecis, e vagueião desde as imediações do Diamantino até os arraiaes do Distrito de Matto-Grosso. Posto que algumas vezes se occultem de nós e manifestem desconfiança, em geral parecem dispostos a estreitar as relações que têm conosco, vizitando de tempo a tempo as nossas povoações onde procurão ferramentas de lavoura, vestuario e quicalharia em troco de peneiras, pacarás, cordes de rêdes, pennas, cuias e fumos que preparão e enrolam comurumbanba e são muito estimados dos fumantes. Pouco entendem e falão o nosso idioma. Nunca nos hostilizão abertamente; suspeita-se, porem que às vezes misturão-se com os Cabixis para cometer maleficios."

Mahimbarés - Esta nação hé maior que a dos Parecis. Divide-se em diversos grupos de familias que vivem aldeadas, nos sertões dos Parecis com quem se relacionam.

---

48 ROQUETTE-PINTO, EDGAR, Op. Cit., P. 25-26.

49 BARBOSA, S. de O. - Noticias da Capitania de São Paulo, da América Meridional, escriptas no anno de 1792. *Revista Trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, V., 1843.

Sustentão-se da caça, do milho, mandioca, bananas, batatas e carás que cultivão. Poucas relações têm conosco, posto que algumas vezes venhão às nossas povoações em companhia dos Parecis.

Cabixis - Nação bastante numerosa, que habita em diversos alojamentos os Campos dos Parecis, a Noroeste, em 15 ou 20 leguas de distancia. Athé hoje indomita, sempre manifestou disposição hostil para conosco. Os nossos arraiaes e moradores do Districto de Matto-Grosso, muitas vezes foram assaltados por esses Indios que annualmente repetem as suas correrias, matando e roubando, incendiando, e são temporariamente contidos pelo medo das *bandeiras* que de vez em quando se expedem contra elles".<sup>50</sup>

Outro viajante a percorrer<sup>51</sup> o território Paresi - Bartolomé Bossi - buscava a famosa mina dos Martírios, mas temia os ferozes Tapañunas.<sup>52</sup> Badariotti diz que a sete leguas de um local chamado Victoriana (lat. 14 graus e long. 58° 8' oeste) se "encuentra una *maloca* de Indios *Cabixcis*, inofensivos por su poco valor e por su corto numero."<sup>53</sup> A partir daí se depara com o território dos Apiaká, Tapayuna e Morcegos. No regresso a porto Esperança, encontrou-se com os Paresi, assustando-os com sua máquina fotográfica tida por eles como instrumento de extermínio...querendo trocar a escopeta pelo filho do chefe que respondeu: si mi hijo de vá, ell llora, yo lloro...mi hijo muere, yo muero.<sup>54</sup>

A expedição do Padre Nicolau Badariotti, com o objetivo de explorar a região do rio Juruena foi patrocinada pelo Banco "Rio-Matto-Grosso". Não

---

50 FERREIRA, Joaquim Alves - Noticia sobre os Indios de Matto-Grosso dada em officio de 2 de Dezembro de 1848 ao Ministro e Secretario d'Estado nos Negocios do Imperio, pelo Director Geral dos Indios da então Provincia, Revista "O Archivo", Col. Memórias Históricas, vol. 3, Facsimilar, Fundação Julio Campos, Varzea Grande, 1993, p.88". Encontra-se também em Max Schmidt - Los Pareisis. Revista de la Sociedad Cientifica del Paraguay. Tomo V., n. 1, 1943, p. 4.

51 O autor assim se refere à região: "los confines del Imperio del Brasil".

52 BOSSI, B. - Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá al Arino tributário del grande Amazonas. Paris, 1863, pp. 63-64.

53 Op. cit., p. 89

54 Op. cit., p. 115-116

chegaram ao Juruena, para gáudio do missionário, pois ter-se-iam encontrado com os ferozes "Cabexins".

Segundo Badariotti<sup>55</sup>, há tres tribos distintas: Os Parecis, os Cabaças<sup>56</sup> e os Cabexins. Todos falam a mesma língua.

Badariotti traz informações bastante precisas das dimensões e limites do território Paresi.

"Os Parecis habitam o vasto território que limita ao sul com a serra de Tapirapuam, e a nação dos Barbados; a leste com o município de Diamantino e a bacia do Arinos; ao Norte com o território dos Cabexins e dos Tapanhunas; a Oeste com o rio Juruena e o território dos Cabaças".<sup>57</sup>

De acordo com Max Schmidt, os Paresi se dividem em três grupos: Waimaré, Kachíniti e Kozárini, cada qual ocupando uma parcela do território conjunto.

Na descrição a seguir, o autor apresenta o território geral da sociedade e, posteriormente, o espaço correspondente a cada uma das parciaisidades:

"El territorio de los Pareisis estaba determinada en la fecha del primer conocimiento más exacto de estos indios, al principiar el siglo XX, por la región denominada "Serra dos Pareisis" extendiendo-se desde el rio Arinos y las cabeceras del rio Paraguay, en latitud Sud del 14°30' y de la longitud de 13°16' al Oeste del Rio de Janeiro hasta las cabeceras del rio Guapore y del Juruena en latitud Sud de 14° y en longitud de 15°58' al oeste del Rio de Janeiro (33). Según el General Rondon este territorio relacionado a las tres parcialidades de los Pareisis se partia de la manera seguinte:

---

55 BADARIOTTI, N. - Exploração do Norte do Mato Grosso: Apontamentos de História Natural, Ethnographia, Geographia e impressões pelos padres Salesianos. São Paulo, 1889, p. 77.

56 Segundo MAX SCHMIDT os Cabaças são os Kozárini. Op. cit., p. 6.

57 Op. cit., pp. 77-78.

Los Kachinitis se extendían por el valle del río Semidoro, afluente del río Arinos y por las cabeceras del río Sepotuba y del Sucuriú-iná, afluente más oriental del Juruena entre los paralelos 14°5' y 14°15' y los meridianos de 13°46' y 14°30' al oeste del Río de Janeiro.

Los Waimarés se extendían por los dos ríos Verde (Tahúruiná) y Sacre (Timalatiá) entre los paralelos de 14°5' y 14°15' y los meridianos de 15°9' y 58°19' al Oeste del Río de Janeiro.

Los Kozárinis habitaban la divisoria de las aguas del río Juba, del río Cabaçal, del Jaurú, del Guaporé, del río Verde (Tahuruiná), del río Papagaio (Saueruiná), del río Burity (Zolahuruiná) y del Juruena (Anauiná) entre los paralelos de 14° y 14°30' de latitud Sud y de los meridianos de 15°9' y 15°38' al oeste del Río de Janeiro. Los domicilios de los Kozárinis los que visite em mi viaje del año de 1910 están marcados en el mapa representado em mi publicación citada sobre estos indios.<sup>58</sup>

Em sua obra "Ethnographia"<sup>59</sup>, Rondon apresenta a seguinte distribuição geográfica dos Paresi:

"Os parecis habitam o planalto denominado Parecis - desde o rio Arinos e cabeceiras do Paraguay, na latitude Sul de 14°30' e longitude de 13°16' Oeste - Rio de Janeiro, até as cabeceiras do Guaporé e do Juruena, na latitude 14° e longitude 15°58' O. Rio de Janeiro. O primeiro grupo dos Parecis-Kaxinitis - se espalha pelo valle do Rio Sumidouro afluente do Arinos, e cabeceiras do Sepotuba e do Sacuriú-iná, sub-contribuinte mais oriental do Juruena, entre os paralelos 14°5' e 14°15' e os meridianos de 13°46' e 14°30' a Oeste do Rio de Janeiro.

O 2° grupo dos Parecis-Uaimarés - se espalha pelo Tahru-iná ou Rio Verde, Timalatiá ou Sacre, entre os paralelos de 14°5' e 14°15' e meridianos de 15°9' e 15°19' ao Oeste do Rio de Janeiro.

O 3° grupo dos Parecis-Kozarinis - habita o divisor das aguas do rio Juba, do rio Cabaçal, do Jaurú, Guaporé, dos rios Verde ou Tahuru-iná, Papagaio ou Sauêruiná, Burity ou Zolaháru-iná e Juruena ou Anáu-iná, entre os paralelos de 14° e 14°30' de lat. Sul e meridianos ao Oeste do Rio de Janeiro 15°9' e 15°58' donde vem a denominação do seu

---

58 Max Schmidt: Los Paressis. in **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. Tomo V., n. 1, 1943, pp. 12-13.

59 RONDON, C. M. da Silva - *Ethnographia*. Comissão das Linhas Telegraphicas de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo N. 5. História Natural. Rio de Janeiro. 1910.



habitat Enemanierê - em cima; assim como a região dos Uaimarés: Katiäre-etimanière - em baixo.<sup>60</sup>

Rondon cita também um 4º grupo que são os Iranxe, como se fossem uma facção Paresi. Hoje se sabe tratar-se de uma sociedade diferenciada com língua isolada.<sup>61</sup> Naquela época os Iranxe eram citados pelos Paresi, mas ainda não tinham contato com a sociedade nacional.

Rondon em sua viagem de 1907 descreveu oito aldeamentos, registrando os locais na língua Ariti e os nomes dos residentes.

Na 3ª Conferência, realizada na cidade de São Paulo, em 1910, Rondon expõe a amplitude da ocupação territorial da Nação Ariti:

"Atualmente eles se dividem em quatro grupos, sob a denominação de Uaimaré, Caxiniti, Cozárini e Iranche. A estes juntavam-se antigamente os grupos Salumã e Oazané, que da margem esquerda do Juruena emigraram para ponto desconhecido. A reunião destes grupos forma um povo único, sob a designação de Ariti, nome que se pode encontrar nos cantos e nas denominações de suas instituições nacionais, como Ariti-Amure, chefe Pareci, Uti-Ariti-padre-médico Pareci; Ariti-nirauenê-língua Pareci.

A região por eles ocupada estende-se desde o Arinos e cabeceiras do Paraguai até as nascentes do Guaporé e do Juruena. Esta região divide-se em zonas perfeitamente delimitadas, cada qual atribuída a um dos grupos já enumerados. Assim, por exemplo, os Caxinitis, tem as suas malocas pelo vale do Sumidouro, tributário do sacuriu-iná, o mais oriental dos sub-afluentes do Juruena (...).

Os Kozárini habitam a região do Sepotuba e o chapadão da linha divisória das águas do Paraguai, Guaporé e Juruena. Os Uaimaré habitam o rio Verde e o rio Sacre e os Iranches<sup>62</sup> o rio Cravari.<sup>63</sup>

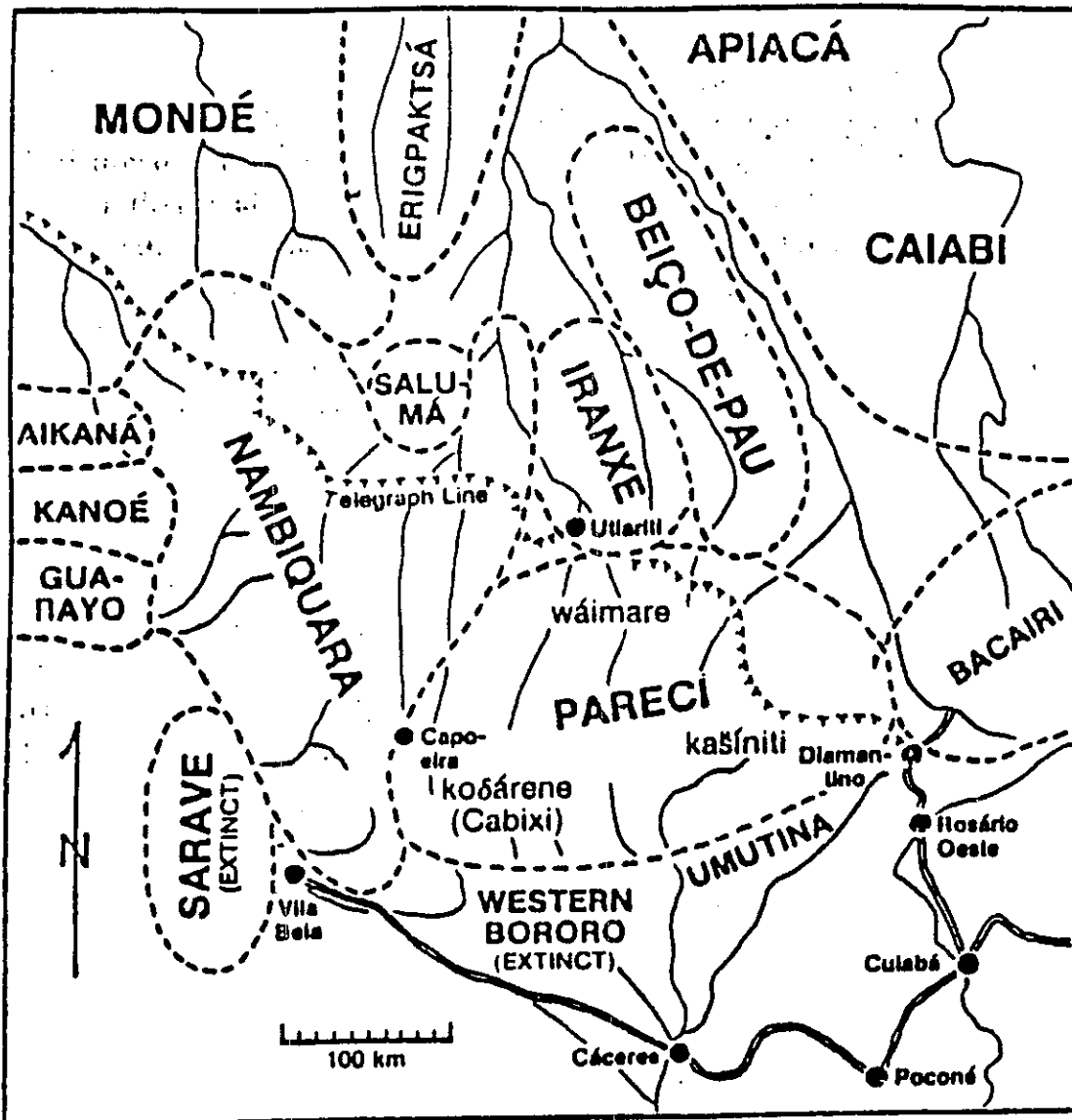
---

60 Op. cit., p. 13

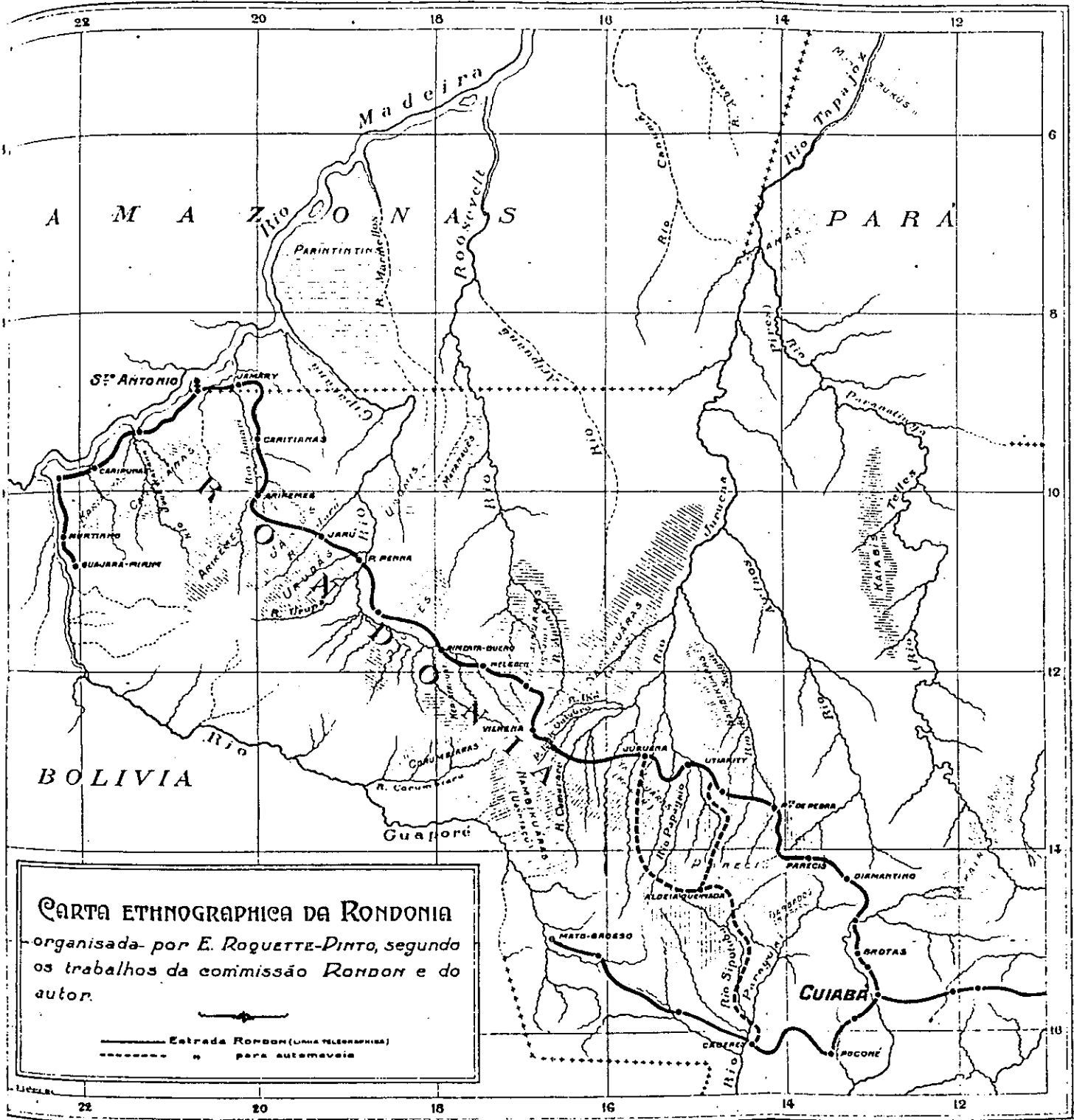
61 Pivetta, Darci Luiz e BANDEIRA, Maria de Lourdes - Iranxe: Luta pelo território expropriado, Ed. da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

62 Já mencionamos que hoje não se consideram mais os Iranxe, como Paresi. MOURA E SILVA, J. & PEREIRA, A. H. - 1975:2ss.

63 Op. Cit., p. 81-85



Mapa de PRICE, D. , 1983:140



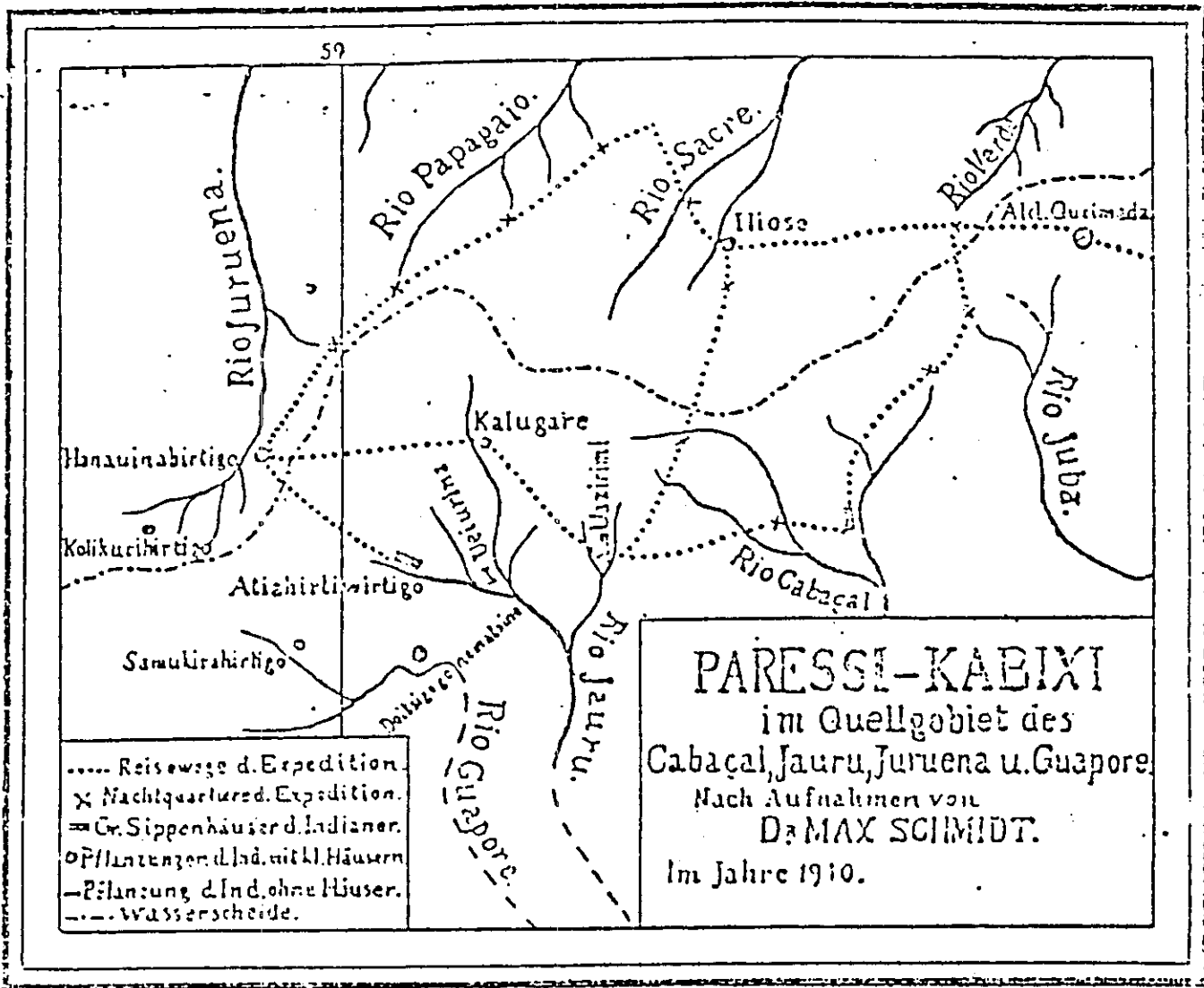


Abb. 9.

SCHMIDT, 1912:149

## VI. ESTAÇÃO RONDON

Em nossa viagem passamos pela Estação Rondon no dia 21\set\1996. Via-se o local cercado de grandes construções pertencentes a fazendas que cercam a pequena aldeia. É um contraste imenso entre o cerco<sup>64</sup> e as pequenas casas Paresi. Ainda está quase em pé a sede da estação da linha telegráfica. Rondon demarcara para os Paresi uma área de 3.600ha. As aparências denunciam que hoje estão ilhados em menos de 1, Km<sup>2</sup>. Há na Justiça Federal um processo, em que os fazendeiros reivindicam a "propriedade" da terra.<sup>65</sup> Há um outro processo FUNAI-4995/77, visando assegurar o território Paresi. Outro processo foi instaurado em 1987 - N. 2.095, com nomeação de um GT pela Portaria da FUNAI N. 308/93. Até hoje os resultados não se fizeram presentes, apesar da consistência dos trabalhos apresentados.

Um dos primeiros viajantes que deixam registros escritos desse local foi Bartolomé Bossi (1863). A seguir, Badariotti, financiado pelo Banco Rio-Matto Grosso, para inventariar os ricos seringais da região, refere-se aos Paresi e Tapayúna como habitantes das imediações do rio dos Kágados, que deságua no Sumidouro (1898).

No início do século, Rondon, por motivos estratégicos de defesa das fronteiras, que se mostraram frágeis na Guerra do Paraguai (1865-70), constrói a linha telegráfica, instalando um posto no **cuore** do território

---

64 Este cerco iniciado com a extração da borracha se fecha a partir de 1975 com a instituição do Polocentro (decreto 75.320, de 29 de janeiro de 1975), que foi um programa de desenvolvimento e ocupação dos cerrados, financiando os empreendimentos com carência de seis anos para equipamentos e insumos e o PROTERRA, financiando a "compra" da terra.

65 Darci Luiz Pivetta foi nomeado perito no processo pelo Juiz Federal da 1a. Vara de Cuiabá/MT. Este declinou do processo indicando Maria Fátima Roberto Machado, Sebastião de Assis e Ozenir de Araújo, ancorados em uma "Certidão Negativa" (inexistência de índios no local) querem assegurar a "propriedade" da terra. Ainda também, boa parte da área está ocupada pela Ovetril e Anderson Clayton / Gessy Lever.

Paresi, habitado pelos Kaxíni - "Estação Parecis". O local era também ocupado por poaieiros e seringueiros, que utilizavam mão-de-obra Paresi, especialmente Waymare e Kaxiniti. Estes também foram executores de obras na linha telegráfica.

Maiores informações sobre a estação em Machado (1994).

## VII. PONTE DE PEDRA

Em princípio, não estava previsto ir a Ponte de Pedra nesta viagem. Diante do conteúdo das entrevistas, decidimos ir ao local, enquanto estávamos na aldeia Kotitiko. João Garimperio e dois acompanhantes dele, armados de borduna, arco e flecha, decidiram nos acompanhar, pois alegaram que o local era perigoso devido à presença de jagunços dos fazendeiros.

O local é relevante para os Paresi, pois é a sua referência física de origem a partir do mito. Cada componente do conjunto geomorfológico, desde a ponte de pedra sobre o rio Sucuruína, suas diversas cachoeiras, árvores, cemitérios e formações rochosas, possuíam um significado que os Paresi conseguem desvendar.

Segundo mito dos Iranxe, Ponte de Pedra é o local da origem das sociedades da Chapada, como se pode ver em seu mito de origem:

**"Os povos foram saindos. O primeiro foi Iranxe e sentou debaixo de uma árvore de pau mole. Depois o Kayabi e sentou debaixo de outra árvore. Depois o Paresi e sentou debaixo de um pé de jatobá-do-mato. Depois os Nambikwara e sentou debaixo do jatobá-de-cerrado. Depois o Beíço-de-Pau e sentou debaixo de uma pindaíba-de-mato. Depois o branco e sentou debaixo de outra árvore de pau mole.**

**Cada povo ficou debaixo de sua árvore, em volta da árvore do Iranxe". (PEREIRA, 1985:19) [grifo nosso]**

É um local fantástico, segundo pudemos observar e nisso concordamos com as descrições apresentadas pelos autores que a ele se referem, tais como Rondon, Max Schmidt, Tenente Lyra e outros.

Historicamente o local foi palco de muitos devassamentos: sede de seringal, posto e escola da linha telegráfica e hoje sede de fazenda e local de turismo de lazer predatório.

As sociedades indígenas, que neste local tem seu mito de origem, não tem acesso ao local e o mesmo corre risco de ser totalmente descaracterizado.

**Advogamos para que, no local, seja criada uma área de preservação do patrimônio histórico e geográfico das sociedades da chapada dos Paresi, para assegurar o acesso livre, a proteção do mesmo, revitalizando assim a memória étnica plural.**



## VIII. ANTIGO TERRITÓRIO DOS TAPAYUNA

Enquanto viajávamos (set 1996) ouvimos diversos relatos<sup>66</sup> de ataques de índios Tapayúna, tanto em Ponte de Pedra, quanto na antiga estação Rondon, bem como a trabalhadores que mediam terras, abriam estradas ou fazendas.

Embora isso tenha ocorrido a mais de 30 anos, permanece na memória Paresi, especialmente dos mais velhos, como uma referência que sempre é re-lembrada, quando se fazem perguntas sobre acontecimentos do passado, atinente aos Tapayúna e seu **habitat**.

Os Tapayúna não se encontram mais na região visitada. Hoje há cidades, como São José do Rio Claro e outras, bem como inúmeras fazendas. Por isso decidimos abordar a questão e tentar entender o que aconteceu a essa sociedade.

Isso nos motivou a buscar o acervo de material disponível, nunca antes utilizado, composto de cartas, artigos, manuscritos e demais documentos<sup>67</sup>, colecionados em grande parte por Pe. Thomaz Aquino Lisboa, que se encontrava na frente de pacificação, quando os Tapayúna foram transferidos para o Parque Nacional do Xingú.

Entre tais documentos encontramos uma carta<sup>68</sup> do Pe. João Donstauder, S.J., referindo-se ao Tapayúna a 38 anos atrás:

"As aldeias destes índios estão no lado esquerdo do rio Arinos, afastadas da beira do rio,

---

66 Pe. Arlindo Oliveira, João Arezumaré e outros.

67 A relação de tais documentos podem ser encontrados na bibliografia específica que elencamos para futuras pesquisas.

68 Carta do Pe. João Donstauder sobre os trabalhos de pacificação dos Beíço-de-Pau de 12/12/58 a 22/2/1959).

nas imediações dos córregos Miguel de Castro e Tomé de França, i.é. para baixo do rio Parecis ou Alegre (como o chamam os sertanejos). (...) Quem ultrapassou a barreira imposta à exploração de borracha pelos índios no rio Alegre na margem esquerda e o célebre correquinho TAUÁ, no lado direito foi a firma Benedito Bruno Ferreira Lemes [Prefeito de Diamantino]. Assentaram os primeiros barracões Boa Esperança (1949-1952) na barra do rio Alegre, que foi atacada pelos índios e afinal queimada por eles. A feitoria da barra do Miguel de Castro, por sua vez foi queimada 2 vezes. Em atenção à constante hostilidade dos índios e à consideração humanitária o seringalista abandonou a região, mas não o rio, pois prosseguiu no Baixo Arinos, mais rico com seringueiras."

## 8.1 Contextualização e território originário

Os Tapayúna, exerciam hegemonia sobre os seu território tradicional até a década de quarenta, início da penetração extrativista, entre os vales do rio do Sangue e Arinos, entre os paralelos 10 e 14 e meridianos 15 e 13, destacando-se as frentes seringueiras que adentravam também os vales do Juruena e Arinos. Isso pode ser atestado por uma farta documentação histórica.

Embora hajam autores que descrevam os Tapayúna já no sec. XIX, em geral são considerados pela literatura até meados do sec. XX, como isolados, desconhecidos:

"Beißos de Pau (?), isolados. Denominação dada aos índios que têm seus aldeamentos no divisor de águas do rio Arinos e rio do Sangue, nas imediações do rio Alegre, no Arinos até a ilha do Barreiro. Foram assinaladas aldeias dessa tribo, pelo Sr. TOLKSDORF, entre os córregos Tomé de França e Miguel de Castro, margem esquerda do Arinos. São também denominados Tapayúna ou Tapanhuma."(Malcher, 1964:101)

No início do século. com a construção da linha telegráfica, beirando a margem sul e oeste de seu território tradicional, amplia-se o fluxo de pessoas e o trânsito de bens na região, através da estrada da linha, que viabilizava, por via terrestre incursões ao norte do país.

A partir de então esta hegemonia foi sendo gradativamente esmagada pela

matança e depopulação constante devido à efetiva ocupação da região, primeiramente pelas frentes de expansão<sup>69</sup> e posteriormente pioneiras. As novas doenças introduzidas pelas frentes foram letais<sup>70</sup> aos Tapayuna.

Havia constantes conflitos dos Tapayuna com os colonizadores que desciam na lancha da CONOMALI para a gleba de Porto dos Gaúchos navegando o rio Arinos.

Em carta manuscrita João Dornstauder, s/d., menciona o interesse da empresa na pacificação designando para tanto o Sr. Fritz Tolksdorf.

"...nesse interim agiu Fritz [Tolksdorf]. A Gleba esteve naturalmente interessada no bom êxito da Pacificação, ficando o Fritz como que o homem indicado pelo Willi [Meyer] para agir. Já na subida eramos para viajar juntos, ele não veio comigo, mas depois. Ele chegou quando eu já estava voltando à Gleba. E deste momento adiante agiu paralelamente, quase independentemente. Só na volta minha em fev. agimos juntos, ele aceitando a minha orientação."

Em outra carta do Pe. Henrique escreve ao Pe. Adalberto O. Pereira de 11/1/66:

"Há enguiço do S.P.I. que não permite a pacificação dos Índios Beíço-de-pau, sem os trâmites legais do mesmo S.P.I. e por isto veio uma proibição terminante. Deve por isto, imediatamente suspender a pacificação até segunda ordem. Estamos lutando e quem sabe, irei até Brasília".

Há um relatório anônimo, sem data, que se refere ao primeiro encontro amistoso com os Tapayúna:

---

69 Utilizamos esta distinção de frente pioneira e frente de expansão segundo José de Souza Martins, 1996:32 nota 15.

70 Basta mencionar a gripe introduzida em 1969 por um grupo de jornalistas do Rio de Janeiro levados à aldeia por Américo Peret, responsável pela morte de mais de uma centena de Tapayúna.

"O fato deu-se no dia 30 de setembro de 1967, às 8 horas, na margem esquerda do Arinos, no trecho entre o acampamento do Pe. Pereira e a roça do Negrinho, num barreiro, que forma uma pequena praia e oferece posição estratégica aos índios, caso quizessem atacar ou se defender".

Nesse momento deu-se o encontro amistoso. Os que entraram primeiramente em contato foram o piloto de um barco da CONOMALI Candido Morimã, índio Apiaká, seu irmão Manuel e o motorista e co-piloto Ari Reser. O relatório não é assinado.

A partir de então houve uma sequência de desencontros entre as agências pacificadoras, que levou os Tapayúna à quase extinção.

Em 17 de abril de 1969 o Sr. Américo Peret, Fritz Tolksdorf e alguns Rikbaktsa, foram nomeados pelo Presidente da FUNAI José Queiroz Campos para a pacificação.

Segundo carta do Pe. Iasi de 12/9/69 os Tapayúna levados ao Rio de Janeiro e São Paulo, por jornalistas, introduziram gripe e sarampo matando muitos.

Em 18 de agosto de 1969, o Presidente da FUNAI José de Queiroz Campos resolve: autorizar a Prelazia de Diamantino (Missão Anchieta) através do Pe. Antonio Iasi Junior S.J., a prosseguir os trabalhos de pacificação, atração e aldeamento dos índios denominados "Beijo-de-Pau", na área compreendida entre os paralelos 56 e 58 graus e os meridianos 12 e 14 graus, supervisionado pela Presidência, mediante algumas condições.

Em carta de 22/10/69 o Pe. Iasi informa ao Sr. Hélio J. Bucher da 6a. Inspeção da FUNAI em Cuiabá:

"Nas proximidades do Miguel de Castro encontramos uma aldeia não queimada, mas sem sinal algum de gente viva. Nas proximidades do Tomé de França encontramos aldeias queimadas e roças abandonadas. Sobrevoei o Parecis até o ponto que assinalei com uma queimada, daí seguimos rumo W até o Rio do Sangue na barra do Ponte de Pedra. Nesse rumo nada encontramos. Rumamos para NE até a altura da Fazenda ABC, passando sobre aldeias queimadas. Depois subimos o Arinos até a Barra do Miguel de Castro. (...) A impressão que se tem é que não há aldeia habitada e que existem uns 50 índios se tanto vivos. Estou atendendo a 30 e sei de alguns que estão afastados."

Isso se reveste de suprema importância, pois estimava-se no início da pacificação serem os Tapayúna em torno de 400 pessoas.

Em outra carta do Pe. Iasi de 10/11/69 diz que há 33 pessoas: 13 adultos e 20 crianças que estão sob seus cuidados.

Em uma carta de 22/12/69, o Pe. João Bosco Penido Burnier, S.J. relata que:

"Depois que estive lá, vi que a coisa é totalmente diversa. Um trabalho, uma tarefa humana de grande transcendência. Salvar o genocídio total de uma tribo que foi vítima, primeiro da pressão da vizinhança das fazendas que foram apertando o cerco - e em segundo lugar da incompetência, exibicionismo e incúria da desastrosa expedição Peret."

Em fins de 69 e (início) de 70 começa a tomar volume a questão da transferência do Beirão-de-Pau para o Xingu.

Um artigo do Estado de São Paulo de 14/02/70 resume bem a (trajédia) que foi a questão:

"Em junho do ano passado, depois dos primeiros contatos. Levou um grupo de jornalistas cariocas ao seu posto, para divulgarem o acontecimento: os temíveis Beirão-de-Pau estavam pacificados.

Na realidade aquela tribo já não era temível, pois estava pacificada desde novembro de 1967, embora ainda não admitisse civilizados na sua aldeia. Para comprometer ainda mais

a aventura de Peret, um dos jornalistas estava gripado. A gripe é uma doença desconhecida dos índios e contra a qual não tinham resistência; logo ela contagiou a quase todos.

Os jornalistas voltaram ao Rio levando dois Beirão-de-Pau. Finalidade: apresentá-los no mesmo programa de televisão que focalizava a primeira descida do homem na lua. Um deles morreu no Rio mesmo. O outro começou a usar roupas e acabou doente. Foi levado a Cuiabá, onde morreu logo depois.

Nesse tempo Peret chegava pela primeira vez à aldeia dos Beirão-de-Pau - distante 80 Km do seu posto de atração. Mas não ficou. Viu cadáveres espalhados pelo chão, a tribo dispersa pelo mato, apavorada, e os que restavam na aldeia, morrendo, com gripe. Peret partiu e não voltou até hoje.

Os padres jesuítas Antonio lazzi e Adalberto estavam há dois anos na região. Atrairam os índios, davam-lhes presentes, mas não conseguiram chegar na aldeia. Poucos dias depois de Peret, padre lazzi pode chegar, não havia ninguém para resistir. Contou 73 cadáveres insepultos e calculou em mais ou menos 100 o número de mortos, porque a tribo tinha 200 pessoas. Ele e o irmão Vicente só conseguiram recolher 40 dos que se tinham espalhado. Muitos morreram no mato. (...) queimaram a aldeia, jogaram fora as armas e partiram com os dois missionários, para um novo lugar. Escolheram o pequeno rio Parecis, 200 Km ao sul. (...) Padre lazzi saiu no início deste ano, deixando padre Tomás em seu lugar. Foi ao Ministério do Interior em Brasília, revelar os acontecimentos e pedir que os Beirão-de-Pau fossem transferidos para o Parque Nacional do Xingu. A região do rio Arinos está ficando muito movimentada com o surgimento de novas fazendas da SUDAM e os índios dificilmente poderão viver em paz."

Afirma Pe. Thomaz em uma carta de 31 de março de 1970, após ter sido tomada a decisão da transferência dos Beirão-d-Pau para o Xingu:

**"se os índios pudessem ser consultados, e fossem de livre vontade."**

Há outro documento manuscrito, sem assinatura de 20/3/70, em que são expostas as razões de transferência dos Beirão-de-Pau. Provavelmente seja de algum componente da Missão Anchieta:

1 - "Não temos gente bastante para mais um frente de trabalho.

- 2 - Não podemos aculturá-los com o devido vagar por causa da invasão dos civilizados.
- 3 - Falta colaboração nossa e da FUNAI.
- 4 - Poucos índios e nova reserva exagerada rodeada pelo civilizado de todos os lados.
- 5 - No Parque pelo menos estão defendidos.
- 6 - De nossa parte mostra abertura e benquerência do índio."

Em outra carta de 4/4/70 Pe. Iasi escreve:

"Há alguns dias encontro-me em Brasília. Discuti o problema da transferência dos índios. Somente a partir do di 21 deste é que poderá ser utilizado o avião DC 3 da Funai. Antes juntamente com o Orlando Vilasboas e com dois índios Suyá, em avião menor. Servirá para reconhecimento do campo e preparação psicológica dos índios".

No dia 1 de maio de 1970, os 41 Tapayúna foram compulsoriamente transferidos ao Posto Leonardo, no Parque Nacional do Xingú, o que caracterizamos como **desenraizamento**.

Segundo nosso trabalho<sup>71</sup>:

"Uma das formas históricas mais pungentes de **desenraizamento** é a do confronto de duas culturas diferentes envolvendo processos de conquista, dominação, opressão e desterritorialização. Exemplos radicais desse desenraizamento se multiplicam ao longo da história da conquista colonial e ocorrem, ainda, em nossos dias, no contexto do aprofundamento das relações capitalistas em áreas de ocupação tradicional de grupos étnicos culturalmente diferenciados".

Em 1979 foi criado o Município de São José do Rio Claro, pela Lei 4161, de 20 de dezembro de 1979.

---

71 PIVETTA, D. L & BANDEIRA, M. de Lourdes - **Iranxe: Luta pelo Território Expropriado**, Edit. Universitária/UFMT, Cuiabá, 1993, p. 85.

A partir de então, prosseguem os empreendimentos da sociedade nacional com destaque para agro-pecuária<sup>72</sup>, agro-indústria e seringais enxertados. O antigo território Tapayúna é mencionado como a capital da borracha, cuja sede é São José do Rio Claro.

E, assim mais uma vez são varridos de seus territórios habitantes seculares. Morre uma sociedade e junto com ela seus saberes e sua relação específica com a natureza. Segue-se a matança dos animais, da floresta, dos rios...galardão do desenvolvimento e acumulação.

## 8.2 - Breve Cronologia de alguns eventos

Procuramos conjugar as datas com relatos de diversos autores. Outra cronologia mais recente, encontra-se em Pereira (1968).

**1746** - navegação de João de Souza Azevedo até o Pará, seguindo pelo rio Arinos.

**1747** - Expedição de João de Souza. Nessa época os Arino viviam na margem direita do rio do Sangue. O nome Arino desapareceu, aparecendo em seu lugar os Tapayúna. (NIMUENDAJU, 1948:310).

---

72 Relativo ao assunto de medição de terra para empreendimentos agro-pecuários há uma carta (13/10/1956) interessante redigida pelo Pe. João Dronstauder, SJ - missionário jesuíta - ao engenheiro de medição de fazenda no rio Alegre, com os seguintes itens: 1) dados da literatura corrente; 2) Possibilidade de encontro feliz com os Tapayúna; 3) Considerações: a) organizar uma patrulha treinada para exercer vigilância pacífica; b) princípios gerais: agir como homens de cultura e sentimentos humanos e cristãos e não tomar a questão apenas como "contratempo que se supera com uma ação de defesa imediata"; c) ações anteriores tais como "antes de uma penetração deveria haver uma pacificação sistemática. Não a houve. O SPI infelizmente é inativo, seja quais forem as causas, resta entrar em ação a boa vontade dos cidadãos cordatos"; "mesmo se o índio atacar e tornar necessário a defesa, de fato o provocante do conflito, eramos nós pelo fato de penetrarmos no território deles"; d) diante disso recomenda "reduzir a defesa ao mínimo" e ter esforço sério de entender-se mutuamente, nas vias diplomáticas, para fazer compreender um ao outro, o que quer e oferece.



**1805 - CASTELNAU:**

"un roteiro d'une expédition faite en 1805 sur le rio Arinos, sous la direction du fourrier de dragons Manoel Gomes dos Santos, par ordre du gouverneur Abreu de Menezes: c'est la copie d'un manuscrit conservé à la secrétaire du gouvernement, à Cuyaba;..."(Castelneau, 1850-1851, Tomo III, p. 92-93)

**1812** - Castro e França: partiram de Diamantino em direção ao rio Preto, desde o Arinos até Belém abrindo a rota de comércio Cuiabá-Diamantino-Belém. Era a grande saída para o mar. A rota diminuiu seu fluxo a partir de 1856 com a abertura da navegação no rio Paraguai, cujas nascentes se localizam a poucos quilômetros de Diamantino.

**1820 - Padre Francisco Lopes de Sá - expedição realizada por 42 homens.**

"Uns seis anos atrás [1822] subira um padre chamado Lopes esse rio à procura de uma pretensa serra denominada Os Martyrios, vista por antigos sertanistas que a proclamavam a mais rica em ouro de todo o Brasil. Ora, se serra existe, de longe ha de ser avistada e n'essa ninguém pôs os olhos: o padre Lopes intrépido explorador, debalde a procurou. Ao devassar o rio dos Peixes, teve que combater com uma horda de índios chamados Tapanhumas e muito bravios, e matou-lhes alguns dos seus. Depois de sofrer fome, perder gente em combates, de febres e por deserção de vários que se arricaram a por terra voltarem a Diamantino, teve que retrogradar". (Florence, 1875:279-280)

"À procura das famosas minas de ouro dos Martirios, partiu de Cuiabá em junho de 1820 uma bandeira de 42 homens chefiada pelo padre Francisco Lopes de Sá. Subiram o rio dos Peixes, sendo ali aparentemente ameaçados por 500 Tapanhumas e forçados a retroceder."(Grünberg,[1970]:21)

**1848** - Arquivo da Diretoria dos Índios de Cuiabá de acordo com a lista das tribos menciona o nº de 800 Tapayuna.

**1850-59 - F. Castelneau:**

"Les Tapanhunas, tribu hostile, son établis sur une rivière de même nom qu'eux, qui é un bras de l'Arinos; ils parlent la même langue que les précédents; ils se teignent entièrement en noir". (Castelnau, 1850:306ss, in Grünberg, 1970:23)

"Do baixio dos Apiacás em distância de três dias de viagem se acha o rio do Peixe formando a sua foz no lado direito do Arinos, com largura de 16 braças, correndo ao sul. Dizem os índios que pelo dito rio sobem elles com o projecto de fazerem pedras para fazer os seus machados, sendo-lhes preciso baterem-se com outra nação de índios aos quaes chamam de Tapayúna, habitantes nas fontes do dito rio do Peixe".(Castelnau, 1850-1851, Tomo III, p. 100)

"Vers la moitié de la distance qui sépare, d'environ soixante-dix lieues, le confluent du Sumidouro de celui du Juruena, habitent, sur les deux rives de l'Arinos, les Indiens Tapanhumas, ennemis des Bacuris leurs voisins. Les Tapanhumas s'étendent, dit-on, sur la rive gauche, jusqu'à une dizaine de lieues du Juruena et, sur la rive droite, jusqu'en face de son embouchure".(Castelnau, 1850-1851, Tomo III, p. 97)

#### 1863 - Bossi:

"Una tribu feroz que se llama *Tapañuna*, domina el desierto desde el rio de los Patos hasta las inmediaciones del salto Augusto, y esos Indios atacan con frecuencia las canoas".(Bossi, 1863:90)

#### 1865 - Guimarães:

"Logo que pela Carta Régia de 14 de setembro de 1815 o Senhor Rei D. João VI, de saudosa memória, houve por bem felicitar aos habitantes da Província de Mato Grosso, franqueando-lhes o commercio de importação e exportação entre esta e a província do Pará, isentando de todos os direitos, por tempo de dez annos, os generos e mercadorias que entrassem no mesmo commercio pela navegação do rio Arinos, foi esta frequentada por negociantes de uma e outra província; e pelas repetidas recommendações, e terminantes ordens do Governador e Capitão General o marquez d'Aracaty, foi tratada com a maior humanidade possível a numerosa e guerreira nação Apiaccás, que povoa com diferentes aldeas as vastas margens do dito rio Arinos, e assim se veio a

conseguir a amizade d'esta poderosa nação, que fez cessar todos os receios com que era feita a longa, fatigosa e árdua viagem desde o registro do rio Preto até as primeiras povoações do Pará, em sertão totalmente inculto, e por saítos e catadupas, em que, além do imminente perigo das inundações pela correntesa das águas, acrescia o contínuo sobresalto das incursões d'estes selvagens, que a seu salvo o podiam fazer, em vista das localidades". (Guimarães, 1865:305)

"Entre os confluentes do rio Arinos na sua margem oriental, há um rio que os viajantes chamam de - Itamiamy - isto é, segundo disse o intérprete, o rio que corre por terreno pedregoso, onde costumam elles ir, não só a buscar pedras para os machados, como a combater três diferentes nações inimigas, que são: Tapanhóá, Tapanhóanahum e Timaóana. (Guimarães, 1895:316)

#### 1875 - Langsdorf :

"...perguntou-lhe [a um Apiaká] um dia o Sr. Langsdorff se tinham alguma vez movido guerra aos Tapanhumas, seus visinhos, e com a afirmativa se costumavam comer os prisioneiros. Respondeu igualmente que sim." (Florence, 1875:282)

#### 1880 - D'Alincourt:

"Tapanhoúna. (...); há poucos annos responderão ao Interprete do Padre Francisco Lopes, que penetrou aquelles sertões: - 'Nossos pais vierão, para aqui deixando muitas terras, porque os brancos as querião, e estão de posse delles; e tratão destruir tudo para abrirem nova guerra comnosco, e nos levarem como escravos, e virem-se assentar neste terreno; mas nós ensinamos a nossos filhos, que não temos para onde ir, e que quando, matando os brancos, estes nos acabarem, nossos filhos, e nossas mulheres morão todos'. A estas palavras começarão a atirar flechas..." (D'Alincourt, 1880:106, in: GRÜNBERG, [1970]:22)

#### 1897 - Coudreau:

"A despeito dos Tapanhumas e Nhambicuaras, o Arinos,<sup>73</sup> via de comunicação direta desde muito tempo frequentada entre o Tapajós e as cidades de Matto Grosso, está hoje perfeitamente conhecido. Os mato-grossenses aí exploram seringais, ao mesmo tempo que criam gado, nos campos. Deslisando em solo plano, longe das montanhas, o rio é, segundo falam, extremamente rico em seringais." (Coudreau, 1897:134)

"Les TAPANHUNAS vivent dans les campos du Rio dos Tapanhunas. Ces campos se prolongent vers l'est dans la direction des Paranatinga et vers le nord dans la direction de São Manoel, mais il n'est pas à croire qu'ils s'étendent sans interruption jusqu'aux campos de ces deux rivières; les profondes masses de forêts vierges occuperaient, d'après les Mundurucús, tout le pays entre les campos de Tapanhunas et du Paranatinga et la Cachoeira das Sete Quedas. Les Tapanhunas sont, paraît-il, de lingua geral, les Apiacás auraient, disent-ils, parfaitement compris leur langue dans les rencontres d'ailleurs très rares qu'ils ont eues avec depuis la migration des Apiacás vers le nord. La tactique de guerre des Tapanhunas ne dénote pas de la part de ces Indiens une bien grande valeur militaire ni morale: c'est tout bonnement l'assassinat par trahison. Ils attendent les voyageurs qui s'en vont passant par la rivière. Les Tapanhunas sont là sur quelque plage, sur quelque berge, à un angle autant que possible pour que les voyageurs soient forcés à agir de suite sans avoir trop le temps de réfléchir. Ils surgissent ainsi tout à coup du paysage sans arc ni flèches, riant, parlant fort, et faisant à ceux qui viennent force signes d'amitiés pour les inviter à accoster.

Que les imprudents voyageurs s'approchent à portée des flèches et soudain nos Tapanhunas font plevoir leurs "tacuaras" sur leurs confiantes victimes. En quinze années de voyage chez les Indiens je suis arrivé à me faire cette conviction que les Indiens "bravos" sont purement et simplement des bandits héréditaires et professionnels à l'endroit desquels la philanthropie est un leurre".(Coudreau In: Grünberg [1970]: 29-30)

---

73 "O alto Tapajós tem como formador principal o Arinos, oriundo igualmente do planalto matogrossense, e que perde o nome ao receber o Juruena, também de origem do mesmo planalto. Chamam-no alto Tapajós a partir da enseada que formam Juruena e Arinos, ao juntar-se até a confluência do São Manoel; e Tapajós deste ponto até a foz no Amazonas, em Santarém." (Coudreau, 1897:86)

**1900** - "Depois de 1900 foi aberto mais um seringal no rio Claro (rio Sumidouro), um afluente ocidental do alto Arinos. Os seringueiros tiveram contatos hostis com os chamados índios "Tapanhunas" e num massacre foram mortos 20-30 índios, ocasião em que foi utilizada um metralhadora refrigerada a água (informação verbal de Marcelo Martins da Cruz, Cuiabá)." (Grünberg, 1970:32)

**1916** - Pyrineus de Souza:

"A 96 kilometros da cachoeira da emboscada chegamos à barra de um ribeirão, a que denominamos Tapaiúna. Tem 19 metros de largura, é despraiado e entra no Telles Pires pela margem esquerda. Encontramos na sua barra e a margem direita um acampamento de índios. Constava de dois ranchinhos - um novo e outro velho - cobertos com folhas de pacova e feitos à semelhança das xicês de caça de nhanbiquaras, diferentes dos ranchos caiabís que vimos na cachoeira dos Índios e nas bahias Tres Figueiras e Caiabi, construídos para o mesmo fim. (...) Na barra do Tapaiúna pegamos com anzol duas enormes pirahibas, jahú, rofafos e matrinchans e matamos com uma bomba de dynamite 20 pacus, sendo dois muito interessantes: vermelhos com malhas pretas. Trouxemos estes dois pacús no formol e deixamos, de presente, as pirahibas e o jahú para os donos do porto. Chegamos à tarde de um dia muito quente a esse porto e a essa hora grande cardume de rofafos dormitava sobre a areia, ligeiramente coberta dagua quasi morna. Foi onde vimos maior porção desse peixe. Parecenos que os índios frequentadores desse acampamento - talvez os tapaiúnas de que nos falaram os bakairis e tambem os caiabis, por gestos, dizendo-os de corpo pintado de preto e cannibaes - habitam os campos distantes do rio Telles Pires e junto do ribeirão Tapaiúna<sup>74</sup>, que descem, margeando, para pescar em sua barra".(Pyrineus de Souza, 1916:92-93).

**1919** - Estevão de Mendonça:

"Neste ponto (na barra do rio dos Peixes) se detiveram por espaço de uma semana, em explorações e pesquisas minerais, prosseguindo depois a montante

---

74 "Por rio dos Tapanhunas devemos entender aqui o rio dos Peixes."(Grünberg, [1970]:30)

até próximo do aldeamento dos índios tapanhumas. Prudente, mas decidido a levar avante a sua empresa, o padre Lopes de Sá, apenas acompanhado por dois escravos avançou em serviço de reconhecimento muito além do seu acampamento, regressando no dia seguinte com a notícia de que no aldeamento dos tapanhumas somente se encontravam mulheres e crianças.

Afim de evitar um encontro provável com aqueles índios, os expedicionários desceram pelo rio dos Peixes, e deixando as canoas no lugar que denominaram Barranco Vermelho, sob a guarda de cinco homens, contornaram por terra em busca das cabeceiras do mesmo rio.

No segundo dia de marcha, ao clarear, sahiram ao encontro da reduzida comitiva cerca de quinhentos índios daquela nação, vedando o prosseguimento dos expedicionários e recusando os brindes oferecidos. Julgando-se impotentes para uma luta, em que seriam esmagados pelo número, o padre Lopes de Sá e seus companheiros resolveram abandonar o empreendimento, e tomaram ao Barranco Vermelho, de onde voltaram o rio Preto e depois a Diamantino". (Estevão de Mendonça, 1; 1919:304, in: Grünberg, 1970:21-22)

**1931 - Ataque e destruição do posto de telégrafo Parecis, a 80 Km de Diamantino**

**1948 - NIMUENDAJU:**

"Depois da primeira Constituição Republicana de 1891, as províncias do antigo império passaram a Estados e reuniram-se na federação dos Estados Unidos do Brasil. O direito de tributar a extração da borracha passou à competência dos respectivos Estados e já em 1895 foi enviado, Arinos abaixo, o primeiro coletor estadual de Mato Grosso, que foi atacado na embocadura do Juruena e mortalmente ferido por "Tapanhunas". (Nimuendaju 1948:311, in: Grünberg, [1970]:31)

"According to the Apiacá, there were three tribes on the Peixe River: First, the Tapanhona, on the river bank above the falls; next, the Tapanhóanauhumi (perhaps it should be Tapii-un-unhu, "large Tapanyuna") inland from the river bank; and third, the Timaóana (Cayabí, Timauán, Tapanyuna), the last of the tribes of the Peixe River. The first were tall, heavy-set, and warlike. They usually

protected they dwellings with thorns or sharp stakes and with pitfalls all around. They used bows and arrows, and wore macaw and royal sparrow hawk feathers in their pierced ears. The Tapanhonauhum used bows and arrows and clubs, and were also warlike. They painted black circles on their faces, and adorned their pierced ears with multicolored feathers. The Timaoana, of overgauge height, were cannibals, and painted their faces, from forehead to neck. They used the same weapons as the preceding tribes. The women wore gold ear ornaments and beads. After 1820, only the Tapanyuna are mentioned. Métraux was correct in regarding the Tapanhonauhum and Timaoana as mere local subdivisions of the Tapanyuna." (NINUENDAJU, 1948:310)

#### 1964 - Las Casas;

"Tapayúna (ou Tapanhauma), grupo desconhecido e isolado, chamado também "beijo de pau" ou "botocudos", habitaria o Arinos. São apresentados em vários depoimentos como antropófagos. Exerceriam, em relação ao seringal, um papel semelhante aos Nhambikuára, tampões contra uma possível expansão de sociedade nacional" (LAS CASAS, 1964:8).

**1970 - 19/abril - Os Tapayúna são transportados de caminhão para o Xingú, após 10 dias de espera. Eram então 41 Tapayúna. Ironicamente outro caminhão transportando 71 peões dirigia-se ao ex-território Tapayúna para iniciar a derrubada para plantio de capim.** (Diário manuscrito de Thomaz Aquino Lisboa).

### 8.3 Relações de contato e extrativismo

Além da busca das famosas minas dos Martírios, desde meados dos sec. XIX, buscavam-se também os seringais nativos. A viagem de B. Bossi, visava localizar terras para colonização e minérios, sendo custeada por bancos financiadores das atividades de extração do latex.

Tendo em vista a busca pelas minas dos martírios, afirma Bossi (1863:64):

"La principal dificultad es que los feroces Tapañunas ocupam ese territorio. Pero yo me propuse ir á su descubierta considerando suficiente ochenta hombres bien armados y resueltos".

Mas, somente a partir da década de 50 iniciaram-se os núcleos de colonização impactando os Tapayúna. Em 1951 a Colonizadora Massapé cravou-se no coração do território Tapayúna. Posteriormente a CONOMALI.

"Em 1955 entrou a agir no Arinos a Colonizadora Noroeste Matogrossense (CONOMALI) abaixo do território dos Tapanhunas, mas com desenvolvimento notável da navegação fluvial, estando obrigado a atravessar o território dos Beijo de Pau".<sup>75</sup>

Em 1º de maio de 1965 a colônia foi transformada em município independente com o nome de Porto dos Gaúchos. A leste está o divisor de águas da Serra dos Caiabis e, ao sul, o Rio Souza de Azevedo. Deste modo, o município inclui o rio dos Peixes e o território dos Kayabí lá existentes.

Para os Kayabí e os "Beijo-de-Pau", esta primeira ocupação estável em seu território provocou grandes mudanças. (...)"

\*As coisas foram diferentes com os assim chamados Beijo-de-Pau (Grünberg 1966:147s.) que, pela primeira vez em 1951, e especialmente desde 1955, de ambas as margens do médio Arinos atacaram com flechas os barcos dos seringueiros e da CONOMALI que ali passavam, o que era respondido com o fogo das armas. Só esporadicamente verificavam-se ferimentos nas duas partes. De dezembro de 1958 a fevereiro de 1959, um grupo dirigido pelo pe. João Dornstauder tentou inutilmente, com o apoio do órgão de proteção aos índios e da Gleba Arinos, a pacificação desta tribo; em 1963 - de acordo com Pereira (1968:218) e em 1953 - segundo dizem, foram distribuídos, com o conhecimento do SPI, arroz, açúcar envenenados para os índios. Em 1964, 1966 e 1967 falharam outras tentativas dos missionários jesuítas Pe. Adalberto Holanda Pereira e Pe. Antonio Iasi de

---

75 Carta de João Dornstauder de 23/2/1959



pacificar esta tribo (Dornstauder MSb, Iasi 1967 e Pereira 1968). A 30 de setembro de 1967 o piloto de um barco da CONOMALI, um Apiaká "civilizado", trocou presentes com os "Beirão-de-pau", estabelecendo o primeiro contato pacífico." (Grünberg, [1970]:38)

Por mais de um século lutaram os Tapayúna, na defesa de seu território com ferocidade e notável capacidade de resistência, mas foram catapultados pelas frentes hegemônicas da sociedade nacional.

"Armavam-se 50 ou 100 homens, e, deixando guardas no arraial, se lançavam ao sertão, e investindo com a primeira aldeia de índios que encontravam, matavam a todos os que pegavam nos arcos para a sua justa defesa, e aos mais que não escaparam fugindo metiam em correntes e gargalheiras, destruíam ou queimavam as casas, arrasavam as searas, matavam as criações e voltavam triunfantes para sua sua Ilha Comprida, onde se repartiam os vencidos pelos vencedores e destes passavam em contrato de venda a Cuiabá e Mato Grosso (...) Muitos índios acabarão aqui como rezes ao corte do machado, ou sendo alvo de flexas e a fogo outros e de mau trato e enfermidades uma grande multidão. As mulheres pelo mesmo teor padeciam nas vidas e honestidades".(Grünberg 1970:14-15)

**Enfim, vencidos, seguiu-se a requisição oficial da área, sua demarcação (medição) e ocupação. A resistência Tapayuna foi considerada desordem. A intervenção das agências (SPI/ FUNAI/ MIA/ COLONIZADORAS/ BANCOS) constituiram um conjunto de ações visando restabelecer a ordem - direito de ocupação - pressuposto da sociedade hegemônica.**

**Não foi um mero conflito de interesses que esteve em jogo. Em óticas diferenciadas a propriedade da terra, com vista à acumulação liquidou mais uma nação. O primeiro passo foi o amansamento, seguido de uma drástica depopulação (cerca de 1.000 no sec. XIX e 41 em 1970) sendo daí transferidos para o Xingú.**

## IX. UTIARITI

Estivemos (Darci Luiz Pivetta e Markus Blumenshein) na ruínas da antiga escola de Utiariti, nos dias 12, 13 e 14 de setembro de 1996, entrevistando antigos alunos que frequentaram a escola.

Esta escola foi fundada por Rondon. Os funcionários do SPI (Serviço de Proteção aos Índios - fundado em 1910) cuidavam dela. Posteriormente a partir dos anos 40, os jesuitas reordenaram toda a escola trocando uma educação militar em forma de internato por uma educação religiosa dos internados.

Utiariti, hoje, a partir de seus atuais moradores, reproduz o que a escola lhes repassou de 1910 até 1970. O processo educativo aos quais foram submetidos os atuais moradores destruiu as estruturas e organizações sociais indígenas.

Hoje moram em Utiariti algumas famílias dos seguintes componentes societários miscigenados: Paresi, Rikbaktsa, Iranxe e Kayabi.

O parque tecnológico e agro-industrial que existia foi totalmente destruído. Restaram a usina hidrelétrica, a antiga escola Zanakuá (hoje residência de algumas famílias), a Igreja destelhada e desabante (só existem ainda três paredes). O antigo hospital, se mantém em pé, sendo hoje escola, escritório do encarregado do posto, sala de hospedagem, sala de rádio e enfermaria. Tudo sem luz porque caiu o poste central que conduz energia elétrica ao conjunto.

O que tinha sido construído, não se reproduziu. Isto porque a manutenção da antiga situação, dependia de uma extensa rede de relações com o mercado regional para vender o que era produzido em Utiariti (açúcar,

farinha, redes, artesanato, madeira serrada, mecânica, seringa...) Outra rede de apoios e financiamentos parte do fato de que os jesuitas estão espalhados em mais de 100 países em todo o mundo. A Igreja Católica tinha uma série de instituições de ajuda às missões, às quais estava ligada Utiariti como sede missionária. Havia ainda outras entidades governamentais e não-governamentais que enviavam auxílio e pessoal. As relações se davam com EUA, Alemanha, Itália, Canadá, Inglaterra, etc... (Adveniat, Misereor, Cáritas, Aiuto alla Chiesa que sofre, Inter American,...).

Os jesuitas mantinham relação com toda a rede de colégios jesuitas no Brasil, informando através de palestras, slides e vídeos e obtendo ajuda.

Havia um grande rede de relações de contato e ajuda, que mantinha o projeto civilizatório e cristão de Utiariti que desapareceu a partir de 1970, desaparecendo assim também toda a estrutura física e organizacional.

Seus atuais moradores criam abelhas, preparam açude para peixes, plantam roça de milho e mandioca e mantêm a duras penas a usina.

### **Vejamos um pouco da história desta escola.**

Como foi supra-mencionado, a escola de Utiariti, tem a mesma idade da instalação da linha telegráfica - 1910. Mas, se naquela época, consoante com o espírito positivista abraçado por Rondon<sup>76</sup> a escola se destinava a

---

76 Shelton Davis - **Vítimas do Milagre** - O Desenvolvimento e os Índios do Brasil, Zahar ed., Rio de Janeiro, 1978, p.24: "Hoje, o evolucionismo social da filosofia comtiana parece arcaico e etnocêntrico". Mas naquela época "O positivismo brasileiro, embora reproduzindo as ambiguidades da sociedade burguesa - acreditava na possibilidade de fazer cumprir os direitos que a lei apenas formalmente assegura aos homens - prestou inestimável ajuda às populações indígenas. Numa época em que os índios era exterminados a bala, por serem considerados um empecilho ao progresso, o Apostolado Positivista do Brasil adotou como uma das suas bandeiras de luta a defesa desses povos e dos territórios que habitavam. A sua preocupação com o destino das populações indígenas tornou-se pública no final do sec. XIX". in Gagliardi, 1989:170.

fazer dos índios trabalhadores nacionais, cidadãos da República, incorporados na sociedade dos homens civilizados, socialmente integrados como brasileiros, já que não passara a sugestão constitucional de um Estado Americano constituído por grupos indígenas<sup>77</sup>.

Segundo Maria Fátima Roberto Machado<sup>78</sup>:

"A linha telegráfica era parte de um plano de ocupação da fronteira matogrossense com a Bolívia e o Paraguai, pensado ainda no sec. XIX, principalmente depois da Guerra do Paraguai (1865-70), e executada posteriormente pela Comissão Rondon, já como uma estratégia militar de consolidação de fronteiras, voltada para o mercado internacional da borracha".

Na verdade não estava em questão apenas ocupar, instalando comunicações, mas modificar a paisagem humana da região, elevando os brasis (Índios) ao estágio superior da civilização, pela via das letras: ler, escrever e contar. Era todo um processo de ressocialização e ressignificação (civilização e cultura), sob rígida disciplina militar.

Por outro lado, a questão de estratégia na defesa das fronteiras, tinha de fato como pano de fundo outra questão mais ampla, qual seja a do mercado internacional da borracha e fundamentalmente a incorporação desta região das chapadas dos Paresi à dinâmica do capital internacional.<sup>79</sup>

---

77 Gagliardi, 1989:56 : A República dos Estados Unidos do Brasil seria constituída pelos Estados Ocidentais Brasileiros (europeus, africanos e americano aborigene) e pelos "Estados Americanos Brasileiros empiricamente confederados, constituídos pelas hordas fetichistas esparsas pelo território de toda a República. A federação deles limita-se à manutenção das relações amistosas hoje reconhecidas como um dever entre nações distintas e simpáticas, por um lado; e, por outro, em garantir-lhes a proteção do Governo Federal contra qualquer violência, quer em suas pessoas, quer em seus territórios. Estes não poderão jamais ser atravessados sem o seu prévio consentimento pacificamente solicitado e só pacificamente obtido".

78 Maria Fátima Roberto Machado - **Os Paresi e as Linhas Telegráficas**, Projeto de Pesquisa, Mimeogr. Cuiabá, 1988, p. 11

79 A esse propósito ver Gagliardi, 1989, p. 137-139. Op. cit. in alia.

Neste item quero me ocupar de Utiariti em seu interior e o que se passou em sua etapa mais marcante que é de 1935-1968 - **época do internato** - dirigido pelos missionários jesuitas, que promoveram além de uma total ressocialização<sup>80</sup> e ressignificação cultural, especificamente voltada para o universo religioso do nativo que ocorreu através da evangelização ou seja da transformação de pagãos em "cidadãos" cristianizados e trabalhadores nacionais. Abordarei Utiariti, como veículo da desestruturação e etnocídio da sociedade Iranxe, a partir dos seus depoimentos, bem como de outros colhidos na viagem.

Utiariti, visualmente hoje apresenta apenas algumas casas, que eram moradias dos pais dos alunos internos, especialmente Iranxe e Paresi, além de uma Igreja abandonada e em ruínas, a casa de atendente de enfermagem, um hospital, usina hidrelétrica, ruínas da casa das máquinas de descascar arroz, restos da serraria, da marcenaria, salas de mecânica, pátio interno e campo de aviação para bimotor, hoje ocupado apenas por dois campos de futebol.

Do ponto de vista físico, relativamente ao que era, pode-se dizer que hoje Utiariti é apenas um amontoado de ruínas.

**Utiariti, existe em toda a sua pujança, no nível das representações indígenas, tanto dos que por lá se internaram, quanto dos que permaneceram em suas aldeias. Utiariti foi algo vivido por mais de uma geração e povoa todo o imaginário (Rikbaktsa, Paresi, Kayabi, Iranxe, Aplaká, que é ritual e simbolicamente expresso em comportamentos e idéias ambivalentes na relação com o real e com a sociedade nacional, em busca constante de uma nova reconstrução de identidade nas**

---

80 DANIEL MATENHO CABIXI - "Educação do Grupo Pareci", in *A questão da Educação Indígena*, Comissão Pró-Índio, Edt. Brasiliense, São Paulo, 1981, pp. 86-90.

mediações com os órgãos que as explicitam, tais como FUNAI, ONGS, agências financiadoras de projetos e por outro lado com o nível urbano (relação cidade/aldeia) criada pela necessidade de produtos industrializados aos quais se habituaram.

Pode-se afirmar que os indígenas que estudaram em Utiariti, **ressocializados**, de lá partiram com outra **identidade**, que não era mais a nativa original e nem a "civilizada" convencional, devido ao **modus vivendi** jesuítico.

Existem as relações com as fazendas, por onde perambulam em busca de trabalho por algum dinheiro, para obtenção de produtos de consumo fúteis em sua maioria, rádios, óculos escuros e outros úteis, como foice, enxada, machado, carrinho de mão, biciletas...só para mencionar alguns.

### **9.1 Significação do espaço pela ordem**

Estive pela primeira vez em Utiariti na década de 70. E, os elementos que compunham a paisagem espacial promovidos pela intervenção, estavam ainda à vista. Nesta viagem (set/96) muitas coisas mudaram. Por isso mesclarei momentos das viagens anteriores, pois nesses 26 anos para lá me dirigi (Pivetta) muitas vezes. Distante 600Kms de Cuiabá, a viagem podia ser realizada em cinco horas a partir de Diamantino, por estrada de terra, seguindo pela Br 364 até o Km 410, um pouco além do rio Verde, local habitado pelos Paresi. Em Diamantino, o Ir. Antonio, um dos primeiros missionários jesuitas que esteve na então sede da Missão jesuita de Mangabal do Juruena, na década de 30, disse-me que naquela época as viagens demoravam cerca de um mês para ser realizada no tempo da seca e que durante as águas, demorava ainda mais, dependendo dos atoleiros e quebra de peças dos veículos.

A partir do Km 411 da Br 364 antiga (pois a que hoje está asfaltada passa por Cáceres e segue outra rota) havia outra estrada que passava pelo Bacaval, e após 120 Km conduzia a Utiariti. Segundo o relato do Pe. Albano Ternus, missionário jesuíta, a estrada fora feita de trator e patrôla pelo Pe. José de Moura e Silva e auxiliado pelos índios, especialmente Iranxe, à base de machado, picareta, enxadão e foice. Podia-se ver ao longe, logo após a ponte do rio Verde na saída da Br 364 a torre da Embratel e a casa do encarregado da manutenção dos serviços de comunicação via satélite. Convivem duas realidades contrastantes: a última tecnologia de comunicação por satélite ao lado de populações recém saídas do neolítico. Um pouco mais à frente encontravam-se as ruínas da linha telegráfica, que Rondon instalara em 1910. Encontravam-se também isoladores, com a inscrição **Siemens / London**, importado da Inglaterra no início do século.

Esta entrada que leva a Utiariti é plana e arenosa - oh! aquelas dilatadas chapadas! Ainda naquela época, por vezes o carro atolava no areião. É muita areia. Levava comigo dois pares de tábuas, usadas debaixo dos pneus, após escavar a areia na frente dos mesmos, para sair do atoleiro. Aprendi esta técnica andando pelas areias de São José do Norte-RS, nos idos da juventude. Estes areiões são famosos desde a Comissão Rondon, quando seu auxiliar o Ten. Vasconcelos, adaptou placas de madeira nos pneus de um UNIMOG (carro importado da Alemanha), para atravessar as areias transportando os fios da linha telegráfica, preconizando com isso o uso futuro em tratores de esteira e tanques. (Informação do Pe. José de Moura e Silva).

Em nossa viagem atual (13/09/1996), também atolamos no areião (Markus e Pivetta) e demoramos algumas horas até desatolar a D-20.

Aquele chapadão, uma vez atravessado, fica na memória, pois estava

sempre repleto de agradáveis surpresas: tatús, onças, bandos de emas, papagaios e siriemas, araras, veados eram vistos em todo o transcurso.

Agora (1996) são vistas apenas imensas plantações de soja, milho e algodão da fazenda Itamarati do ex-maior plantador de soja do mundo - Olacyr Francisco de Moraes. Não há vestígios da linha telegráfica nessa região. Em toda a nossa viagem somente vimos algumas emas e um veado catingueiro.

A primeira grande maravilha de que me lembro é a travessia do rio Sacre, onde se localiza a aldeia Paresi chamada Sacre I. Este belo rio de águas límpidas e suaves, é encantador por suas praias alvas de areia fina e tão branca que ofusca as vistas. O segundo momento da travessia é a magnífica recepção dos Paresi do Bacaval, oferecendo a deliciosa carne de veado moqueada, leite de bacaba, de sabor agradável e bem mais digestivo do que o leite de vacas.

Nesta viagem, passamos novamente pelo Bacaval e todos saíram de suas casas para vir conversar. Reconheceram ainda. Apresentei Markus Blumenshein.

Poucos quilômetros antes de chegar à linha telegráfica agonizante a cinquenta anos, embora ainda ostentasse seus postes de aroeira e fios, cuja única utilização nobre que vi é de serem utilizados pelos Enawenawewe (Salumã) - população Paresi que fugiu das preias no tempo de Pires de Campos, saindo das dilatadas chapadas para os campos do alto rio Juruena e rio Camararé (cerrado) - para fabricação de anzóis.

Aí vem aquela maravilha que é o rio Papagaio, de águas límpidas até o décimo metro de profundidade, podendo-se observar os peixes em graciosas evoluções e o fundo do rio de areias límpidas e pedras. Uma



balsa se move suspensa por um cabo de aço que a deixa oblíqua, possibilitando a travessia de carros, coisas e gentes, pela força da própria água, de um lado para o outro. Ao lado desta, havia uma ponte pencil, suspensa por dois cabos de aço e uma infinidade de pequenas tabuinhas transversais, amarradas nos mesmos para conduzir as gentes para a emocionante travessia móvel e dançante. Nesta viagem a ponte pencil desaparecera, só havia o cabo de aço. Chegamos dia 13/09/96 a 1h da madrugada. O medo de sucuris nos impediu de tomar banho, o que fizemos no amanhecer, após ter dormido na D-20, cada pessoa em um banco do carro.

O cenário encanta. Há na entrada um belo pátio de frondosas mangueiras que transformam o ar que passa em brisa suave e delicioso de uma frescura indescritível. Em meu primeiro dia de Utariti (fev/1968), nem consegui dormir de emoção. Passei a noite debaixo de uma mangueira. Não faz frio. A noite toda é agradável e alguns cochilos são suficientes para um sono suficiente e recuperador.

Em nossa viagem atual (1996), a sombra das mangueiras não refrescava o ar e o calor foi insuportável. Passava o dia com a sensação de desmaio devido ao calor. Os mosquitos incomodavam durante todo o dia. Apenas de madrugada fazia uma temperatura agradável. Será que isso foi provocado pelo desmatamento?

Do lado esquerdo há um caminho que conduz ao rio Buriti, próximo à aldeia dos Nambikwara, seguindo pelo mesmo caminho da linha telegráfica, que percorremos parcialmente procurando ainda em vão postes da linha telegráfica. Estive interessado num córrego chamado Águas Quentes, descrito por Rondon, como de águas termais, mas não foi possível ir até lá desta vez.

Do lado direito, após a travessia do rio Papagaio, encontrava-se a casa dos padres e alojamento dos meninos, tendo um pouco abaixo os banheiros e próximo ao rio Papagaio uma pequena choça com um tabuleiro para jogar-se ao rio e tomar banho. Este agora já não se encontra mais. Seguia uma trilha à esquerda que conduzia ao local onde é torrada a farinha de mandioca. Passava-se por uma construção de dois pavimentos, hoje em ruínas, onde estava a máquina de descascar arroz. À frente havia oficina mecânica, marcenaria, serraria, onde hoje se vêem apenas as ruínas dos fundamentos. Seguindo um pouco à frente há uma trilha ladeada por um canal aberto na margem esquerda do rio Papagaio, que conduz a água para a usina hidrelétrica localizada na margem esquerda do mesmo rio, cerca de 150ms distante do salto de Utiariti. Este canal tem 800ms, executado a partir de instrumentos rudimentares como pá, enxada e picareta. Na metade dessa trilha, que conduz à usina, encontra-se uma digressão que conduz ao local onde se pode observar a imensa queda d'água de 80 ms de altura - o salto de Utiariti, tido por Roosevelt como o mais belo da América, exceto o Niágara. É um portento de espuma branca e água que despenca abruptamente provocando um barulho assustador. É um estrondo, que faz o solo tremer debaixo dos pés da gente. O volume de espuma e o tremor esmigalha a imaginação do vidente e o põe diante de sua pequenez, perante esse portento, se considerada a natureza da região, que é povoada de saltos. Observa-se tremendo de pavor e olhos a brilharem de satisfação a paisagem quebrada por pedras imensas que constituem uma garganta estreita por onde se derramam abuptamente os vagalhões, empurrando-se uns aos outros para um abismo de rumo desconhecido em que só se vê mata verde para acalmar o olhar atônito do expectador. Daí as águas rumam em corredeiras e borbulhos imensos até o rio Juruena. Espetáculo de águas tão assombroso, jamais vira em toda esta amazônia em sua face meridional.

Retornando deste ponto pela esquerda encontra-se o cemitério - símbolo

que oculta a vida dos que se foram, levando consigo seus sonhos, suas experiências e esperanças. Só as placas das Irmãs tem nome, as dos índios só cruzes.

Há cerca de 200 ms mais além, está o apiário e mais para cá, perto do pátio há dois campos de futebol. Domingo, dia 15/09/96 Markus jogou bola com jovens indígenas do sexo masculino e feminino, enquanto eu escutava as histórias antigas do Maiko-Paresi. Ele falou que antigamente havia um grande xamã que curava as doenças e morava em Utiariti que era densamente povoado, antes da chegada da Comissão Rondon.

Em frente às ruínas da antiga casa dos voluntários austríacos (professores técnicos em marcenaria, mecânica), está a escola Zanakwa. Até 1970 havia também o patronato Santo Antonio, onde se hospedavam padres e meninos. Seguia-se um grande conjunto que incluía, casa das irmãs, alojamento de meninas, refeitório, sala de costura e artes, fabricação de redes e artes n tos, hoje só ruín s.

Um pouco abaixo estava o galinheiro e na sequência um grande e belo pomar, que hoje é uma pequena horta regada pela água constante que é captada no rio Papagaio por um canal de 1000ms. Antigamente (até 70) era tirada água potável, através de um cano de 100mm que passava dentro do canal e que era empurrada nas caixas das construções através de um carneiro hidráulico, que recalava a água na medida que a recebia. A válvula de recalque dava uma batida, um pouco mais sonora que o grito de uma araponga, mas que marcava a gente por sua constância simétrica, durante o dia e à noite. Esta mesma água passava por dentro de uma imensa lavanderia, existente ainda hoje, mas sem o telhado, pois Utiariti em seu auge possuía 300 habitantes. Todas as segundas feiras as meninas índias internas lavavam a roupa de todos os internados. (Vide depoimentos nas entrevistas).

Segundo registro do Pe. A.H. Pereira havia ainda outro canal:

"Acima desta (cachoeira de Utiariti) uns cem metros, mandei fazer uma pequena vala, para levar água e mover um monjolo feito por mim e pelo Irmão, afim de descascar arroz e socar café, etc...Isto muito nos ajudou".<sup>81</sup>

No centro de todo o conjunto está a Igreja hoje em ruínas. Hoje sem o importante **sino** que tocava para todos os cerimoniais e eventos. Este sino,<sup>82</sup>

Uma Igreja e um sino - ambos símbolos da cristandade, transplantada da Europa e posta no lugar da relação que cada uma das sociedades possuía com o sobrenatural (suas crenças) e explicitação nos ritos e cujos alunos índios de Utiariti foram compelidos a aceitar, negando-lhes as possibilidades de pensar e viver segundo seus valores e suas crenças.

Próximo à Igreja estava o antigo posto da linha telegráfica, construído por Rondon. Foi escola durante alguns anos. Era uma bela sede cuja arquitetura, em arcos, se destacava do conjunto, que é formado de retas. Encontram-se, ao longo da estrada que conduz ao Buriti e aos Nambikwara, um conjunto de cinco casas onde moravam os pais dos alunos internos que trabalhavam nas tarefas da missão. Hoje (set/96) moram famílias indígenas Iranxe, Paresi e Nambikwara. Outras casas novas estão sendo

---

81 Freitas, 1858:68, in Pereira, s/d - Saltos.Mimeogr.

82 Hoje o sino está na aldeia dos Iranxe, no rio Cravari e que visitei em 1993, no qual está em relevo a figura de José de Anchieta, com uma inscrição em latim enobrecendo a tarefa evangelizadora. Este sino (**signu**= sinal) suspenso no alto de um tosco campanário - dois grossos postes de madeira nobre - espalha seus sons pela pequena aldeia Iranxe e para o cerrado, fazendo **jus** à inscrição na campânula O.A.M.D.G. - **Omnia ad maiorem Dei Gloriam** (Tudo para a maior glória de Deus), sempre espalhado "pelos quatro cantos do mundo, além de cima e debaixo" Foi doado por um aluno do Colégio jesuíta São Luís, da Av. Paulista-SP em 22.4.58.(Uma digressão - é fácil ler isso que escrevo, acerca do sino, mas não foi tão fácil escalar os postes de 6ms de altura, com o caderno de campo na mão, para ver o que estava escrito lá em cima no sino).

construídas, usando telhas da antiga Igreja.

Seguindo em frente por essa estrada, encontram-se as capoeiras das antigas roças de cana, mandioca, banana, abóbora, melancia, milho e outros produtos para abastecimento da escola internato. Agora está sendo gradeada com trator para plantar milho. Luiz passou todo o domingo (dia 15/09/96) gradeando. O trator está sem bateria, por isso tivemos que puxar com a D-20 e empurrar.

Ordenar o espaço é conferir-lhe um significado novo. O ordenamento advém de representações explicitadas no espaço, com vistas a um determinado objetivo, num determinado tempo. A intervenção edificadora visa agrupar, por conjuntos determinados (um grupo de casas, uma casa, um prédio) tais como casa dos padres, casa das irmãs, alojamento das meninas, dos meninos, tudo distribuído segundo idade, sexo e poder.

A Igreja, até hoje, mesmo em ruínas, é a primeira a se destacar, quando se ingressa no espaço da missão ordenado pelos edificadores dos ícones (**eikón**=signo analógico ao referente), pedra angular de toda a edificação ideológica missionária das antigas reduções jesuíticas de Mojos, Chiquitos e Sete Povos (sul). Cada um destes conjuntos físicos era secundado por um conjunto de práticas disciplinares, de rituais, códigos e regras para cada um dos grupos.

O **ordenamento espacial** dos conjuntos construídos são símbolos não-verbais que explicitam um universo de representações, em que se estabelecem fronteiras novas de significados onde antes eram determinados apenas pela natureza das relações societárias inter-éticas ou seja sem a presença desta nova tribo de nacionais.

Cada edificação no espaço determina um tipo de comportamento a exigir-

se e ações correspondentes tais como dormir em determinada hora, estudar, trabalhar, jogar, comer, passear, rir, chorar e rezar.

Cada conjunto envolve práticas rituais singulares, ordenadoras e homogeneizadoras dos movimentos e comportamentos dos grupos, segundo predeterminações hierárquicas das relações de poder.

A seguir, esboçaremos os paradigmas que subsidiaram estas elaborações jesuíticas.

## 9.2 Utopias e Inspirações jesuíticas

Certamente o **modus vivendi**<sup>83</sup> dos primeiros apóstolos tenha sido a inspiração de Inácio de Loyola, introjetada em seus primeiros jesuitas missionários. Pelo menos essa era a intenção.

É na obra de Thomas Morus - "Utopia" (1516) que faz a apologia de um Estado imaginário, onde todos trabalham, exceto os que são dedicados aos estudos e embora diferentes, há igualdade entre os cidadãos, como no Estado ideal de Platão.

Segundo Darcy Ribeiro<sup>84</sup>:

"Os cronistas, lidos e relidos, provocavam nas décadas seguintes, toda uma literatura utópica. A partir da visão precoce de Tomás Morus, ela se desdobra, concebendo o mundo e a sociedade como um projeto edificável pela vontade dos homens".

---

83 Atos so Apóstolos - Cap. 2 v.42 - "Perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões comuns, na fração do pão.(...) Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum".

84 Darcy Ribeiro & Carlos Araújo Moreira Neto - **Fundação do Brasil: Testemunhos 1500-1700**, Edit. Vozes, Petrópolis, 1992, p. 19.

Os cronistas, desde Colombo, Vespúcio, Simão Vasconcelos (que escreve a crônica da Companhia de Jesus) imaginavam que a descoberta da América coincidia com a descoberta do **Paraíso Perdido**, onde se encontrava toda aquela indiada nua, sem lei, nem rei, nem pecados de civilizados, sem classes, nem lucros e propriedades privadas. É o inusitado paraíso, nunca dantes visto pelos europeus.

Ainda segundo Darcy Ribeiro (1992:19-20):

"A loucura de inventar a sociedade perfeita, inspirada na imperfeição selvagem, deu lugar, com Erasmo, ao elogio da própria loucura a às críticas oblíquas de Gargantua, culminando com o elogio da sabedoria selvagem em Montaigne. Mas não foi tudo, as mesmas fontes inspiraram também a Calibán, já como a surpreendente autoconsciência do mestiço, e ao bom selvagem de Rousseau, convertido em militante revolucionário. A mescla explosiva dos subversivos intérpretes dos cronistas do mundo selvagem, com velhos pendores milenaristas, fermentou tanto, que deu, afinal, nos enciclopedistas e explodiu na própria Revolução Francesa, que como se vê é também obra dos selvagens brasileiros".

O padre Antonio Vieira<sup>85</sup> no **Governo do Gentio** (1655) afirma que os gentios devem ser bem governados tanto no espiritual quanto no temporal.

Enfim conclui Ribeiro (1992:59)

"Por parte dos jesuítas a racionalidade se afirma como a primeira tentativa registrada na história de criar intencionalmente, por ato de vontade, uma sociedade utópica. Os inicianos o fazem com uma dureza, que só Stalin teria mais tarde".

Outro inspirador dos ideais jesuítas pode ter sido Domenico Campanella em sua obra "**Civitas Solis**" (1602) na qual preconizava uma república ideal, teocrática, governada pela razão, naturalista, sem propriedade

---

85 Ribeiro & Moreira Neto, op. cit., p.237

privada do solo.

A tentativa de construir "repúblicas missionárias" efetivamente existiu com a criação em 1670 nas reduções dos Sete Povos das Missões, abrangendo o Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai<sup>86</sup>.

As reduções de Mojos (1667) e Chiquitos (1691)<sup>87</sup> foram outras tentativas de constituir "repúblicas teocráticas" autônomas com poderes temporais e espirituais.

"Quanto aos jesuitas, parece fora de dúvida que tinham na América um plano de grandes proporções; nada menos que assentar nela um imenso império temporal da Igreja Católica e sob sua direção. Não se explica de outra forma a empresa sistemática, em parte realizada, de conquistar todo o coração do continente sul-americano; o que se revela nesta Inha estratégica de missões que se estendem do Uruguai e Paraguai, pelos Moxos e Chiquitos da Bolívia, até o alto Amazonas e Orenoco. Reunidas estas missões de origem espanhola, às portuguesas que subiram pelo Amazonas, o conjunto apresenta-se como um bloco imenso e coeso de territórios plantados em cheio na América. Nem se pode dizer que os jesuitas realizavam o objetivo tradicional de todas as missões religiosas, isto é, abrir caminho entre as populações indígenas para o avanço dos colonos europeus. Lutaram contra estes com todas as armas, inclusive a força, tentando desesperadamente afastá-los e manter sua hegemonia própria. Mas seja como for, os padres realizaram uma grande tarefa econômica no vale amazônico. A eles cabe a iniciativa do desbravamento de todo este território imenso, semendo suas missões num raio de milhares de quilômetros. Estas missões no aspecto que nos interessa aqui, constituem importantes empresas comerciais".<sup>88</sup>

Esses três casos citados eram verdadeiros "impérios" autosuficientes em

---

86 Lugon - A República Comunista Cristã dos Guarani, Silvio Back - **República Guarani**, edit., Paz e Terra, São Paulo, 1982. Livro e filme nos quais também colaborei, vide p. 111

87 A este propósito ver o trabalho de Denise Maldini Meireles - **Guardiães da Fronteira**, Edit. Vozes, Petrópolis, 1989.

88 Caio Prado Junior - **História Econômica do Brasil**, 38a.ed., Edit. Brasiliense, São Paulo, 1990. p. 70-71.



que neles todo o necessário era produzido. Citamos apenas estas três reduções, embora houvessem também no Amazonas:

"esses núcleos, sobretudo os jesuíticos, tiveram um papel decisivo na desindianização das várias tribos pela imposição de uma língua totalmente estranha à área, que era a língua geral tupi-guarani, como fala de comunicação entre eles. A gente neles gerada já não pertencia à tribo de seus pais, mas a uma entidade nova que era a própria missão que, sendo extinta, os deixou ao abandono. Estes caboclos amazônicos são o equivalente jesuítico dos mamelucos. Muito mais índios que estes, porque tiveram menos miscigenação com brancos e negros. Mas, igualmente despojados de qualquer identidade e postos na mesma terra de ninguém, de quem perdeu seu próprio ser. São índios genéricos, falando uma língua indígena imposta pelos jesuitas, vivendo em função do mercado mundial de drogas da mata. Eles são o produto de um processo civilizatório, sem lugar próprio nas estruturas de classe e nas agrupações étnicas de seu contexto.<sup>89</sup>"

### **9.3 Redução jesuítica no cerrado**

A primeira missão jesuita na região de Mato Grosso, foi a de Santana, hoje Chapada dos Guimarães, no sec. XVIII.

Consoante com as palavras do jesuita Pe. José de Moura e Silva, que missionou muitos anos em Utiariti:

"O que os jesuitas queriam mesmo era uma missão entre povos indígenas, para reatarm a tradição das missões pré-pombalinas e para tanto já tinham tentado, desde 1925, assumir uma Prelazia nos Estados do Espírito Santo e Goiás".(1980:74)

Na verdade, esta tentativa havia ocorrido anteriormente em 1841 no Rio Grande do Sul, estabelecendo as reduções de Guarita, Campo do Meio e Nonoai,<sup>90</sup> com o fito de missionar entre os Kaingang, na época chamados

---

89 MOREIRA NETO, C.A. & RIBEIRO, D. - *A Fundação Do Brasil*, Edit., Vozes, Petrópolis, 1992, p. 57a.

90 MOURA E SILVA, J. de, 1975:2.

de "coroados" pelos nacionais, devido ao corte de cabelos em forma de coroa. Estas reduções tinha a finalidade de pôr fim aos conflitos entre Kaingang e nacionais e evitar sua vida andeja, favorecendo a expansão colonizadora no norte do Rio Grande do Sul. Esta era a intenção do Estado do Rio Grande do Sul, ao favorecer a ação dos jesuitas na região. Devido a conflitos de interesses políticos na região que perturbavam o trabalho missionário, os jesuitas abandonaram a tarefa, retomando-a após breve interregno em 1870, posteriormente abandonado por falta de sucesso. A retomada do trabalho missionário na região, ocorreu um século depois em 1970, com a abertura de uma paróquia missionária, próxima a Guarita.

Enfim, Dom Francisco de Aquino Corrêa, soube da intenção dos jesuitas de estabelecer uma missão na região norte de Mato Grosso, da qual até então se tinha poucas notícias além dos trabalhos da Comissão Rondon. O então Governador ofereceu a região da Amazônia Meridional como território missionário a ser assumido pelos jesuitas. O padre João Batista Du Dréneuf, Vice-Provincial dos Jesuitas da Província Brasil Central<sup>91</sup>, verificou a região, em 1928. A proposta foi aceita, e após os acordos jesuíticos internos, o Papa Pio XI, instituiu pela Bula "**Cura Universae Ecclesiae**", em 22 de março de 1929, uma circunscrição eclesiástica, com sede em Diamantino e com as seguintes delimitações geográficas: a oeste do rio Juruena, a leste com o rio Xingú, ao norte com o Pará e ao sul até a divisa da Missão Salesiana entre os Bororo e Xavante. O território missionário tinha 354.000Km<sup>2</sup>.

---

91 Os jesuitas no Brasil estão divididos em Províncias e Vice-Províncias: a) Prov. Bras. Centro Leste; b) Província do Brasil meridional; c) Vice-Província da Bahia; d) Vice-Província do Brasil Setentrional e atualmente Missão Anchieta. A Missão Anchieta é um setor afeto à Província do Brasil Meridional, a partir de 1952, sendo no período anterior dependente da Província Brasil Central. Cada Província é autônoma e é ligada diretamente à Cúria da Companhia de Jesus, cuja sede central está em Roma. A direção é autocrática, mas subalterna ao Papa. Popularmente o Padre Geral (Superior Geral de todos os jesuitas) é chamado de Papa Negro, em relação ao Papa que se veste de branco. In **Catalogus Provinciarum et Vice-Provinciarum Brasiliae Societatis Jesu**.

Segundo Rinaldo Arruda:

"A administração da Prelazia representou para os jesuitas uma continuidade histórica das missões radicadas no Mato Grosso no sec. XVIII, na parte sul dessa área. Essa região de cerrado só passou a sofrer penetração mais densa a partir de 1728, após a descoberta de ouro efetivada pelas bandeiras de Gabriel Antunes Maciel. Em seguida Antonio Pires de Campos e outros devassaram o divisor de águas entre os formadores do Paraguai ao sul e os contribuintes do Amazonas ao norte, atingindo em cheio o território dos Paresi. Nessa ocasião a violência a matança contra os índios foi de tal monta que, em 1749, a Corte Portuguesa instruiu o Governador de Mato Grosso, Antonio Rolim de Moura, a aldear os Paresi, no intuito de preservá-los, como força-de-trabalho nacionalizada de forma a garantir o domínio de Portugal, na época sem população suficiente para assegurar a ocupação do país. Para isso, foram chamados os jesuitas que, no entanto, apenas conseguiram aldear os índios conhecidos como Coxiponeses, na redução de Santana, atual cidade de Chapada dos Guimarães."<sup>92</sup>

Em 26 de abril de 1930, o recém Monsenhor, João Batista Du Dréneuf, foi nomeado Administrador Apostólico da nascente Prelazia de Diamantino. Os primeiros quatro anos de atuação restringiram-se a algumas visitas aos Bakairi de Santana e Posto Simões Lopes.

Em 14 de setembro de 1935, foi instalada uma sede própria, dentro do território Nambikwara, próxima à estação telegráfica do Juruena (Major Amarante em 1929), na antiga sede da ISAMU.<sup>93</sup>

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira<sup>94</sup> a ISAMU, a mesma entidade

---

92 Rinaldo Sérgio Vieira Arruda - **Os Rikbaktsa: mudança e tradição**, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo, 1992, p.78-9. Encontra-se também em Moura e Silva, 1975:9 et alia.

93 Moura e Silva, 1980:75.

94 Roberto Cardoso de Oliveira - **Urbanização e Tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de Classes**, Zahar edit., Rio de Janeiro, 1968, p. 116, nota 7 e também Arruda, 1992:84, nota 2:

"A **Inland South American Missionary Union** era uma entidade anglo-norte-americana que teve uma existência muito curta, de menos de dez anos. Cindida em dois grupos,

religiosa que atuava em Juruena, provocou entre a chefia dos Terêna e o chefe do Posto (SPI) uma série de conflitos, bem como entre católicos e crentes. Esta mesma situação se repetirá em Utiariti, após o massacre dos missionários da ISAMU em Juruena.

Adalberto Holanda Pereira descreve com detalhes este massacre, ocorrido em 1930. Trabalharam em Juruena apenas cinco anos. Retomaram o trabalho posteriormente em Campos Novos e Utiariti.

"Em 1937, a ISAMU retomou o trabalho missionário entre os Nambikwara, não já em Juruena, mas em Campos Novos e em Utiariti, onde as circunstâncias eram diferentes: os Nambikwara chegavam de longe, do Juruena e do Sapezal. De Utiariti passaram a atender também os Iranxe e os Paresi. Sairam de Utiariti em 1957".<sup>95</sup>

Claude Lévi-Strauss<sup>96</sup> diz que:

"...as missões protestantes americanas que tentavam penetrar no Mato Grosso Central, por volta de 1930, pertenciam a uma espécie particular: os membros provinham de famílias camponesas do Nebraska ou dos Dacotas, onde os adolescentes eram educados numa crença literal no inferno e nos caldeirões de azeite a ferver. Alguns deles tornavam-se missionários como se faz um seguro. Assim tranquilizados contra a sua salvação, pensavam nada melhor terem a fazer para a merecerem; no exercício da sua profissão davam provas de uma dureza e de uma desumanidade revoltantes".

Talvez residisse aí um dos motivos, aliado a outro -a bruxaria- relatado por Adalberto Holanda Pereira, que ocasionou o massacre: rudeza, desumanidade e castigo como ascetes para a conquista do Paraíso. Morrer em terra

---

tomou as seguintes denominações: **New Testament Gospel Union**, congregando o grupo inglês; e **South American Indian Mission**, representativa do grupo norte-americano - que prosseguiu no proselitismo religioso dos Terêna".

95 Adalberto Holanda Pereira - Heróis do Juruena, *Rev. Síntese*, N. 5, N.F. vol II, 1975, Ed. Loyola, p. 124.

96 Claude Lévi-Strauss - *Tristes Trópicos*, Ed. 70, Lisboa, 1979, p. 287.

de missão e tarefa missionária representa a segurança do paraíso e da vida eterna.

Lévi-Strauss e Holanda Pereira confirmam que o motivo da matança deve-se à morte do Nambikwara Manoel, que estava sendo medicado pelos missionários da ISAMU, mas tido como envenenado pelos Nambikwara.<sup>97</sup>

Acerca da escolha do local, para sede da missão, o Pe. Alonso Silveira de Mello, um dos fundadores, assim se explicita:

"Durante os dias de nossa demora em Major Amarante, marcamos onde se devia estabelecer a Missão, a casa dos padres, os lugares para boas roças. Resolvemos localizar a Missão, à beira de um ribeirão conhecido com o nome de Mangabal, no qual há uma boa queda que permitirá mais tarde, quando tivermos meios para isso, mover à água várias máquinas".<sup>98</sup>

Foi também nessa oportunidade, que os primeiros missionários jesuitas escolheram o nome da missão: Santa Terezinha do Mangabal do Juruena.

Os primeiros tempos de 1935, foram de animosidade com os Nambikwara, talvez devido aos eventos ocorridos com a ISAMU e o local foi abandonado durante um ano. De Santa Terezinha do menino Jesus do rio Mangabal, os padres missionários viajavam para desobrigas a Vilhena, Campos Novos e Juína.

Segundo Pe. Mello, as condições não eram favoráveis para o florescimento missionário, pois:

---

97 Levi-Strauss, 1979:258. Holanda Pereira, 1975:123.

98 Alonso Silveira de Mello - A Missão do Mangabal do Juruena, **Pesquisas**, História N. 18, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1975, p.40.

"A agricultura nessas terras arenosas de Juruena tem sido um fracasso: em vez de colherem os missionários dezenas de sacas de arroz, só conseguiram dois. O milho e a própria mandioca não vingam, por causa da saúva. Chega-se à convicção de que aqui nunca se poderá produzir o suficiente para o gasto dos religiosos e muito menos abastecer os silvícolas. Será um crime nestas circunstâncias querer fundar uma povoação nestas paragens. Monsenhor sabendo disso, determinou contudo, que se ficasse mais ainda, mais algum tempo, a experimentar a improcedência da sede missionária em Juruena arenosa e a sofrer a intervenção contínua de estranhos, por se situar o posto missionário ao lado da estrada e do civilizado. Esta proximidade da estação telegráfica atrapalha a ação dos missionários entre os índios, principalmente havendo, como há, pessoas que fazem intrigas e se intrometem na orientação e direção dos índios".<sup>99</sup>

Esta clara aqui a intenção paternalista e preocupação econômica<sup>100</sup> dos jesuitas no trato com os indígenas, imaginando que esta sociedade secular, não pudesse prosseguir se auto-reproduzindo nas suas relações com a natureza. Além disso, queriam os jesuitas uma intervenção exclusiva na orientação e direção dos índios.

Enquanto ainda estavam em mangabal, os missionários jesuitas realizaram diversas incursões, tendo a vista a localização e atração dos Iranxe.

"Em fins de dezembro de 1938 e começos de 1939, o Pe. Mello, com o Ir. Antonio, fez tentativas de encontrar os Iranxe que deviam ter maloca no vale do Cravari. Chegou até o Paredão, onde apenas deparou vestígios de acampamento deles. Nos anos de 1941 e

---

99 Silveira de Mello, 1975:45.

100 PRADO, M.L.C. & CAPELATO, M.H.R. - **"A borracha na economia brasileira da primeira República"**, in *Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia*, dir. Boris Fausto, Difel, São Paulo, 2a. ed., 1977, p. 287. "Os missionários, que se dirigiam à Amazônia com o objetivo de catequizar a população nativa, acabaram demonstrando um interesse maior pela atividade econômica do que pela obra espiritual que, inicialmente, se propuseram a realizar. Dessa forma, desempenharam um papel importante na primeira fase da economia amazônica, pois foi por iniciativa dos religiosos que o elemento indígena tomou-se a mão-de-obra empregada na coleta do cacau, salsa, cravo, canela, castanha, raízes aromáticas, madeira etc. estes produtos, utilizados nas alimentação, condimentação, farmacopéia e construções encontravam consumo certo no mercado europeu, habituado às especiarias do Oriente".

1942, o Pe. João de Freitas fez três excursões com a mesma finalidade. Apesar de ter atingido o Cravari e as proximidades da maloca Iranxe, não chegou a vê-los."<sup>101</sup>

Após a experiência dos primeiros anos em Mangabal do Juruena esboçaram-se os elementos que prevaleceriam no trabalho missionário. Aqui se refere ao internato feminino e masculino:

"Com a vinda das irmãzinhas da Imaculada Conceição (1940) deu-se início à época mais próspera de Juruena. Em seguida algumas indiazinhas experimentaram ficar internas com as Irmãs, mas não permaneceram por muito tempo. Também com os padres entraram pensionistas, alguns órfãos como o Lídio, o Tito, o Ciro e o André. Eles aprendiam a ler e ajudavam nos trabalhos compatíveis. Era o início da escolinha da Missão."<sup>102</sup>

Em 1944 com a visita do Provincial dos jesuitas e face à penúria em que viviam os missionários, foi decidida a transferência da sede de Mangabal do Juruena para Utiariti. Nesse interregno, um surto de sarampo, reduziu os Nambikwara de 100 para 20 pessoas.

"Esse acontecimento apressou a mudança para Utiariti. Lugar mais acessível, mais agradável, mais salubre, Utiariti oferecia melhores condições para a agricultura e pecuária. Sua situação mais próxima dos Iranxe e dos Paresi, recomendava a transferência da sede da Missão".<sup>103</sup>

Em maio de 1946, realizou-se a mudança para Utiariti, tendo sido abandonada a sede de mangabal do Juruena, após uma década de agruras para os missionários e do quase desaparecimento dos Nambikwara do cenário regional. Segundo Rondon, na época dos levantamentos realizados para a implantação da linha telegráfica, os Nambikwara eram cerca de

---

101 Silveira de Mello, 1975:47.

102 Ibidem

103 Idem, p. 49.

2.000. Com a pacificação, a invasão do território pela passagem da linha telegráfica e posterior invasão seringueira e das missões ISAMU e jesuitas ficaram supremamente depopulacionados, especialmente devidos às novas doenças antes desconhecidas, como gripe, sarampo, varíola...

Parece crer que, desde a fundação de Mangabal do Juruena, embora o trabalho principal fosse entre os Nambikwara, uma das metas da missão era cristianizar os Iranxe.

Em Mangabal existiam as seguintes construções,<sup>104</sup> quando os jesuitas realizaram a transferência da sede para Utiariti: residência dos padres, das irmãs, de empregados com família, escola para meninos e para meninas, garagem, carpintaria, depósito, estábulo para vacas, moradias diversas para índios transeuntes, refeitório, cozinha e roças...<sup>105</sup>

#### **9.4 Adestramento de corpos e espíritos**

Os Iranxe sempre despertaram nos jesuitas a intenção de catequizá-los, desde os tempos da missão em Mangabal do Juruena. A própria transferência da sede para Utiariti tem algo a ver com os Iranxe, segundo

---

104 Caio Prado Junior, op. cit., p. 71: "Reunidos os índios em aldeias - para que os padres contavam com o dons de persuasão que fazem honra a seu instinto psicológico e habilidade política, - eram eles submetidos a um regime disciplinado e rigoroso de trabalho e de vida em geral. Conseguiram os padres o que os colonos leigos foram sempre incapazes de obter. Debaxo da ordem de diretores e mestres, os indígenas construíam as instalações da missão - as casas de habitação, a igreja com sua escola anexa, os armazens e depósitos. Depois destes trabalhos preliminares, enquanto uma parte dos nativos se destinava à cultura dos gêneros alimentícios necessários à sustentação da comunidade, os outros partiam para expedições de colheita dos produtos da floresta, de caça e de pesca. Os gêneros assim obtidos eram exportados, pagando-se com isso não somente a manutenção das missões (que aliás quase se bastavam a si mesmas), mas deixando saídos apreciáveis que com os de outras procedências, iriam enriquecer consideravelmente as Ordens respectivas e dar-lhes, na primeira parte do séc. XVIII, grande poder e importância financeira."

105 Silveira de Mello, 1975:44,48-9.



Adalberto Holanda Pereira:

"Sendo imprestável, em Juruena a terra para a lavoura, o Pe. Mello não quis fazer derrubada de mato para a roça no ano de 1937, sem primeiro procurar melhores glebas além do Sacre, afim de transferir para lá a sede da Missão, na proximidade dos Iranxe".<sup>106</sup>

Há episódios marcantes de missionários que se atribuíam atividades como imponderáveis, senão vejamos: "... e o Pe. Martin deve continuar Superior, será melhor fazer-lhe a vontade e deixá-lo ir aos Iranxe". (ib)

Pouco tempo depois da transferência para Utiariti, já estavam os jesuitas em aldeias Iranxe, sempre acompanhados dos guias Paresi. Consta no Diário de Utiariti<sup>107</sup>:

"Chegam Iranxes, alguns da turma de Acácio, e alguns da turma de Antonio que está no Posto; ao todo 30 pessoas. Completa no dia 26 do mesmo mês: Foram embora os lanches, alguns à maloca, outros ao Posto. Deixaram dois meninos Armando e Alípio. Era o princípio do internato iránxe. (destaque nosso) Entretanto os dois índios, como todos os outros, que vieram depois, não se adaptaram nunca, devido ao regime do horário e trabalho".

É relevante a nota de rodapé:

"Os dois meninos não se ajeitam facilmente ao nosso modo de vida: nem a comida em horas certas, trabalho algo prolongado, etc. Tem aula todos os dias de instrução primária e catecismo.(...)Foram embora os lanches, levando os dois meninos: Armando e Alípio<sup>108</sup>, que vão com "saudades" da maloca".<sup>109</sup>

---

106 PEREIRA & MOURA E SILVA, 1975:6.

107 PEREIRA E MOURA E SILVA, 1975:11

108 Em entrevista em nov. 92 Celso Iranxe fala: "depois que mataram o pai de Alípio, este foi para Utiariti". O internato parece ter iniciado com meninos órfãos, resultantes das matanças realizadas pelos seringueiros, desejosos de limpar as matas de seringa de seus habitantes originais.

109 Ibidem

Os jesuitas tinham noção precisa da ruptura que representava no universo Iranxe a transferência dos meninos para Utiariti:

"A turma do Acácio entregou-nos 5 creanças. Aos poucos voltaram a maloca... Mas foi um começo promissor. Para retê-los por mais tempo, se faz mister criar um estágio de adaptação na escola e no internato. Na maloca, o dia inteiro fazem o que querem; quase sempre estão à cata de alguma coisa para comer;<sup>110</sup> os pais os animam em extremo: tudo em flagrante oposição com a vida regulada por um horário. Mesmo si não faltar comida, sempre estão com a sensação de fome, por lhes faltar o acostumado".

Oito anos depois de iniciadas as atividades em Utiariti ou seja em 1953 o Pe. Domstauder diz que "a maioria das crianças em idade escolar está no internato de Utiariti..."<sup>111</sup>

Em 1954, praticamente está completa a transferência dos Iranxe para Utiariti:

"Também desta data em diante se pode dar por encerrada a vida tribal nativa e espontânea dos Iranxe, sem a intervenção dos elementos de aculturação civilizada branca, brasileira ou norte-americana. Três famílias permanecem na margem esquerda do rio Cravari, enquanto a força viva dos Iranxe vive na missão dos jesuitas em Utiariti, onde os mais novos se alfabetizam".

## 9.5 Desnudamento e vestição civilizatória

Apresentamos os depoimentos que foram gravados pelos ex-alunos que foram internos em Utiariti.

---

110 Parece que a fome é determinada pelos padrões culturais. Pode-se comer, mas sempre se tem fome, quando os alimentos, com os quais ocorreu a socialização alimentar não estão presentes, seja pela inexistência dos mesmos na natureza ou pela mudança radical de hábitos alimentares, próprios de outra cultura.

111 PEREIRA & MOURA E SILVA, 1975:13

"Índio saiu do mato né, tudo enfeitadinho, colar, brinco de orelha, mas acontece que a gente chega no colégio da missão né, como antiga colégio da missão, a gente começou arrancando os enfeites com que índio chegou, porque índio não poderia viver assim, parece né, arrancaram todos enfeite de índio. Não é só tribo Iranxe, mas qualquer tribo que viesse, é menina, moça, tudo né. Então em vez de o índio com a missão - os padre - que foram pegar indiozinho dentro do mato e levasse lá no colégio pra deixar ele como viver, mas não chegara lá tiraram todas as coisinhas do índio. Eu acho que até hoje a gente recorda das coisas. Eu acho que fizeram pouco errado. Foi errado. Errado tirar os costumes dos índios". (C. nov. 1992)

"Quando vinha da aldeia, tinha que tirar colar, cortar cabelo, vestir roupa e muitos colegas se revoltavam com isso. - Vocês não estão mais na aldeia, estão na civilização. Pra mim é uma lembrança triste." (O. nov. 1992)

Qualquer indiozinho ao chegar no internato apresentava grau zero de civilização. O rito de iniciação sumário é partir da situação de **tabula rasa**<sup>112</sup>. É importante investir nas crianças, pois os pais já estão consolidados pelo universo tribal. O Iranxe já se apresentava nú. Mas, seu nú era o símbolo de outra identidade. O nú o constituía como Iranxe. Desnudar, extirpar hábitos, extrair colares, cortar cabelos, vestir roupa, desentruar os elementos externos e internos da identidade Iranxe, para vestir-se externa e internamente segundo a civilização. Isto faz parte do processo de ressocialização. Dissolver o Iranxe para introduzir o civilizado. Ressignificar todo o universo anterior com os parâmetros da civilização, esta é a tarefa dos jesuitas.

O desenraizamento, o distanciamento do espaço<sup>113</sup> onde o Iranxe, na

---

112 "Os jesuitas encontraram o papel em branco no qual tanto desejavam escrever sua verdade. Esse papel era a alma indígena". in Roberto Gambini - **O Espelho Índio: os jesuitas e a destruição da alma indígena**, Edit. Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1988, p. 90

113 "Os jesuitas forçavam os índios a abandonarem suas aldeias e entre outras coisas a mudarem a estrutura e a natureza de suas habitações". Idem, p. 194.

relação com a natureza e na relação pessoa a pessoa, explicitava seu **ser** Iranxe, é essencial nesse processo de ressignificação. "É pegar o indiozinho no mato e levar pro colégio da missão."

Em sociedades da oralidade (ágrafas) se transmite a cultura, o saber, a cosmovisão, através da fala. Extirpar a língua e calar a fala alienígena (embora materna), eliminar e impedir a explicitação dos ritos faz parte do processo de socialização e ressignificação que abrange todas as relações ou por que não dizer, todas as dimensões da existência.

"Mas a gente viu que no fundo erraram, principalmente eu que saí da aldeia com seis anos e acompanhava todas as tradições tribais, principalmente a língua Iranxe, sabia tudo, falava e depois que fui para lá, perdi todas as minhas tradições, que acompanhavam os velhos. Hoje em dia eu podia tocar, movimentar com os pais, seus instrumentos, tudo isso eu podia acompanhar por causa disso eu fui pra lá e perdia tudo os meus tradições."<sup>114</sup>

É interessante a apresentação, pelo Iranxe de elementos conjugados ou seja, a língua, os costumes, os ritos, a ligação entre as gerações e o distanciamento da aldeia. Essa correlação de elementos constitui um bloco que compõe o processo mais geral que é fazer do índio um civilizado, cidadão, cristão e para isso tem que passar pelo processo de desiranxização.

Nas palavras de Baêta Neves:

"Quanto mais afastada da" natureza" mais alguma coisa é "civilizada". A natureza é algo "bruto" à espera de ser "purificada", lapidada pela ação dos súditos de Cristo".<sup>115</sup>

Em geral trata-se a natureza como o reino dos irracionais, guiado pelos

---

114 Entrevista realizada em novembro de 1992, com I. na aldeia do Cravari.

115 Baêta Neves, 1978:41.

instintos, lugar de plantas e animais, regidos por leis não elaboradas pelos homens - lei da natureza.

"Na verdade o "processo civilizatório" do "perfil" do indígena não é somente o de cobri-lo de roupas. A primeira etapa é propriamente corpórea...Trata-se de efetivamente corrigir o corpo do "brasil".(...) A luta contra os "objetos deformadores" é parte de outra: é preciso vestir os "índios". Há uma distinção a ressaltar: "adorno" não é "roupa", lembremo-nos. "Adorno" enfeita alguma coisa a ser enfeitada e mortificada".<sup>116</sup>

## 9.6 Castigos e fugas

"Uma vez fugiu Gertrudes e minha irmã Alice. Era domingo. As irmãs deixavam a gente jogar bola. Quando foi domingo elas fugiram. Tinha um cachorrinho apanhou elas. Foram na cozinha. Apanharam coisinhas pra comer. Foram lá no morrinho [cabeceira do Morrinhos, no rio do Sangue?]. Era casa de seringueiro. Andaram esse pedaço aí. Irmã falou pra Irmão Fernandes. Aí foi procura elas. Encontrou na feitoria de seringal. Aí na estrada velha que vai pro Bacaval. Quando Irmão Fernandes estava chegando aí perto saíram correndo. Só o cachorrinho foi em casa. Aí Irmão chamou, chamou. Aí trouxe elas pra casa." (set/96)

"Eu apanhava, porque era burro. Em 1964 eu fui para o Baranco Vermelho e peguei malária. E na época não tinha remédio. Só aralem. Remédio ruim. Não tinha soro. Então nós trabalhava na roça, abria roça. Escondi minha doença e tinha hora não aguentava. Até sentava. Estava tremendo. Eles falaram que era preguiça. Apanhei . Estava pra cá da usina. Tinha um abacaxizal. Nós estava carpindo. Não aguentei. Larguei a enxada e fui pra casa de minha mãe. Estava tremendo de febre. Aí foi chamar Irmã Salete. Ela foi espiar eu lá. Aí desconfiaram que eu estava escondido. Mandaram gente procurar eu. Aí souberam da minha doença". (set/96)

Estes casos são citados a título de exemplo. (ver entrevistas)

"Castigavam. Naquele época que nós estava vivendo junto com a missão, eles faziam

---

116 Baêta Neves, 1978:133-135.

com nós: castigavam. Ficava sentado, ficava ajoelhado ou então não pode brincar com as meninada".(C/nov.92)

"Era na tora mesmo. Esse que nós conhecemos era das meninas também, como as freiras faziam com as meninas, os mestres faziam com os meninos também. Já fiquei três noites de castigo sentado em cima da mesa".

"Então deu castigo pra nós - capinar um bom trecho. Mas nós já sofremo com esses padres".

"...expulsava, castigava os índios. Mandava embora sem ruma, sem aldeia...Assim que aconteceu com Batu - foi expulso. Ele não quer nem mais saber de padre. Está em Nova Olimpia".

"Eu mesmo atrasei tarefa e fiquei sem almoço. Já pensou na aldeia o índio está acostumado a comer toda hora, né! Batiam. Muitos colegas meus apanharam. Agora eu mesmo não apanhei não. Apanhava de vara, de cinto...Eu lembro de um mestre que apanhou. Havia trenzinho: todos ficavam de pernas abertas e o castigado passava por baixo apanhando até chegar ao final da fila".(I.,nov.92)<sup>117</sup>

Segundo Foucault<sup>118</sup> a disciplina é uma arte de bom adestramento, para a apropriação do corpo. A disciplina é posta em prática, exigida, por meio da punição, do castigo. Punir para impedir.

Baêta Neves realiza uma pesquisa documental acerca das atividades missionárias jesuíticas e assim se reporta à disciplina e ao castigo:

"A disciplina nos colégios era rigorosa. Os jesuitas empregaram: repreensões, reclusão ou privação de recreios e castigos corporais. O âmbito das penas disciplinares era grande: castigava-se moralmente (pelas repreensões), pelo impedimento do lazer/ descanso (reclusão ou privação de recreios), pela dor corporal (castigos corporais)(...). Quanto ao

---

117 Entrevistas realizadas em novembro de 1992, na aldeia Paredão e aldeia Cravari e Perdiz. São todas aldeias Iranxe.

118 FOUCAULT, M.- 1991:153

castigo corporal, ele é coerente com a ideologia do corpo jesuítica. Já o impedimento do lazer/descanso parece demonstrar que, no início do que atualmente se conhece por "escola" - em pleno séc. XVI colonial - já se percebe a necessidade da coerção; e o estudo, o aprendizado na escola, é visto como algo "sério", impõe-se uma não muito grave penalidade física (a pessoa não pode sair para se encontrar com os outros colegas no recreio por tempo determinado) para reiterar uma importância ética da seriedade da aprendizagem do saber. O que é peculiar à pedagogia jesuítica é que insere - ad infinitum - importância da repreensão, ou sejam da crítica ética a um comportamento ético, stricto sensu, ou a um comportamento escolar".<sup>119</sup>

O autor desenvolve a pesquisa manipulando documentos do ano de 1549 a 1570. Percebe-se que o modus procedendi da escola internato de Utiariti, em pleno séc. XX, quatro séculos após, em quase nada se alterou no que diz respeito a disciplina e castigo. Estes procedimentos visavam a obtenção de uma uniformidade de recorrência comportamental dos alunos, tendo em vista os princípios da "ratio studiorum".

## 9.7 Retorno às aldeias

Em 1968 ocorreu (**devido às mudanças de orientação das missões: cursos de antropologia realizados na USP pelos missionários, inviabilidade do internato, etc.**) o início do término do internato de Utiariti<sup>120</sup> e todos os índios retornaram aos poucos para suas aldeias de origem. Alguns foram para as cidades, outras para fazendas. O mesmo não ocorreu com os Iranxe, que chegavam a chorar, pois não possuíam mais

---

119 Baêta Neves, 1978, p. 150.

120 "No final da década passada, mudou a mentalidade de alguns missionários da MIA. Não aceitavam o sistema de educação até então adotado, pois o sistema não educava o índio para uma autonomia própria. Isso gerou o retorno das crianças, rapazes de moças, homens e mulheres para suas respectivas aldeias e tribos. Muitos destes sentiram o problema de readaptação à nova realidade que enfrentavam. O despreparo para uma vida de aldeia, ainda não superado, em muitos casos, gera barreiras para uma dinâmica de educação escolar que leva a pessoa à descoberta de seus valores próprios". Cabixi, D.M., op. cit., p.86-87.

seu antigo território. Foram juntar-se ao Benito e Tapurá, próximo à cabeceira do córrego Paredão, onde Max Schmidt esteve em 1930 à sua procura.

Segundo nossas entrevistas, os últimos a saírem do internato de Utiariti o fizeram em 1971. Pode se considerar esse ano o do fechamento da escola da missão.

"Entrementes, a missão de Utiariti se resolvia a processar a volta de todas as tribos aos seus "habitat", julgando atender a melhores princípios de educação indígena, assistindo-as nas aldeias. Os Iránxe se surpreenderam com a atitude da missão e se ressentiram. Alguns se aproveitaram de atritos com os missionários, para se retirarem. Esses índios foram atendidos pelo Capitão José, na aldeia do Uaporé. Os desabafos se dividiam: uns contra e outros a favor dos missionários. Diziam todos que os missionários deviam facilitar a ida dos patricios remanescentes em Utiariti, no prazo mais curto possível. Esses restantes foram indo aos poucos para o Uaporé. Ficou em Utiariti apenas um Iránxe, motorista da missão."<sup>121</sup>

Esse Iranxe era Inocêncio Capuixi e dirigia um Mercedes Benz - caminhão de transporte. A situação ficou sempre indefinida até que também ele se dirigiu à aldeia do Cravari.

Com essa mudança muitos missionários começaram a reproduzir nas aldeias aquilo que existia em Utiariti. Outros faziam exatamente o oposto, num processo então chamado de **encarnação**. Esta consistia em viver o modo de vida indígena, mesmo sabendo que nunca seria, por isso um deles, pois não era possível suprimir a diversidade sócio-cultural.

---

121 Pereira & Moura e Silva, 1975:15



## X. DECIOLÂNDIA

Percorremos em nossa viagem por duas vezes a localidade Deciolândia (18/9 e 20/9/1996), situado ao longo da BR-364 entre o Rio Sucuruína (no oeste) e aproximadamente a localidade de Varzearia (no leste). Essa localidade está sendo estudada especificamente por Markus Blumenschein desde março 1996. Como resultados preliminares mostraram, a localidade Deciolândia, como também suas fazendas circunvizinhas possuem um certo grau de heterogenidade quando à história de ocupação descontínua como também sua estrutura sócio-econômica, mesmo se atualmente o plantio de soja parece predominar na região.

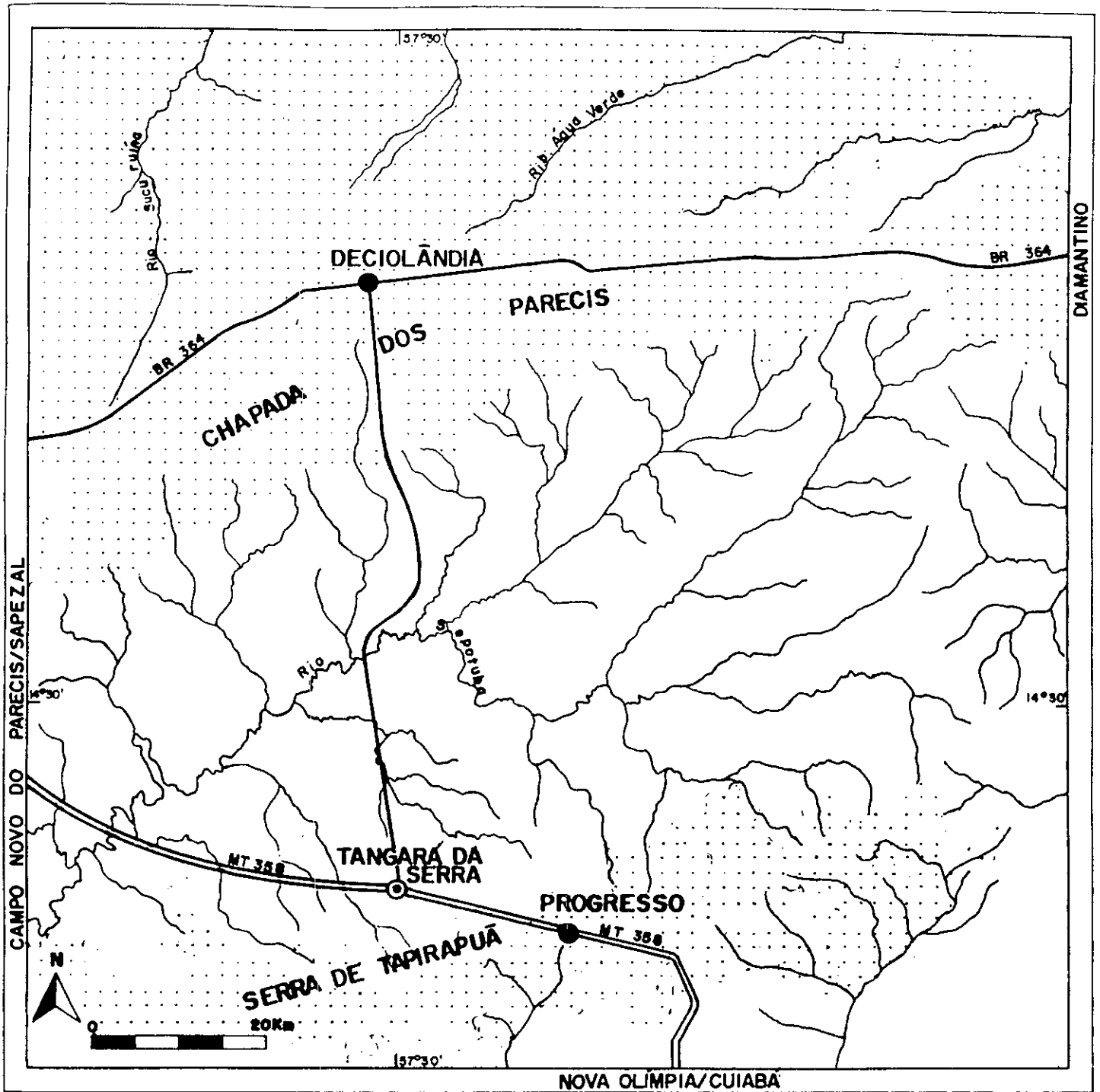
A avaliação das entrevistas com Pe. Arlindo no Rio Sacre (dia 16/9/96) e com Damião no Posto de Saúde da FUNAI em Tangará da Serra (dia 17/9/96) deram maiores esclarecimentos sobre essa região como também novos incentivos para revêr a região em estudo. Subimos então no dia 18 de setembro novamente para a Chapada dos Parecis, agora pela estrada de chão em linha direta para Deciolândia. (cf. mapa pág. 122.)

Econstruimos a estrada em baixo da serra e ao longo da subida em péssima condição, com perigo de devastação total em função de inúmeras voçorocas nos lados laterais<sup>122</sup>. Subimos então para o majestoso e maior chapadão do mundo (24 milhões de hectares). Deixamos uma área de mata de transição (floresta tropical semidecidual) antes da subida, em grande parte devastada pelo desmatamento indiscriminado até as cabeceiras dos rios como também pelo pisoteio de gado (alta taxa de lotação de gado, falta de renovação do pasto).

---

122 O tráfico pela estrada piorou posteriormente com o início da época da chuva e foi impedido finalmente nos dias 9 e 10 de novembro de 1996 quando a estrada desmorronou e vários carros caíram em voçorocas.

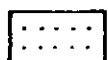
# Mapa geral da Chapada dos Parecis e suas imediações



Projeto: M. Blumenschein

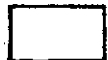
Fonte: Mapa de alteração da cobertura vegetal natural, Ministério da Agricultura 1982

Cartografia: G. Gomes da Silva



cerrado

rio / córrego



floresta / mata ciliar

estrada pavimentada



centro regional

estrada não-pavimentada



vila

Ao pé da serra observa-se no lado esquerdo um testemunho (*Zeugenberg*) da área de chapada, resto de antigas superfícies erodidas, como também em ambos os lados inúmeros blocos areníticos, efeito de um planalto dissecado.

Logo depois da subida a vegetação muda para cerrado (campo cerrado e cerrado *strictu sensu*). A terra fica bem mais arenosa e logo na borda da serra observa-se até dunas de areia, depósitos da erosão eólica. Essa primeira parte da chapada pode ser considerada como uma falha (*Staffel*), pois ainda não se alcança a parte mais elevada da chapada<sup>123</sup>. Precisa-se então subir novamente até alcançar o nível mais elevado. Nessa segunda subida existe no lado direito uma cascalheira. No fundo dessa cascalheira se vê uma estrada de chão cuja origem é mal esclarecida, mas segundo o mapa da Comissão Rondon (1952) consideramos essa estrada como a antiga estrada do Marechal Rondon. Ligou nesse trecho a maloca de João Ferreira (Tohêroa) com Água Limpa<sup>124</sup>.

Desde o ingresso no cerrado até o entroncamento com a BR-364 se estende a fazenda Diamante de Newton Brandão. Foram colocadas, há pouco tempo, placas de madeira para demarcar a área dessa fazenda, entre outros também - subindo - no lado direito, onde parece ter uma outra fazenda abandonada, denominada anteriormente fazenda Esteve Martins. Depois do entroncamento seguimos pelo lado esquerdo em direção ao Rio Sucuruína. Observa-se logo depois do entroncamento, no lado direito um armazém da Olvepar, uma bodega, um outro entroncamento para inúmeras fazendas que ficam na direção de Ponte de Pedra e uma área reflorestada por pinheiros (*pinus elliotis*), também chamada de *pinherinhos* pela

---

123 Se pode então considerar o vale do Rio Sepo uba como uma fossa ecônica que corre entre a Chapada dos Parecis e a Serra de Tapirapuã.

124 Segundo uma entrevista posterior no dia 8 de novembro de 1996, com Newton Brandão, essa estrada está atualmente abandonada. Uma ponte sobre o córrego Vermelho caiu.

população local.

Deciolândia fazia parte do território Paresí ou seja - antes da vinda de Rondon - do seu sub-grupo Kaxiniti. Já Rondon conta no seu relatório para *á Directoria Geral dos Telegraphos e á Divisão geral de Engenharia (G.5) do Departamento da Guerra* (1915, p. 45 et seq.) fala dessa região (cf. também Rondon 1910, p. 6-9). Passou em setembro de 1907 de leste para oeste, vindo de Diamantino:

" Mais 25,806 metros [depois a cabeceira do Kágado] e chaga-se á Varzearia, feitoria em humida baixada, origem da cabeceira em parecis denominada Canuti-suê. Em Varzearia tem-se completado 100.137 metros de Diamantino, ou 284.307 metros de Cuyabá.

Atraversando diversas lombas até a beira do buracão que constitue o valle do riacho S. Francisco e vertentes do Sepotuba, o caminho contorna esse mesmo buracão, inclinando-se para a cabceira onde ainda em 1897, segundo Badarioti, existia uma malóca de indios Parecis, hoje conhecida pelo nome de Cabeceira dos Veados, mas por aquelles indios denominada Cuzui-suê.

Nesse lugar encontrámos um rancho de seringueiros. O caminhamento que fizemos de Varzearia, foi 17.162 m., ou seja 301.469 m. de Cuyabá. Essa cabeceira é principal formadôra do riacho que o caminho dos seringueiros atravessa, cerca de 11 kilometros a N. E. de Varzearia. Esse riacho foi por elles denominado S. Antonio, é sua tributaria a cabeceira de Varzearia, ou Canuti-suê.

É affluente da margem direita do rio Agua-Verde ou Anhanazá dos Parecis, que recebe mais abaixo o ribeirão hoje conhecido pelo nome Sumidouro e na lingua Parecis Azaniazá.

O rio que no Arinos deagua pela sua margem esquerda com o nome de Sumidouro, na latitude Sul de 13° 23' 30" e longitude Oeste do Rio de Janeiro de 13° 7' 8", segundo Chandless, tem pois como formadores os tres braços conhecidos hoje pelos nomes de Sumidouro-propriamente-Sto. Antonio e Agua-Verde, pelos parecis respectivamente denominados Azániazá, Cuzuinazá e Anhanazá; contra-vertendo o primeiro com o riacho S. Francisco, contribuinte do rio Sant'Anna; o segundo com o ribeirão Agua-Branca, aguas de Sepotuba e o terceiro com a cabeceira do Buracão ou Zutiacurú-suê, que verte para o Sepotuba.

Deve ser para este ultimo, isto é, Anhanazá ou Agua-Verde que o celebre

sertanista, o Sargento-Mór João de Souza Azevedo, em 1746, varou umas canôas do Sepotuba, navegando esse rio que então denominou Sumidouro, visto occultar-se elle por não pequeno espaço por baixo da terra; o que vencido, entrou no Arinos e deste no Tapajoz. Os seringueiros que tem dado nomes novos a tudo que vão encontrando por desconhecerem os antigos, chamam tambem de rio Claro o proprio Agua-Verde, logo da barra deste com o Anhanazá ou Sumidouro.

[...] encontrámos [no Rio Santo Antonio] duas trumas de indios Parecis das Aldeias de Anhanazá e Cozui-inazá, chefiados pelos pelos indios Manoel Benedicto e Fanché Zôzôariari. Os Parecis em numero de mais de 30, entre homens, mulheres e creanças, receberam presentes que pessoalmente lhes distribui.

Proseguirnos no dia 16 para o Poente, passando pela malóca do Buracão ou Zutiacurú-suê situada á margem esquerda da cabeceira do mesmo nome, de 7 metros de largura por um de profundidade e velocidade media de 1 m. 4.

A margem esquerda d'esta cabeceira encontrámos o 3° grupo de Parecis, que nos foi apresentado pelo nosso guia Zoluizãe que substituiu Zavadaissú, do 1° grupo.

Ahi se achavam dois Amures (Caciques) Jão Ferreira Zamaizamarê e Hannibal Zomazorê, aos quaes presenteei com espingardas, polvora, chumbo, roupa e outros brindes.

Atravessando uma cabeceira grande que verte para o Sepotuba e que os indios chamam *Küruta-Kajuari-saê*, vae-se á malóca do Amure José Laurindo Uirarê. A cabeceira tem 6 metros de largura por 80 cent. de profundidade e velocidade media de 1m,5.

Contorna-se depois outra chamada Taquarinha ou *Uaiakagiare-suê*. Afinal chega-se á referida malóca que fica na margem esquerda da cabeceira principal do Sacuriú iná, a qual contraverte com as do Sepotuba. N'essa malóca encontrámos poucos indios.

Os seus habitantes achavam-se trabalhando no seringal do italiano Toscano, onde extrahiam seringa e plantavam roça. Na occasião da nossa chegada partiram tres meninas para Nasce pedra, distante de 3 leguas ao Sul. De manhã, no outro dia, achavam-se já no acampamento nosso muitos indios, inclusive o Amure Uirarê. Demos-lhes muitos presentes e promettemos-lhes a nossa amizade e proteção.

A cabeceira principal do Sumidouro ou Anhanazá ou ainda Agua Verde, contraverte com a cabeceira do Buracão, ficando distante uma da outra cerca de 6 kilometros. Os caminhos que ligam a malóca Anhanazá á do Zutiacurú-suê e a de Cuzu-inazá á do Sacuriu-inazá, cruzam-se defronte da cabeceira do Buracão."

Porém não achamos mais nenhuma aldeia nessa região. Encontramos inúmeras fazendas de produção em grande escala. Algumas apresentavam

terra preparada para o próximo plantio. Chamamos esse manejo de cultivo convencional, embora altamente predatório ao ambiente de cerrado. (cf. Blumenschein 1995; Blumenschein et alii 1996 a,b) Viam-se também áreas sem preparo do solo, destinadas ao plantio direto.

São raras as áreas de pastagem na região de Deciolândia. Ao longo da BR-364 só as fazendas Diamante, Sulina, Medianeira, Sto. Antonio e Lagoa Rica podem ser consideradas como fazendas de gado.

Verifica-se pelo levantamento de campo, aumento das áreas de pastagens, mesmo em fazendas de agricultura, devido a problemas agro-ecológicos que obrigam o produtor a diversificar e integrar a pecuária com a agricultura. Surge assim o confinamento de bovinos, na falta de outras alternativas para Deciolândia.

Retornando ao assunto das transformações sócio-espaciais da região, verifica-se, pelos dados levantados, o desaparecimento de uma formação econômico-social, apresentando como resultados, uma série de conflitos emergentes, a serem investigados no futuro.

## Fases de ocupação da região de Deciolândia

	Forma de ocupação, acontecimentos	Localidade	Organização do espaço	Particularidades / observações
1746	Bandeira do Sargento-Mór João de Souza Azevedo	Cab. do Buracão ou Zutiacurú-suê, Rio Água Verde	Território Paresí	cf. Rondon (1915)
1897	Expedição Badariotti	Cab. dos Veados	Malocas Paresí	cf. Rondon (1915)
aprox. 1899	Nasce Damião Mozoyoané, filho do Espiridião <sup>1</sup> (telegrafista na época do Rondon).	Rio Sucuruína	Maloca dos Uimarês e dos Kaxiniti	Depoimento Damião Mozoyoané
set. 1907	Expedição Rondon	Ao longo do chapadão, passando por todas as cabeceiras	Malocas Paresí e seringais	cf. Rondon (1910, 1915)
antes de 1957	Acaba a aldeia Paresí no Rio Água Verde	Rio Água Verde	Aldeia Água Verde	Em 1957 ainda havia vestígios da aldeia (depoimento Pe. Arlindo)
aprox. 1956/57	Morre Benjamim <sup>2</sup> - irmão do Damião Mozoyoané - em Deciolândia, na aldeia Água Verde	Rio Água Verde	Aldeia no Água Verde	Depoimento Pe. Arlindo
1957	Os Paresí do Sucuruína se mudam para a cabeceira do Rio do Sangue		Ranchos de palha de índio na Sucuruína	Pe. Arlindo passou pela primeira vez em Sucuruína

1958	Extinto a aldeia no Sucuruína	Rio Sucuruína	A região do Sucuruína fica sem aldeia e é somente usada como território de caça	Depoimento Pe. Arlindo
1960/61	Construção da BR-364 <sup>3</sup>	Divisor das águas entre a Bacia do Prata e a Bacia Amazônica	Ligação de Cuiabá com Porto Velho	Inicialmente transporte de borracha e deslocamento de seringueiros
1960	Um alemão se estabelece na Sucuruína; roubou carros; impede os seringueiros pegar água no rio	Cabeceira do Rio Sucuruína		Depoimento Pe. Arlindo
1962/63	Os fazendeiros Decio Furigo e Newton Brandão se estabelecem na região	Faz. Lagoa Rica, Faz. Diamante	Se estabelecem empreendimentos agrícolas e comerciais ao longo da estrada	Entrevistas M. Blumenschein
23.11.63	A pensão da Dona Concórdia já existe. Tinha posto de gasolina	Cabeceira do Rio Sucuruína	idem	cf. Diário de Fritz Tolksdorf (1996, p. 225)
1964/65	Índios Tapayúna atacam na BR-364 e matam caminheiros	Rio Sto. Antonio	Território Tapayúna entre o Rio Sangue e Rio Arinos e a BR-364	Depoimento na fazenda Sto. Antonio



1965	Lugar na Sucuruína vira uma pensão da Dona Concórdia	Cabeceira do Rio Sucuruína	Aldeia Paresi num buracão na contravertente do Sucuruína	De Dona Concórdia desceram índios para baixo caçar, então tinha aldeia lá (depoimen o Pe. Arlindo)
1969	Restaurante e posto de gasolina na Sucuruína de Manoel Corrêa	Cab. do Rio Sucuruína		Depoimento Pe. Arlindo
1970	Incentivos fiscais pelos projetos da SUDAM	Amazônia Legal, inclusive o Chapadão dos Paresi	Expansão de empreendimentos agrícolas	Depoimento Irmão Fernandes
1974	A nova estrada Cáceres - Vilhena desativa a BR-364 passando por Deciolândia	BR-364	Abandono de "bodegas" ao longo da estrada	As verbas para o asfaltamento da BR-364 no trecho Diamantino - Comodoro foram desviadas para a estrada Cáceres - Vilhena
1974-82	Programa POLOCENTRO	Ao longo da BR-364, entre o Rio Sumidouro e Rio Sacre	Intensificação das atividades agrícolas na área polo "Parecis", plantio de arroz	cf. Salim 1986. Acentuou a grilagem de terras (entrevistas M. Blumenschein)
1978	Declínio do movimento na BR-364			

1980/82	Crise da rizicultura	Deciolândia	Falência de fazendas	entrevistas M. Blumenschein
a partir de 1980	Ínicio do plantio de soja	Deciolândia	Ocupação de mais espaço pela lavoura	Caça indiscriminada e expansão agrícola diminuem a fauna do chapadão, principalmente os veados que antigamente andavam em bandos
1988	Manoel Corrêa fecha o posto de gasolina Sucuruína	Cab. do Rio Sucuruína	Perda do único posto de gasolina da região	Manoel Corrêa vende a área do posto, bem como a área ao redor do posto (150 ha) para Elore Blor, na época gerente da fazenda San Rafael
1992	Índios Paresí continuam caçar, usando espingardas e andando de D-20, no Sucuruína que gera conflito entre o fazendeiro e os índios	Rio Sucuruína	O local Sucuruína continua sendo como área de caça; é um dos últimos refúgios dos veados	Depoimento Elore Blor
1995/96, 96/97	Grande crise da sojicultura	Deciolândia	Falência de fazendas	

1995/96	Criação do armazem comunitário sob nome Condomínio Deciolândia (CONDEC)	Deciolândia	Se reúnem inicialmente 21 produtores na CONDEC	
nov. 1996	Acaba a estrada Tangará da Serra - Deciolândia. Atoleiros no Sucuruína e perto da Varzearia.	Estrada Tangará da Serra - Deciolândia e na BR-364	Deciolândia fica cada vez mais ilhada	Caem vários carros em voçorocas. No Sucuruína há caminhões atolados constantemente

1 Cf. Rondon (1910, p. 9): Rondon registra entre o quinto grupo Paresí, encontrado na sua expedição de 1907, o nome Dr. Esperidião ou Kuirikuá. O nome Esperidião é o único citado com esse nome por Rondon e não aparece em outro grupo dos Paresí. Coincide apesar disso com a localidade no Rio Sucuruína ou também Sacuruína-suê. Porém não há nenhum registro do Damião Mozoyoané.

2 Cf. Rondon (1910, p. 7): Rondon registra entre o terceiro grupo Paresí, encontrado na sua expedição de 1907, o nome Benjamin ou Onezaiarê. O nome Benjamin é o único citado com esse nome por Rondon e não aparece em outro grupo dos Paresí. Coincide, apesar disso, com a localidade do Rio Água Verde, a mesma que foi indicada pelo Pe. Artindo como local do seu falecimento.

3 Pereira (1986) dá vários exemplos de impactos causados pela construção da BR-364. Fala p.ex. do morro **Homenotyáyalitsé / Malula sekalali** que faz parte do mito de origem dos Paresí: "É um morro um pouco afastado da margem direita do alto curso do rio Verde, hoje destruído em parte para cascalho da Br 364, Cuiabá-Porto Velho. Paresí diz que, com o serviço de desmonte da cascalheira, **Ahózay** saiu do morro. O pessoal da Aldeia Queimada (**Kotóroko**) viu **Ahózay** sair igual a um caminhão carregado de coisas. A gente não pode dizer o nome desse morro, porque senão chove e da friagem." (p. 47; rodapé 208).

"Na construção da Br 364, Cuiabá-Porto Velho, as máquinas destruíram alguns morros. Os feiticeiros e feiticeiras desses morros passaram para outros morros" (p. 54; rodapé 251).

## XI. ENTREVISTAS

Transcrição: Markus e Pivetta

Irene = I (Paresi. É filha de Damião. Nome Paresi Wanazakainu

Pivetta = P

Luiz<sup>125</sup> = L (filho do Ciro Nambikwara)

P - Onde a Sra. nasceu?

I - Sucuruina. Água Limpa.

L - Aqueles velhos andavam com eles por toda essa região. Mas nessa época não tinha a fazenda Itamarati. É uma baixada. Itamarati vai até a cabeceira do rio do Sangue. Tinha aldeia.

P - Quem morava na aldeia São João, que consta nos trabalhos de M. Schmidt?

L - Existia uma aldeia grande lá. Faz tempo quando existiam índios lá. Minha mãe conta uma história. Um Paresi pegou muito peixe. Lá tinha taquara para fazer a flauta jararaca. Ele fez um feixe de taquaras para ser jangada. Pegou o xiri de peixe e colocou na jangada. Depois foi buscar a mulher e não encontrou mais. Aí pensou, cadê? Sumiu. Isso porque ele mexeu coma taquara sagrada. Chegou na aldeia. Voltou . Procurou e nada. Também é bobo. Antigamente moravam perto do salto. Utiariti tinha aldeia grande.

P - Tem ainda essa taquara sagrada aí no S. João?

L - Agora não. Esses tempos tinha. Quando fui lá estava seca. Não vi mais.

P - Onde mais tem?

L - Bacaval.

P - E na Cabeceira do Osso?

L - Tem.

P - Conheceu Max Schmidt. Ele esteve em Utiariti.

L - Ainda vive?

P - Não. Morreu em Assunção. Ele esteve no S. João, no Paredão.

P - Irene, quando você estudou em Utiariti?

L - Quando cheguei de Diamantino, você [falando paraa mulher] já estava aqui. Quando vim de Diamantino o caminhão quebrou e eu lembro dela. Era 1961.

P - Até que ano a Sra. ficou na escola?

I - Até terminar.

P - Então foi em 1971!

P - Onde seu pai morava.

I - Sacre. Eu fui embora com eles.

P - O que a Sra. aprendeu?

I - Lavar panelas, cozinhar, passar roupa. Toda a semana havia rodizio - limpar banheiro, na horta, galinheiro.

P - Era bom?

I - Por um lado era bom porque a gente aprendia muita coisa.

P - Ficava com saudade da mamãe?

I - Sim. As irmãs liberavam a gente nas férias. Ia para a casa dos pais.

P - Havia gente que fugia?

I - Tinha. As meninas fugiam. Ia embora pra frente.

P - Iam buscar.

I - Às vezes.

L - Canoeiro fugia. Às vezes trazia de volta.

---

125 Lendo o Diário de Utiariti descobri que o Luiz e a filha do Damião casaram-se no Sacre, no dia 8 de agosto de 1971. Faz portanto 25 que estão casados.

I - Uma vez fugiu Gertrudes e minha irmã Alice. Era domingo. As irmãs deixavam a gente jogar bola. Quando foi domingo elas fugiram. Tinha um cachorrinho apanhou elas. Foram na cozinha. Apanharam coisinhas pra comer. Foram lá no morrinho [cabeceira do Morrinhos, no rio do Sangue?]. Era casa de seringueiro. Andaram esse pedaço aí. Irmã falou pra Irmão Fernandes. Aí foi procura elas. Encontrou na feitoria de seringal. Aí na estrada velha que vai pro Bacaval. Quando Irmão Fernandes estava chegando aí perto saíram correndo. Só o cachorrinho foi em casa. Aí Irmão chamou, chamou. Aí trouxe elas pra casa.

P - Os meninos fugiam também?

L - Não.

P - Porque as meninas fugiam mais? Apanhavam mais?

L - Tinha castigo.

P - Que tipo de castigo? (Risos)

I - Um dia era domingo e elas (as irmãs) foram vamos apanhar jaboticaba. Aí faltaram três meninas. Uma era minha irmã. Elas foram encontradas na estrada e a Irmã pegou um pedaço de papel e escreveu e colocou nas costas e ficaram no corredor e todos os que passavam olhavam o que estava escrito. Ficaram até de noite aí tirou o papel das costas.

P - Que outro tipo de castigo que tinha? (todos riaram)

L - Ficava dia inteiro de castigo sem comer. Eu fugia e ia pra casa dos pais para comer.

P - Vocês lembram da Laura Cinta Larga?

L - Lembro.

P - Agora ela voltou lá para os Cinta Larga.

P - A Sra. foi muito castigada?

I - Uma vez eu apanhei e mesmo assim por causa de mentira. Era uma brincadeira. Apanhei com vassoura.

L - Eu apanhava, porque era burro. Em 1964 eu fui para o Baranco Vermelho e peguei malária. E na época não tinha remédio. Só aralem. Remédio ruim. Não tinha soro. Então nós trabalhava na roça, abria roça. Escondi minha doença e tinha hora não aguentava. Até sentava. Estava tremendo. Eles falaram que era preguiça. Apanhei. Estava pra cá da usina. Tinha um abacaxizal. Nós estava carpindo. Não aguentei. Larguei a enxada e fui pra casa de minha mãe. Estava tremendo de febre. Aí foi chamar Irmã Salete. Ela foi espiar eu lá. Aí desconfiaram que eu estava escondido. Mandaram gente procurar eu. Aí souberam da minha doença.

P - Como chamava sua mãe?

L - Antonia - Paresi. Na escola quando a gente não sabia a lição apanhava mesmo. Às vezes ficava num quartinho o dia todo sem comer.

L - Conheceu Pe. Isidoro?

P - Sim.

L - Eu apanhava dele. Ia na casinha para bater em mim, porque eu não sabia nada. Não sabia a lição de cor, aí batia. Batia com correia de máquina. Chegava a sair sangue da canelinha da gente.

P - Aí, não revoltava?

L - Não. Eu era pequeno, não dava para revoltar.

P - Se contasse pro pai ?

L - Não acontecia nada. Ninguém podia contra eles. Aconteceu um dia com finado Joaquim. Ele ficou brabo com padre mesmo, porque não sei que hora da noite jogaram um menino na água. Ficou o dia inteiro dentro da água, quando foi de noite ele saiu. Era padre Eriberto. Quando eu entrei no colégio ele saiu.

P - Mas muitos se rebelaram!

L - Tinha uma época que ele mandou fazer fila. Estavam fazendo errado. Mestre Odilo - aí tinha pequeno e grande. Bataram com correia de máquina de costura. Os rapazião grande começaram a bater nos padres e o mestre Egidio, quebraram até óculos dele. Aí mandaram eles pra casa dos rapaz, porque ficaram com medo. Nós sofria muito, mas

aprendia muita coisa também. Eu gostei. (todos riram). Hoje eu sei fazer muita coisa também. Depois que entrou Pe. Arlindo, Pe. Albano, Pe. Balduino melhorou muito. Tinha uns castiguinho. Naquele tempo tinha duas casas de rapazes. Faziam serviço na oficina, Irmão Carvalho ensinava eletricitista, marcenaria, mecânica. Ai melhorando nossa vida. Trabalhemos muito.

P - Pagavam.

L - Só roupa e comida. Não precisava. Ia passear um tempo em Diamantino no Seminário e trabalhava mais solto. A gente mexia, trabalhava um pouquinho, ajudava, na horta, tratava porco, galinha. Serviço igual na fazenda. Termina um, começa outro. Nunca acaba. As famílias tinham pagamento. Tinha barracão na frente da Igreja, e ia lá comprar coisas. Era barracão dos padres, vendia de tudo.

P - Seu pai estudou ai também.

L - Estudou. Quando o pessoal mudou de Juruena para Utiariti, ele já estava com os padres. Ai veio pra cá, junto com outros. Foi ai por 1945.

P - Você veio para Utiariti em 1961! A Irene estava com sete anos.

\*\*\*\*\*

Entrevista com Vicente, Tangará da Serra

P - Pivetta

V - Vicente (Rikbaktsa - chefe do P.I. Utiariti)

P - Em que ano que você estudou em Utiariti?

V - 1967. Eu era menor de idade e não podia ir para o colégio ainda. Eu estava com seis anos. Deveria ter uma idade para entender um pouco. Terminou em 1972 e eu fiquei até o final. Ai ficou mais um ano e meio de curso. Enfermagem, mecânica, marcenaria. Fiz curso de eletricidade.

P - Você acha que foi bom?

V - Numa parte foi bom, mas achei muito difícil porque você não tinha liberdade como hoje tem. Você tinha seus estudos e os serviços não deixavam estudar. Depois que você saia do colégio tinha que fazer suas tarefas para apresentar na escola em meia hora, por causa dos trabalhos. Eu saia da aula, tinha que comer e só tinha meia hora e partir de uma hora começava o serviço. Eu repeti cinco vezes 4a. série. Eu fui mandado para Diamantino, passei uns dois anos no colégio, mas não servia, só podia ficar quem seria seminarista ou padre. É difícil, não passei a vocação. Negócio de vocação, tive que voltar de novo pro colégio, voltar com meus 15 anos e voltar a estudar de novo.

P - Pelo tempo que você passou lá, valeu a pena para hoje, para sua vida ou poderia ter aproveitado melhor fazendo outra coisa?

V - O estudo pra mim até que teve uma vantagem. Agora do jeito que está evoluindo a sociedade assim teoricamente mais avançada, foi um estudo não muito aproveitável porque o que você fez estudo do passado não é como de hoje. Se você não tiver estudo alto, você não consegue emprego de jeito nenhum e naquela época um estudinho de 4 anos era suficiente, porque você era jogado no campo de serviço e servia procê. Se tivesse estudo como hoje tem a gente teria uma formação e o índio seria muito mais desenvolvido do que está hoje.

P - Quer dizer que aquele estudo foi bom, mas..

V - É, não foi razoável, razoável até certo ponto. Hoje a minha dificuldade grande, por exemplo tenho boa capacidade, uma boa administração que eu tenho, mas falta muito coisa de ler, escrever, contabilidade, democracia em termos de fazer uma secretaria, para você responder hoje uma chefia de posto voce tem que ter estudo e uma teoria formada. E agora tenho que depender do ganho mau, ir pra roça, sei ler um pouquinho e me defendo. Foi suficiente. Minha mulher é uma das melhores enfermeiras. Ela tem interesse de estudar, mas está sobrecarregada, está com uma idade avançada e os estudos era pra ser feito quando era jovem.

P - Vocês eram castigados quando eravam nas tarefas?

V - Castigo de colégio. Era muito mais severo do que os castigos de hoje, né. Por exemplo se você fizesse uma tarefa errada o castigo era tão pesado que você não suportava e ficava muito irritado e em vez de você aprender até perdia a emoção dos estudos, preferia ir embora, preferia fugir do colégio, preferia trabalhar em roça, cortar cana, cortar madeira, trabalhar na marcenaria que é empurrar madeira pesada, assim é um serviço, não é aula, é aula para pessoas de campo, que não tem estudo. É o castigo pra nós, fui muito castigado em colégio. Teve colégio de freira e de padre. Os meninos hoje não estudam e tem liberdade. A gente dá condições de estudo, mas não querem que hoje é uma formação necessária para os índios, é um atraso tão grande, porque hoje nós não era pra tá dependendo de FUNAI, de órgão nenhum, era pra estar independente. Tiveram muitos índios que tiveram condições de estudo. Hoje tem condições de manter essas comunidades. Os Bakairi estão bem organizados, é uma organização que eles mesmos se procuraram, naquela época de colégio se você tivesse estudo, não podia procurar melhoramen os, porque o colégio era for e naquela época, que aí você não podia buscar seus direitos, tinha que a, é, i, o u, tinha que dá uma lida, dá uma frase, era suficiente pra ocê.

P - Então não foi bom?

V - Pra mim não foi. Eu mesmo tive proveito assim porque está quebrando um pouco de galho.

P - Esse castigo como era?

V - Levava surra, ficava sem comer, e as crianças ficavam agitadas. Teve muitos canoieiros que fugiram do colégio, não suportava os castigos. Tive chance naquela época de ir com seu Moacir para o Rio de Janeiro estudar, eu não queria ficar na cidade, mas aprender e mostrar pra minha comunidade. Eu estudo com interesse pro meu grupo. Sou canoieiro, mas os Paresi e outros me escolheram como chefe. Eles acham que a gente fez o possível de diálogo e tem cohecimento. Lutar pela causa indígena, melhoramento de vida para não passar fome. Você vê Utiariti hoje não depende de FUNAI, de nada, tem autonomia.

P - Criar abelhas, eletricidade você aprendeu naquela época?

V - Aprendi um ano antes de terminar o colégio eu procurei ve se me dessem condições de fazer treinamento em eletricidade. Abelhas já foi no final , que tive o Irmão Raimundo velho e ia pro Rio Grande do Sul, larga de tudo e eu me interessei e ele me ensinou. Hoje tenho condições e hoje tenho um projeto tão bonito de melhoramento de apicultura e vai ter um curso que estou preparando um encontro de apicultura, porque tira a comunidade do sufoco e serve pro consumo.

P - Você é organizado, tem horta, pato, galinha da angola, porco, abelha, roça...

V - A gente faz o possível e dando o exemplo pra alguns aí.

P - O colégio impediu ser melhor?

V - Você vê aquelas estruturas grandes de colégio que era para formação, não deu em nada porque em 70 só foi inaugurada e terminou porque devia ter encaminhado mais pra frente o desenvolvimento dos estudos, terminou completamente, não tive aproveitamento nenhum, porque aí podia índio estudar em ginásio, formar os estudos, porque aí teve formação de estudos.

P - Os Bakairi, estudaram por si mesmos.

V - É na cidade. Hoje eles estão desenvolvidos, porque tiveram condições.

\*\*\*\*\*

Entrevista com João Garimpeiro (19/9/96) - Caminho para Ponte de Pedra.

Wazare distribuiu todas as cabeceiras aos Paresi E entregando uma cabeceira ao Paresi falava aqui você vai cuidar. Quando saíram da pedra não tinha nada aqui, nem ema, nem veado. Aí ele criou todos os bichos. Também não tinha sol. Era tudo escuro. Perguntou pra todos, pois todos falavam, até os bichos. Alguns queriam dia e noite e outros não.

Todo mundo ficou de acordo e foi criado dia e noite. Quando o sol vocês avisa a gente. Primeiro esse pescoço comprido **olore**, nada sol, aí arrancaram o pescoço dele, depois de outros chegou a vez do acuã e aí o sol apontou e aí Kozarini e Kaxiníti saiu no sol e por isso tem o cabelo esbranquiçado, Waymaré estava na sombra e o cabelo é preto. Foi Wazare que fez tudo. Índio antigamente não saía daquele lugar. Nem que você vai embora longe tem que voltar. Nunca saía daquele lugar. A cabeceira do rio do Sangue foi dada para uma família. Todas as cabeceiras eram divididas.

P - Tenho que mandar o mapa para você. Para tudo ele deu nome, para os rios e árvores e tudo.

Observação:

O Paresi que cuidava da casa da linha telegráfica, da casa de pedra é Enrique - Zoloimanaré. Ele morava onde está a casa daquele rapaz [atual encarregado da fazenda]. Ele foi, naquela época, atacado pelos Tapayúna. O nome da casa de Pedra em Paresi é ATIU.

\*\*\*\*\*

Entrevista com Damião [Paresi], no posto de Saúde da FUNAI, Tangará da Serra.

D - Damião

P - Pivetta

D - Aqui debaixo da cabeceira do Sucuruína tinha uma aldeia. Também aí na Água Limpa, onde passa Itamarati.

M - Da cabeceira ou do outro lado?

D - Do outro lado. Quando meu pai morreu ...

P - Quando chamava seu pai?

D - Espiridião. Minha mãe era vivo ainda esse tempo e nos morava no Sucuruína. Viemos do rio do Sangue. Pe. Edgar passou. O senhor não pode deixar sua criançada na escola em Utiariti? Sim, pode levar. Meu irmão, finado Benjamim é que mandava. Agora, tá na hora, vou levar, se quisesse vamos todos pra escola. Fica um tempo com eles. Mas não pode ficar só. Então eu vô memo. Ele levou nós lá pro Bacaval. E a criançada foi pra Utiariti, Ivone, Irène, Maria, Chica, foram todos. Chegou Pe. Artindo e nossa criançada não sossega. Tem que ficar em Utiariti perto deles. Quando meu irmão morreu eu fui pra lá. Finado Tenório, meu tio e ficá só nós e fiquemo em Utiariti. Passei um ano. Como nós costuma aqui dançá. Esse Pe. Artindo não gostava essas coisas de dança. Chamou eu. Damião você chegou aqui e ensinou a gente. Olha Pe. você me puchou pra ficá aqui e agora falando desse jeito e você Pe. falando essas coisas da mulhé e ninguém falou isso pra mim e eu vou voltar pra outro lugar. Eu sou muito bom, mas essas coisas eu não acho bom. Amanhã eu vou sair e tirá todo mundo. Daí o Pe. chegou, esse Edgar. Aí não. Essas brincadeiras todos nós brinca. Fica aqui. Você vai ficar aí no Sacre que fica mais perto de nós e você pode espiar eles e eles vai ver vocês. Aí então eu fica aí no Sacre até agora. Depois que Pe. Artindo falou essas coisas todos dançaram, irmão, irmã. É brincadeira.

P - Quando passou o Rondon, o Sr. estava onde.

D - Quando passa eu era menino. Tinha 12 anos. Lembro bem dele. Cegou em Utiariti. Mandava Major Libanio Koluizorece. Eu acompanha ele. Rafael é filho dele, já morreu. Eles foram acompanhá Rondon até Amazonas e desceram pra Rio de Janeiro. Pai de Libanio morreu. Tudo tá reunido ainda em Utiariti. Aí espalhar um pouco pessoal pra outras aldeias. A que morreu esses dias no rio Verde e outra que é culpada pra espalhar o pessoal. [Trata-se de uma senhora idosa, à qual João Garimpeiro se referiu e que havia morrido, poucos dias antes de nossa passagem pelo local (Kutitiko) 17/set/96]. João não falou o nome dela.]



P - O Sr. morava onde?

D - No Sacre. Esse tempo tinha muita gente. No Utiariti.

P - que foi todo esse pessoal?

D - Não sei.

P - O senhor é Kaxiniti ou Waymaré.

D - Waymaré. Menos Pato que é canoeiro. Iranxe

D: E daí ele fica um no branco.

Senhora velha: Vem, vem sempre problemas, ne.

D: Daí, daí que esse sabe, esse senador, Marechal, subiu esse, ne, que escoltou essa coisa, então ele mandou, não sei se ele morreu, não sei não, e Otaviano, mandou Otaviano pra recolher eles, pra lá na Barra.

P: Ah, na Barra dos Bugres.

D: É, na Barra dos Bugres. Aí, então, [...] não sabe nada, ne, sem saber nada!, ele e Otaviano chegou, [...]. Aí chegou, porque lá tem [casa?], porque tem boa terra pra vocês também lá. Aí, esse [...]

[interrupção da gravação]

Aí vamos reconhecer. E não gosto daquele de - se chama picajata (sic) - até, até lembrar. Enão, então ele levaram tudo. Algum, algum e ficaram lá, mas até na escondido, ne. [...] esse que escapou, finado Pedrinho, finado Emiliano, todo aquele fica escondido, ne, mas eles reguardam eles. [...] Más levaram tudo índio, nesse tempo nós estavam lá no Capanema.

P: Ah, lá no Capanema.

D: É, no Capanema. [...] chegou, chegou lá, quer passar lá [sic!] não sei o que Otaviano falou. E como é, como é aquilo. Até, até tá no branco, não sei, não conhece branco não. [...] . Maximiano tá, tá telegrafista, ne. Aí, falou pra ele que não pode nós levar, tomar nós daqui, porque tó cuidando ele. Finado Maximiano falou pra ele.

Falou pra ele, Otaviano. Ah, ta bom. Aí em duas viagens que ele acertou até Utiariti. Utiariti não tinha mais gente, acabou. Acabou gente. Aí no Utiariti tinha meninos, até vou te contar, tinha gente, até tem rua lá, ne. Más tem gente, meninada, bancada [?], olha, tem muita ali. E se não fosse esse capitão, ele que acompanhou nós, o Marechal ne. Aí, eu acho que não fica assim não. Ele morreu e espalhou tudo.

P: Quem tinha a ideia de levar o pessoal para [...] indígena, lá no Umutina?

D: Não sei como se chama ele.

P: Era Major Libaneó?

D: Não Otaviano, parece que é.

P: Ah, Otaviano que quis levar o pessoal lá para a [cidade/?], Barra dos Bugres.

D: É. [...]

P: Más, o Rondon [...] que todo pessoal fosse lá?

D: Era ordem do Marechal Rondon.

P: O senhor foi telegrafista do Rondon?

D: Não, telegrafista um, era o finado Maximiano. Lá, no Utiariti, é o ..., como se chama o nome, ah, esqueci o nome dele.

P: O senhor não foi, ne?

D: Não, eu não fui não.

P: Não foi telegrafista?

D: Não.

P: Lá, nas aqueles estação, lá no Capanema, Juruena, o senhor não trabalhou?

D: Não, não trabalhou não. Trabalhou lá muita gente, ne.

P: Neste pedaço aqui?

D: Este pedaço.

P: Aí, no Ponte de Pedra?

D: É.

P: O senhor trabalhou ...

D: Aqui era, finado meu pai mandava, mandava de esse terra daqui, lá, no Nobres e até no Utiariti. O finado Major mandou ele pra lá, até no Juruena, neste pedaço.

P: Quer dizer de Nobres até Juruena?

D: É.

P: Quem era chefe em Nobres?

D: Chefe era um..., [...] , esqueci o nome dele.

P: Era Paresí?

D: Era Paresí que mandava lá.

P: E que grupo, era Kaxiniti? Kaxiniti?

D: Kaxiniti. Mandavam em muitos pedaço. E quando o finado meu pai, era tanta vez que ele mandou de, de alemão [sic!], um mandou para finado meu pai. E pra passar aquilo, nós ficavam no escritório. Aí finado ele escutou, acerto [...]. Desceu lá no Capanema, era o finado Maximiano, mandou pra governo. Não quis [?] que o branco pisa no meu pé. Aí, já mandou pra o governo. Aí, tá bom.

Nós ficavam aí, até finado morreu, ne, morreu, tinha finado meu irmão ficou no lugar dele. Más não fica posse [posto?], não sabe mexer essas coisas, aquele, falar com o governo, ne?!

Daí, ele aproveitaram, ne, aproveitaram ele. Quando o finado [...] aproveitou, ne, daí ele aceitou, ne. Então, então... Daí ele mandou quem tava.

Agora, nós ficava ali no perto de vocês, e não podia, não pode você andar longe, e a ver das coisas. Agora fica, fica perto de vocês, tem uma cidade, tem as coisa, as vezes você vai, esse dia que você precisa vai lá como Paraguai [sic!], esse dia eu mêmo [?] sei bota, ne?!

Aí, o finado [...] aceitou o lugar dele. Aceitou, então tá bom assim. Disse que por aí não tem carro ainda, não tem carro [...] ainda. Não tem carro, não tem luz [?] elétrica, não tem nada, nada ainda esse tempo, quando finado morreu, ne. Depois que ele morreu, daí, abri esse estrada, esse padre abri esse trecho de estrada até Utiariti.

P: Passa aí no Bacaval?

D: É. Não no Bacaval, não, é aqui. Aqui, você subindo esse [...] [caminho?], voce atravessa lá no Sacre, atravessa lá no Sacre e, vai lá no Utiariti. Utiariti vai até no Juruena. Padre tava até no Juruena. Aí que tá.

Aí que depois ele saía, esse branco chegou, esse fazendeiro chegou, se acha aí até onde..., primeiro ele fica alí no Nobres, ne. Daí eles em Nobres eles passaram fica até no ..., alí mêmo, saindo no nosso campo. Nosso campo, o fazendeiro vai saindo, vai saindo. Enquanto nós estavam no Água Limpa, [se corrige] ...ele chegou, nós estavam na Sucuruína ainda. Aí ele chegou. Aí meu [tio?] [falou?]: quero ficar no Água Limpa. Em Água Limpa. Vamos! Aí, não [?] foi lá. Não foi lá [?]. Disse lá é um lugar bom, tem [...]. Não sei, quero ficar aqui, ficar aqui. Porque aqui, esse é terra do meu pai. Eu não vou sair daqui, é terra do meu pai. [Interrupção da gravação] Vamos chegar no Sucuruína, eu vou radiar pra governo pra não descutar [?], como ele vai falar. Nós chegemos no Sucuruína, ele falou com o governo, ne, o governo disse que ele morreu, más o filho dele não pode que branco fica alí. E o governo respondeu: tá bom. Ele tá certo, tá certo. Ele não pode ficar lá. Porque [...] o governador falar. O governador falou pra ele. Se não se fosse, se não falasse assim, eu ficava em Água Limpa. Aí, ele, meu cunhado falou: eu vou sair, eu vou até todo canto, ne. Todo canto. Daí ele chegou, que coisa chegou alí no, primeiro era gaúcho que ficava no Campo Novo. Primeiro era Campo Novo eles ficavam só vinham quando o mês passavam a ver. Aí quero ficar perto de Damião, fica perto de você. Vou completar as coisas aqui, pra você [...], pode vir. Aí compra, ne. [...]. Aí ficava só, ele ficava sozinho até filho, diz que filho dele matou ele.

P: Matou quem?

D: O Gaúcho.

P: Ah, o Gaúcho.

D: Daí, agora ele está na cidade. Ele morreu, ne. Filho dele, mandou ele lá em cima, não

sei aonde ele está. Agora filho dele largou, tá na cidade.  
P: Agora virou cidade, ne?  
D: Agora tá cidade.  
P: Campo Novo era aldeia também dos Parecis?  
D: Não. Campo Novo era campo mêmo, não tem água, não tem nada.  
Outro: Era terra indígena.  
D: Desse lado onde tem cabeçeira, em toda a cabeçeira tinha aldeia. Nesse campo mêmo não tem. Agora o branco que tá...  
Outra senhora: Eles moravam em cada cabeçeira. [...]. No campo aonde os índios camparam. Matavam veado, anta, bicho, é, ne?!

P: E aí na entrada da usina Juba, um senhor me falou: ah, meu pai morava aí, tiravam poaia. E era aldeia aqui.  
Senhora: Era aldeia,  
P: Bem na entrada da usina Juba.  
Senhora: Tinha aldeia de índio.  
Outro: Tinha maloca.  
D: E agora, você, escuta, aqui, se você fica do lado de lá, tem uma propriedade [?] grande, lá tinha aldeia grande, morava o ..., como é o nome dele, diz que morreu agora, Emiliano...  
P: Como se chama?  
D: Emiliano. Pai dele que morava aí.  
P: No Sepotuba?  
D: Aí, no Sepotuba pra lá.  
Outro: Emiliano é meu sogro.  
P: Lá onde agora é essa Formoso, não?  
D: Não.  
P: Onde que é?  
D: Aqui mêmo, no Sepotuba pra cá, pra lá. Não tem o Sepotuba que passa perto daqui?  
P: Aqui perto de Tangará?  
D: Tinha.  
P: Ah, a aldeia era perto daqui!  
D: É. Tudo [...], [...] tinha maloca grande. Tinha jararaca [casa das flautas e rituais]. Tinha tudo nesse tempo. fazia festa. Tem aquele lagoa que tem alí, pegavam peixe. Oferecia [...] assim. Aqui tinha dois pesqueiros no Sepotuba. Agora se você ve bem cedo, você vai pescar até mil dia [mil por dia], más o [monte?] que tinha aí, de piau. Só numa pesqueira. ...hoje não adianta mais, lá nós colhava poaia, lá tinha poaia, ne. Vendia aqui no Córrego Grande. Lá tinha um barracão.  
P: No Córrego Grande?  
D: É. Lá no Córrego Grande.  
P: Era barracão de quem?  
D: Do finado Chico Rosa. Barracão de poaia. Nós tirava poaia aqui pra vender. [...] coisas pra nós.  
Outro: Da troco de poaia. Dava uma mercadoria em troca de poaia pra nós.  
D: Tanta coisa que ele ....  
Outro: Nesse tempo não era como agora, parece que... todas as coisa é dado, ne. Não tem preço.  
P: Agora tá caro, ne?!Outro: Trocava poaia por sapato, chapéu, botina. Tinha troco, sabe. Não tinha como é agora, que tem mercado, tem as coisas para que a gente arrumar dinheiro, não tinha essas coisas não. Tudo era trocado. A gente tracava poaia com roupa, com botina, com chapéu, com tudo.  
P: Como era o nome desse barracão?  
Outro: Nome desse barracão? Mulateira, era aquele. O dono é Chico Rosa. Era de

Tapirapoã.

P: Ah, ele era de Tapirapoã. E aí mudou pra cá?

Senhora: Era índio.

P: Onde ficava o barracão dele?

Outro: Essas coisas só sabem os antigos.

P: Onde foi localizado o barracão?

D: Pode ser, aqui. [...], no Sepotuba. O barracão era num braço dele.

Outro: Lá, na barra com o Rio Paraguai, na barra do Rio Paraguai com o Rio Sepotuba.

Outro: Lá era tudo dos índios. O índio tirava poaia pra trocar por mercadoria. [...]. É esse Emiliano [Kalamizore] que ele tava falando, aquele me adorei, ne. Esse Emiliano - que me adotou [?]- era meu [meio] tonto. Essa é do tempo deles.

P: Ele morava aonde Emiliano?

Outro: Emiliano morava junto com eles. Nesse tempo já nós [vizinhos?] moravam junto, ne.

E agora como você está vindo o rolo aí, levou lá na Barra.

P: Ah, na Barra. Encontrei Pedrinho [Kezo] também lá na Barra.

Outro: Seu Pedrinho era irmão do ...

D: do meu sobrinho Emiliano [...] me adorei. O Pedrinho era Pedro Kezo Paresí.

Senhora: Pedrinho e finado Augusto são irmãos.

Outro: Emiliano, Augusto e Pedrinho, tudo era irmão [dado?]. É do tempo dele [do Damião].

D: Eu sou casado com filha do senhor Emiliano. Emiliano tava me adorei Paresí. Meu pai se chama Floriano Ainamazoré, Ainamazoré é sobrenome do meu pai. É Kaxiniti legítimo. Da tribo deles, Paresí legítimo.

P: Ah, você é Kaxiniti?!

Outro - O índio tirava poaia pra trocar por mercadoria. Emiliano Kalamizore é do tempo de Damião.

P - Encontrei Pedrinho Kezo lá no Umutina, em Barra do Bugres.

Outro - Pedrinho era irmão do Emiliano, Augusto, Pedrinho. Sou casado com a filha do Emimiano . Meu pai Floriano Ainamazoré - Kaxiniti legítimo.

P - Damião é Waymare?

Outro - É. Meu sogro é de 1912. Morreu no Bacaval. Eu sou nascido e criado na Barra do Bugres. Gal. Rondon levou meus pais pra lá.

P - Como é seu nome?

Outro - Estevan Paresi. Está assinado na identidade. Nasci no Umutina. Aprendi a ler e escrever. Depois que fui conhecer o pessoal que morava no Sacre II.. Eu não conhecia. Como diz a civilização: eu sou um cidadão. Meus pais foram transferidos pros Umutina. Não é nossa terra. Gal. Rondon trouxe pra cá. Meu pai e minha mãe eram novos. Tinha escola. Aprendi a conversar com brancos. Sou índio legítimo. Tenho identidade que tirei no cartório. Não sei falar português claro pra falar pro senhor. Esses aqui são do tempo de Gal. Rondon. Do tempo da linha. Gal. Rondon botou um pouco de Paresi aqui no Umutina.

P - Por que Gal. Rondon colocou vocês no Umutina?

E - Ele pode explicá.

D - Por causa de branco. Finada Margarida ficou com branco. Por causa disso finado Rondon levou lá.

E - Os índios estavam casando com branco e não podia. Índio tem que casa com índio. Não deve misturar. Tem que ser a tribo original. Então Otaviano Calmon levou pros Umutina pra não casá com branco. Era uma lei severa. Aí aquele chevfe levou pra Barra. Não tinha nad a ver. Era outra tribo. Era Umutina. Meus pais era novo ainda.

\*\*\*\*\*

Entrevista com Pe. Artindo

A - Arlindo  
M - Markus  
P - Pivetta

Arlindo - Sucuruina. Quando passei em 1957 os índios estavam acampados no Sucuruina. Havia uns ranchos de palha. Aí começou uma pensão, de dna. Concórdia. Antes dela entrou um alemão que roubava carros. Nós queríamos beber água e ele queria impedir. Havia uns seringueiros junto com o falecido Pe. Edgar que queriam matá-lo.

M - Nome dele. Um altão.

A - Não sei.

M - Quando?

A - 1965. Depois de dna. Concórdia, que foi pra Cuiabá, entrou um cara que fez o restaurante e o posto. Funcinava bem. A Br 364 foi desativada. Aos poucos foi acabando.

P - Em 1974 começou a ser desativada.

A - A Br começou a trafegar em 1961.

P - Quem abriu a estrada do Bacaval?

A - Foram os índios e os irmãos.

P - Havia uma estrada que ia do rio Verde ao Tolosa?

A - Tinha essa do Tolosa antiga que descia pro rio Papagaio, onde iam pegar borracha. Era do Rondon.

P - Markus estava com dúvida, pois aqui no mapa de Rondon há duas estradas.

M - de Água Limpa até

A - Entre o rio Verde é outra. A gente passava pela antiga estrada de Rondon.

P - Tem uma à direita do rio Verde. O que está escrito aqui Markus?

M - 1908 para o trânsito de veículos durante a construção da linha telegráfica.

P - Passa à direita do rio Verde. Não é a mesma que ia aos Iranxe?

A - É a mesma. Perto do Macaco fazia a divisão. Uma ia pra Porto Feliz, feita por um gaúcho e tinha a nossa. Havia só isso.

M - Esse mapa é de 52.

A - Mais tarde fizeram de Tolosa a Porto Feliz, para buscar borracha.

M - Em que ano?

A - 1954. Esse histórico deve estar nos arquivos, né Pivetta?

P - Acredito que não. Os trabalhos do Moura são história da missão.

A - Nosso trajeto era Diamantino-Sumidouro. Sumidouro depois desenvolveu com colonos. Porque no começo era.

P - Quando passei lá em 1974 só havia uma família.

A - Era a família do Lübe.

P - E agora?

A - Desenvolveu muito. Cresceu muito. Parecis também. Tinha a estação telegráfica. Morava os índios. Acabou a briga né.

P - Está começando na justiça.

A - Ouvi falar que desanimaram de ir adiante, pois tem um índio só . Acabou a história.

P - Por causa da morte do João?

A - Acabou tudo. Acontece que as filhas se misturaram tudo com os brancos e realmente só tem uma índia.

P - O juiz me nomeou noprocesso para recuperar aquele território! Passei o processo para a Fátima.

A - Ninguém está ficando mais lá.

P - Acontece que na justiça a terra é indígena.

M - Passou no Parecis e aí está marcado feitoria do Orlando, varzearia.

A - Varzearia é outra cabeceira. Depois vinha rio Sto. Antonio.

M - Aqui Sto. Antonio.

A - Aqui que os Beijo-de-Pau fizeram um ataque. Naquela lagoa. É pra cá de Deciolândia,

um pouco. Na lagoa rica.

P - Quando atacaram?

A - Atacaram um grupo de brancos que estavam acampados. Foi antes da pacificação dos canoeiros, ainda.

P - Foi antes de 1952.

A - A gente tinha um certo medo.

M - Então foi na cabeceira do Sto. Antonio ou Água Verde?

A - Sto. Antonio. É na lagoa.

P - Sto. Antonio entra no Ponte de Pedra?

A - Vai pro Sumidouro.

P - Rio Sangue a Arinos viviam os Tapayúna, conhecidos como Beijo-de-Pau.

M - Foi na maloca de João Ferreira?

A - A estrada nunca passou, sempre por cima. Esta ligação que está tendo hoje foi ulterior, que é Marilândia, é posterior. Ele moravam aí e se comunicavam nesse trecho.

M - A estrada não passou na maloca.

A - Nunca me lembro.

M - Há o grande Sumidouro e esse não é Sumidouro, na verdade, é Água Verde. Passa no água Verde, onde hoje é Deciolândia.

A - Para baixo pode ser que houvesse uma luigação, talvez no tempo de Rondon, porque a gente sabia até quando o morador veio ali, a dna. Concórdia eles desciam lá para caçar, havia uma aldeia lá embaixo. Então ao certo passavam por lá naquele tempo. Havia um buracão. Quem vai ao Sucuruína havia um buracão à esquerda, para quem vem de Diamantino. Lá embaixo é que era a aldeia. Ia matar veado lá embaixo. E naquele tempo lá estavam os índios.

P - Quem morava lá?

A - A Ivone sabe. Mas um bom informante é o Damião.

P - O Damião está em Tangará. Vim para onversar com ele.

A - Damião morou aí em toda essa região. A aldeia dele estava na cabeceira do rio do Sangue.

P - É o pai da Irene.

A - A mãe é outra. Devia falar com essa gente, pois são idosos.

M - Do Sucuruína ficou dois Km para baixo. Esse lado é lado direito. Aí passou na Água Limpa.

A - É passava Água Limpa e ia embora. Água Limpa era longe da água. De lá a gente dava em uma reta que se chamava Sete Léguas [hoje é só lavoura, não existe mais]. Lá tinha aldeia indígena do rio Verde. [Quem morava lá era o João Garimpeiro, segundo informou na viagem para Ponte de Pedra].

P - Não é Br 364?

A - É, entrava na Br 364. Depois ela subia e dava na COPRODIA, passava lá, vinha a Campo Novo e ia embora. A nova fronteira (estrada) corta a Sete Léguas.

P - Arlindo conhece mais porque andava de caminhão e por isso tinha muito conhecimento. Antes disso era o Imão Antonio.

A - Era uma enciclopédia, aquele homem.

M - Quando acabou a aldeia no Sucuruína, você sabe?

A - Olha, em 57 foram para o rio do Sangue. Em 58 não tinha mais nada.

M - Por que mudaram?

A - Vieram para a cabeceira do rio do Sangue. Da estrada a gente vê a Lagoa lá embaixo.

M - Hoje é Itamarati. Porque tinha depois nos mapas, estava escrito fazenda Suíça no mesmo lugar.

A - A fazenda Suíça ficava pra cá da Itamarati, bem no alto, em cima do chapadão, na direção rio Verde-Diamantino, à esquerda. A aldeia, do falecido pai da Ivone [?] que o Pe. Edgar transferiu para o Bacavaí, transferiu daqui do rio do Sangue.

M - Agora sei, ainda tem, é grande demais.

A - É Itamarati.

M - Não é. Não sei o dono, mas vou descobrir. É Bela Vista. Essas casinhas, do outro lado do Sucuruína eram o que?

A - Ivone, vocês ficavam do lado direito do Sucuruína, mas tinha trilha pra ir numa aldeia?

Ivone - Tem uma aldeia pra lá e a trilha ia para rio do Sangue.

P - Lá visitava quem?

Ivone - Quando finado Benjamim fundou a aldeia.

P - Benjamim é pai de quem?

Ivone - Pai de Tertuliano. É meu tio.

A - O falecido Benjamim foi morto em Deciolândia naquele tempo.

P - Era Paresi?

Ivone - Paresi legítimo.

A - Morava ali bem pertinho da Lagoa. Em 57 ainda tinha vestígio deles. Eles ficavam aqui na aldeia da Água Verde. Nessa baixadinha da Água Verde.

M - Isso é muito importante.

A - Quem começou primeiro foi Décio. Devagar. Depois do lado esquerdo começou outra fazenda. Quebrou. Muitos quebraram. O dinheiro era fácil, no tempo do Polocentro. Eram bancos, SUDAM. Cresceram durante o tempo do Médici.

P - PROTERRA financiava terra e o Banco as máquinas com seis anos de carência.

A - Muito aplicavam o dinheiro nas cidades.

M - Tem hoje pinheirinhos?

P - É da Brasflor.

A - Acabou tudo. Depois da abertura da Br. Aí começou desenvolver.

M - As antigas fazendas tem pinheirinho e não eucalipto. Então são todas da mesma época.

P - A Brasflor<sup>126</sup> distribuía os **pinus eliotis**.

M - Onde tem pinheirinho é a estrada da Ponte de Pedra. É de de época?

A - Do tempo de Rondon. A Linha telegráfica cruzou os rios todos. Quando a gente chegava na varzearia abandonava a linha telegráfica e vinhamos encontrá-la 40 Km depois no ferrugem, fazenda de japonês. Conhece posto norte à esquerda, quando entra pra Brasnorte. É nesse ponto em que reencontrava a linha telegráfica. Passava Ponte de Pedra, Capanema e seguia para Utiariti e depois Juruena. Markus, você esteve lá.

M - Não.

A - Havia uma gruta na beira do rio do Sangue, diz que foi toda rebentada. Ponte de Pedra tem formações semelhantes a Chapada dos Guimarães. A origem foi em Ponte de Pedra. E o dilúvio ficava na Água Branca. Tem os morros dos quais falam. Todos os locais sagrados dos Paresi estão fora da Reserva.

P - Até a Serra das Araras [segundo informação Adalberto Holanda Pereira].

A - Isso criou problemas e estão criando.

P - No Tribunal dos Povos, o povo que tomou as terras tem que indenizar.

A - O chapadão era todo dos Paresi.

P - Rio do Sangue era dos Kaxinití.

A - Waymaré, os Paresi legítimo. A turma do Joaquim.

P - E o João Zurumará?

Ivone - Eu não sei, só papai.

A - Dona Otilia, não era daí. Antonieta nasceu lá. Nós tínhamos contato com uma aldeia perto de Campo Novo que chamava ZANAKUA.

P - É o nome da escola de Utiariti. A irmã morreu em 54 quando foram na festa. Uma era

---

126 Informante Paresi caroneiro - Quem cuida dos pinheiros da Brasflor no rio Verde é o Paresi chamado Valter, que não cuida, mas recebe salário todo mês.

no começo da reta de Sete Léguas e outra saindo de Campo Novo, perto da COPRODIA. O Irmão Isidoro ia lá conversar com eles.

[...]

M - Mandaram pra Alemanha?

P - Não.

A - Parou tudo, hoje não tem mais diário [documento de registro cotidiano onde constava o que ocorria na escola internato de Utiariti].

P - Hoje são postos da FUNAI, só há registro de rádio.

A - A Poaia estava na descida de Tangará. Os seringais estavam no Arinos e Juruena. ...Utiariti era uma grande aldeia, antigamente, no tempo de Rondon, Lavador de Anta, Tomba Boi, aqui tem restos de panela antiga de Paresi. Estava dentro do rio.

M - Max Schmidt diz que faziam pão e tinha panelas pra guardar o pão feito de milho.

[..]

\*\*\*\*\*

#### Entrevista com Maria

Estudou na escola de Utiariti desde os 10 anos até 17 anos, indo posteriormente morar no Bacaval, às margens do rio Papagaio. A escola tinha parado de funcionar. Nasceu em local onde hoje é fazenda, chamado Água Limpa. deságua no Sepotuba. Logo após o nascimento foi para a Estação Rondon. Morou lá até os dez anos. Mudou-se junto com a mãe que se chama Tereza, (mora até hoje em Utiariti, junto com a mãe que se chama Benedita) para Utiariti. Aprendeu costura e enfermagem com as irmãs. Estudava e depois trabalhava em turnos de 1 semana. Nesses turnos em rodízio, o trabalho consistia em lavar roupa, limpar o pátio, cuidar de horta (atividade que pratica até hoje), cuidar de galinhas, passar ferro em roupa, cozinhar...Quando fazia algo errado apanhava com vara na frente de todo mundo. Quando um padre reclamasse para as irmãs do comportamento das meninas o castigo era pior. Há poucos dias descobriu quem era o pai. Chamava-se Pedrinho. Faleceu em 1996 entre os Umutina, no posto Fraternidade Indígena em Barra do Bugres. Foi enterrado no Bacaval.

\*\*\*\*\*

#### Entrevista com Maria de Fátima

F - Fátima

M - Markus

P - Pivetta

F - Meus pais moravam no Frei Manoel. Quando tinha 7 anos a Irmã Inês foi me buscar. Conversou com meu pai e minha mãe. Meu pai é Inácio (Iranche). Ele mora no Cravari. Daí me trouxeram pra cá. Quando vim, chorava, porque não queria deixar minha mãe. Tinha várias tribos estudando aqui. Tinha de 1 ano. As irmãs pegavam e criavam. Tenho uma cunhada que ela cresceu na mão das irmãs. É a Geraldina. Casada com Elias. Mãe morreu e as irmãs juntaram ela, casou.

P - Que tribos estudavam Em Utiariti?

F - Canoeiros, Paresi, Kayabi, Iranxe, Apiaká. Tinha alguns civilizados. Pessoas que trabalhavam aqui em Utiariti.

Um era boiadeiro, cuidava do gado. Fiquei aqui estudando até 11 anos. Nunca reprovei. Terminei a 4a. série, mas o internato terminou e a gente era criança e não entendia. Meu marido sabe bem o ano. Sou de 60. Hoje tenho 35 anos. Então terminou em 1971.

P - Você estudava de manhã.

F - Sim no pré. Tinha aulas das crianças de manhã. Terceira, 4a. e 5a. era de tarde, à



uma hora. De manhã começava às sete até às 11 horas.

P - E depois da aula?

F - Tinha recreio no fim da aula, tinha lanche e depois do lanche entrava de novo para a escola, até 11 horas e saía pro almoço e depois ia descansar um pouco. As crianças tinham, repouso. Eu cuidava dos pequenos. Brincava com eles. Cuidava pra não machucar, brigar, levava para tomar banho. Depois disso com 10, 11 anos. Cada menina tinha um carguinho. Limpeza de dormitório. Eram três pessoas. Lavar, passar pano. Quem era do banheiro (duas meninas). Sempre dia de sábado trocava a atividade. Assim por diante. Horta (quatro meninas). Era enorme. Debaixo do tanque de lavar roupa. Cozinha. Louça. Galinheiro. Os homens cuidava do porco. Um irmão, chamava Jacó.

P - Conheci em 1968.

F - Depois entrou o Ir. Montes. Espanhol.

P - E quando errava?

F - Dava varada. Puchão de orelha. Na escola se falasse ficava de castigo.

P - Que castigo?

F - Não saía pra merenda. Tinha que ficar sentado, estudando, sem merenda. Uma vez teve um colega dos meninos, brigaram na escola e tiveram que ajoelhar em cima do cascalho.

P - E quando namorava?

F - Bronca e surra de vara. Batia nas pernas, corpo inteiro. Não podia conversar na escola. Quem não soubesse a leitura, ficava de castigo, estudar depois da janta de castigo. Eu mesmo era cabeça dura, me levava no quarto e tinha que ficar sozinha estudando sem poder sair. Só quando a irmã ordenava. Até pra apanhar fruta, esse Pivetta. Uma vez eu e mais uma colega minha, tinha vontade de chupar manga, logo no início da manga, a gente mais preferia. Aí eu subi, mais em cima tava outra menina, **não sei nem como as irmãs tinha os olhos tudo quanto é lado**, eu não sei se tinha alguns que ficavam de guarda, elas sabiam tudo o que estava acontecendo.

M - Tinha alguns entre vocês, tinha pessoas que delatavam?

F - Agora, eu não sei. Acabamos de subir e irmã Conceição veio e disse: desce daí menina. Descemos rápido. E quem ficou em cima ganhou umas varadas.

P - As irmãs tinham preferência por alguma menina? Umas davam as outras?

F - Acho que sim, não sei a gente era criança. Não sabia de nada, o que estava acontecendo, como corriam as coisas.

P - As que eram mais amigas das irmãs, apanhavam menos.

F - Tinha sim, pelo menos a gente escutava.

P - E os padres?

F - Eram mais do lado dos meninos.

P - Eles controlavam?

F - Sim, se encontrasse namorando, fazendo algo errado. Não podia nem olhar para os rapazes. Nem podia se encontrar. Era tudo separado. Dentro da escola eram junto, mas chegava assim de brincar não podia. Depois os padres foram vendo que eles mesmos estavam errados. Aí começaram a se juntar os rapazes e as meninas. Fazia física junto. Brincava de jogar bola. Jantar junto. Logo que começou a gente tinha até vergonha dos rapazes, dos meninos. O refeitório tinha várias mesas. A gente nem olhava, de tanto acostumada de não olhar para rapazes. Sentia vergonha. Uma vez na Igreja eu não sabia de nada. Chegou de ...e eu olhava, porque quando a gente é criança é curiosa e olhava pros meninos. Depois da missa a irmã me chamou e esculhambou. Falou pra mim que olhava pra banda dos menino. Eu era criança e nemsabia de nada. Depois acabou. Antes era separado. Um dia tomei um puchão de orelha, nem sabia porque, só porque estava olhando. As irmãs parecia que maliciava da gente. As irmãs, os padres maliciava muito.

P - Tinha dia livre?

F - Só domingo. Sábado era trabalho duro e revista. Fazia pique-nique. Visitavam as famílias, quem tinha. Eram 15-16 famílias. Visitava os pais, padrinhos. Ninguém saía

sozinho. Sempre acompanhados.

P - O que voce achou?

F - De um lado foi bom, mas de outro lado não. Em vez de ensinar coisas mais melhor pra gente, parece que só maliciava sem motivo. O que foi bom foi o estudo. Era sério, bem estudado. Depois que a gente casou tinha já aprendido alguma coisa. Vários trabalhos no internato, zelo de casa, limpeza, mas de outro lado a gente ganhava castigo a toa sem ter culpa nenhuma. Queria chupar uma fruta não podia. Não podia andar com os adultos. As moças diz que estragavam as crianças. A gente tinha que seguir um monte de regras sem saber porque. Várias meninas ganhavam varadas sem saber o motivo. Ninguém explicava. Apanhava sem saber.

P - E os meninos?

F - Ganhavam castigo. Tudo o que acontecia com as meninas era com os rapazes também. Meu marido sempre conta que era quase o mesmo. Os meninos eram muito mais sacana. Eles aprontavam mais. No internato carne boa ia pros padres e irmãs. Aí roubavam galinha pra comer. Leite empacotado e nós não comia pão de trigo, só de milho, de fubá. Só um pouquinho de farinha. As irmãs e os padres comiam do bom e do melhor, doce, mel. Eles comiam separados. Vicente tirava muito mel. Pensava que ia chupar, mas nada.

M - Tinha férias?

F - Começo de novembro as Irmãs começavam a falar as datas e nós ficava alegres com as férias. Eu ia pro Frei Manoel<sup>127</sup>. Final de janeiro voltava. Vários não saiam.

P - Por que?

F - Não tinha pai, mãe, mas tinha parente. Os que ficavam, trabalhavam e estudavam as taboada, leitura. A gente também estudava durante as férias. A gente estudava, português, matemática, geografia, ciências. educação física, leitura, história...

M - Se um aluno não estudou bem, aconteceu que não podia tirar férias?

F - Quem não estudou não recebia as férias. Passava as férias aqui. Aconteceu tudo isso.

M - Na Alemanha era bem mais rígido. Internato de escolas privadas, fundação, clérigos...

\*\*\*\*\*

Entrevista com João Garimpeiro<sup>128</sup>

127 Frei Manoel era uma fazenda dos padres jesuítas. Nela eram plantados produtos comestíveis, criavam gado, porco e os produtos eram consumidos no Lar do Menor, no colégio para seminaristas em Diamantino.

128 Fontes bibliográficos:

Tolksdorf (1996, pág. 225 et seq.): "23.11. [1963] Adiante até a pensão da Da. Concórdia. Aqui tinha outra vez gasolina. O encarregado do posto contou o caso dos índios paresí do Rio Verde, os quais correm o perigo de serem exterminados pelos seus vizinhos, os civilizados, por causa de terra. Encontramos nestes dias várias vezes índios vagueantes, trocando também algumas coisas com eles. À tarde chegamos à fazenda do Sr. Sackmann, onde Gustavo é o administrador. Aqui pernoitamos.

[...]

25.11. O sr. Hélio, o qual quer fazer uma viagem de inspeção à região de onde estamos vindo, ainda não foi. Expliquei-lhe toda a situação. Um calor insuportável. Surgiu uma confusão por causa da reserva dos beijo-de-pau. Vamos ver o que se pode fazer! No Rio

J - João  
M - Markus  
P - Pivetta  
Encarregado da fazenda (EF)

J - Pessoal do Wazare estava bem aqui uma semente de jatobeira, bem aqui. Eram duas pontes e uma ponte quebrou.

P - Porque quebrou?

J - Naquele tempo que estive aqui em 49 estava rachado. Agora ficou só um. Está tudo acabado. É difícil segurá. Acabaram tudo. Aqui tem cemitério das primeiras gente que morreu. [Fomos ver o cemitério do lado oeste da ponte. O cemitério que o João estava procurando era do lado ocidental da ponte. Não encontrou. Só vimos o outro, no lado leste.]

J - Agora vamos subir lá em cima.

EF - agora a gente pode ir de carro até no fim das três cachoeiras.

J - Aqui é nossa saída histórica. Eram duas pontes. Uma caiu. Em 48-9 estava tudo em pé.

EF - em 35-45 passava a pé, o povo fala. A erosão. Pra cá da curva tem trilheiro. Esses dias veio aqui a rede globo de Cuiabá e Manaus.

J - Ali era aldeia. O ponto onde nós saímos era bem aqui. Em 49 não existia porque Tapayuna atacava muito aqui.

EF - era uma briga. O brasileiro legítimo é o índio.

J - Nós nascemos aqui.

EF - foi descoberto pelos índios. É bom lembrar assim.

J - Tinha muita coisa e não to achando nada. A árvore onde o urubuzinho sentou não está mais.

Encarregado - O cemitério é lá.

J - Ali era histórico. Quando começou a sair nessa terra histórico nosso. Aqui essa terra não é bom. Tudinho já falava.

M - O dono da fazenda?

E - Eugenio Carlos Queiroz.

M - Mora aqui?

E - Não mora em outra fazenda lá em Diamantino.

E - Essa é a estrada antiga de o povo andá. Essas vasilhas aí são antigos.

J - Foi deixando a terra das cabeceiras pra cada um, igual INCRA. Agora aqui sempre faz barulho. Aqui eles falam tres cachoeiras. Porque você vê, né, branco não tem cabeça, depois cai tudo. Derruba tudo, depois acaba com água. Aqui é água boa. Tá sujo.

P - Seria bom todos os Paresi conhecer.

J - Onde era buraco.

M - O senhor falou que nessa estrada vai pra lá.

\*\*\*\*\*

---

Verde outro caso. Ao lado esquerda, no rio, mora um certo João Garimpeiro, tem uma pensão. Em frente moram algumas famílias paresi. Uma reserva reconhecida pelo governo para esses índios. Agora surgem brigas entre o pessoal do João e os índios. Os índios tomam banho onde não devem ou matam porcos do sr. João. Este agora fica zangado, pronunciando-se no sentido de querer envenenar os índios ou arrajar um cangaceiro para matar os índios. Assim resultam problemas em toda a parte, agora quando o problema dos índios está chegando a ser atacado seriamente".

Cuiabá, 5. Oktober 1996, 20 Uhr abends.

Unterhaltung Markus Blumenschein mit Irmão Fernandes in der Rua São Bento, Cuiabá.

Irmão Fernandes arbeitete als *boiadeiro* für die Jesuitenpater und führte für sie zweimal Rinderherden nach Utiariti. (Arbeitete schon zuvor, in São Paulo, als *boiadeiro* bei der gleichen Kongregation). Das war in 1958 und 1959. Zu jener Zeit war es Idee - laut Fernandes - mehr oder weniger tausend Rinder in Utiariti zu halten. Der Fleischverbrauch war seinerseits hoch und lag bei 4 bis 5 Rinder pro Tag.

Die ganze Ausrüstung und der Maschinenpark in Utiariti wie auch die Versorgung mit Lebensmitteln und anderen Dingen (Kugeln/Schrot zur Jagd, etc.) rechnete mit der Unterstützung Deutschlands. So kamen die Maschinen aus Deutschland (Wasserkraftwerk, Sägerei), Lebensmittel wurden in Cuiabá und anderen Orten gekauft. Im Gespräch ironisierte Fernandes die deutsche Unterstützung, da heute niemand mehr die Verantwortung für die indigenen Völker Utiaritís übernehmen wollen. Dies ist besonders bei der Absicherung ihrer Territorien gegeben. Pater Alberto wie auch andere Jesuitenpater bemerkten in den sechziger Jahren, daß der Siedlungskern in Utiariti die Rückkehr dieser indigenen Völker zu ihren ursprünglichen Territorien erschwere. Bei der in dieser Zeit beginnenden Migration von Fazendeiras aus Südbrasilien nach der Chapada dos Parecis und deren dortigen Landnahme war eile angesagt. Aus diesem Grund entschieden sie sich - im Augenblick einer erfolgreichen Entwicklung - das Internat und die damit verbundenen Anlagen in Utiariti aufzulösen. Laut Fernandes geschah dies 1970. Somit wurde die Rückkehr der Indianer - zumindest theoretisch - ermöglicht.

Die Rückkehr erfolgt nur noch nach bestimmten Gegenden, die zu jener Zeit noch nicht von Fazendeiros in Besitz genommen waren.

In der Tat leben heute viele Indios, besonders Paresi, in Cuiabá und besonders gehäuft im Stadtviertel *Lixeira*. Einige bekommen Unterhalt durch eine Pension der Telegraphenlinie. Meist sind es die Witwen, die davon leben. Eltern, wie auch Kinder wollen vom Indianerleben nichts mehr wissen, besonders was die Rückkehr zur *aldeia* angeht. Unterhalten sich zum Beispiel bei einem Besuch mit ehemaligen Stammesangehörigen. Aber das war es dann schon auch.

Myky und Iranxe wollen selbst von ihrer eigenen Sprache nichts mehr wissen. Kaufen *mandioka* (Maniok) von den "Weissen", weil sie meinen, daß diese besser sei.

Die Nahrung der Paresi war Fleisch der *anta*, des *veado campeiro*, der *pombo* und der *ema*. Andere Tiere wurden laut Fernandes nicht gejagt. Rehe (*veado*) wurden gegen die Windrichtung mit einer Naturtarnung, bestehend aus Zweigen und Ästen, gejagt. Auf ungefähr zehn Meter Entfernung wurde dann das Reh oder der Rehbock mit Pfeil und Bogen erlegt.

Später erlegten die Paresi (mit Schrot der Jesuiten) auch *onças* und *jaguariticas*. Verkauften deren Felle an den Tankstellen am Rio Sucuruína und Rio Verde. Tauschten das erworbene Geld für Schnaps (*cachaça*) ein. Auch wurden davon Kleider gekauft. (Über zwei Jahre hinweg wurden am Rio Verde auch Kleider verkauft).

## XII. BIBLIOGRAFIA

AIRES, J. do R. - Produção e Utilização de Alimentos pelos Paresi. In: **Gerando Debates**. Roças Indígenas; Ano I, n. 1; EdUFMT, Cuiabá, 1994, pp. 47-70.

ALMEIDA, A.W.B. de - **Terra, Conflito e Cidadania**, mimeogr. Paris, 1990.

ANONIMO - **Missão Rondon. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto-Grosso ao Amazonas sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915**. Rio de Janeiro, 1916.

ARRUDA, R. - **Relatório de Avaliação da Área Indígena de Utiariti**. FIPE/MINTER/SUDECO. São Paulo, 1986.

----- - **Os Rikbaktsa: Mudança e Tradição**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do Título de Doutor em Ciências Sociais (Antropologia), 1992.

BADARIOTTI, Nicoláu - **Exploração no Norte de Matto Grosso, região do Alto Paraguay e planalto dos Parecis. Apontamentos de História Natural, Ethnographia, Geographia e impressões pelo padre ...salesiano**. S. Paulo, 1898.

BALDUS, H. - **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira**. (Publicação da Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo), São Paulo, 1954.

----- - **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira**. Vol II, Volkerkundliche Abhandlungen. Band IV, Kommissionsverlag Munstermann-Druck GMBH, Hannover, 1968.

BARBOSA, Francisco de Oliveira - Notícias da Capitania de S.Paulo, da América meridional, escriptas no ano de 1792. **Revista Trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico Geographico Brasileiro V(1843)**, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1855. pp.22-36.

BASTOS, R.M. - **Relatório dos trabalhos do subgrupo na área dos Indios Paresi**, Portaria 253/P, mimeogr., Brasília, 1977.

BLUMENSCHHEIN, M. - Die modernisierte Landwirtschaft des Cerrado und ihre Bedeutung für eine nachhaltige Entwicklung der Pantanal-Region. In: KOHLHEPP, G. (ed.) - **Mensch-Umwelt-Beziehungen in der Pantanal-Region von Mato Grosso / Brasilien. Beiträge zur angewandten geographischen Umweltforschung**. (= Tübinger Geographische Studien, 122), Selbstverlag des Geographischen Instituts, Tübingen, 1995, pp. 221-246.

BLUMENSCHHEIN, M. et alii - **O espaço rural na Bacia do Alto Rio Paraguai. A: Transformações sócio-ambientais**. Relatório de pesquisa, Cuiabá e Tübingen, 1996a.

BLUMENSCHHEIN, M. et alii - **Estudo comparativo da sojicultura na Bacia do Alto Paraguai. Contribuição para avaliação do projeto da Hidrovia Paraguai-Paraná**. mimeogr., Brasília, 1996b.

BOSI, E. - **Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos**, São Paulo, 1979.

BOSSI, B. - **Vlaga Pintoresco por los rios Parana, Paraguay, San Lorenzo, Cuyaba y**

el tributario del grande Amazonas...con la descripcion de la PROVINCIA DE MATO GROSSO bajo su aspecto fisico, geografico, mineralogico y sus producciones naturales. Libreria Parisiense, Paris, 1863.

CABIXI, D.M. - **A Questão Indígena**. Centro de Documentação Terra e Índio/CDTI, Cuiabá, 1984.

CAMELLO, João Antonio Cabral - Noticias praticas das minas do Cuiabá e Goyazes, na capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá o Rev. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez às Minas do Cuiabá no anno de 1727. **Revista trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro IV(1842)**, 2a. ed., Rio de Janeiro, 1863, pp. 487-500.

CAMPOS, Antonio Pires de - Breve noticia que dá o capitão Antonio Pires de Campos do gentio barbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuyabá e seu reconcavo etc. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnographico do Brasil XXV**, Rio de Janeiro, 1862, pp. 437-449.

CANCELLI, E. - Marcha para o Oeste, discurso e legitimação, **Rev. da Universidade Federal de Mato Grosso**, Cuiabá, 1983. pp. 86-91.

----- - **Planejamento e Racionalização**. Publ. do POLONOROESTE, Cuiabá, mimegr., 1983.

CASTELNAU, Francis de - **Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para**. Histoire du voyage. 6 tomos, Paris, 1850-1851.

CORRÊA FILHO, V. - **Matto Grosso**. Rio de Janeiro, 1922.

COSTA FILHO, A. - **Os PARESI**: sistemas econômicos, Série Antropológica N. 2, EdUFMT, Cuiabá, 1994.

COSTA, R.M.R. - **Cultura e Contato; um estudo da sociedade Paresi no contexto das relações interétnicas**, Rio de Janeiro, 1985.

FONSECA, J.S. da - **Viagem ao redor do Brasil, 1878**. I: Rio de Janeiro 1880; II: Rio de Janeiro, 1881. Versão francesa: Rio de Janeiro, 1875-1889.

CAMPOS, M. de - **Interior do Brasil**. Rio de Janeiro, 1936.

CARDOSO, F.H. & MULLER, G. - **Amazônia: Expansão do Capitalismo**, Edit. Brasiliense, São Paulo, 1978.

CIMI - **Legislação Indigenista Brasileira**, Ed. Loyola, São Paulo, 1989.

COELHO, F.J.N. - memorias chronologicas da capitania de Mato-Grosso principalmente da provedoria da fazenda real e intendencia do ouro. **Revista Trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, XIII (1850)**, 2a. ed., Rio de Janeiro, 1872, pp 137-199.

----- - I Bororos Orientali "Orarimugudoge" del Matto Grosso (Brasile). **Contributi scientifici delle missioni salesiane del Venerabile Don Bosco**, I, Torino, 1925.

- COOK, W. A. - **Through the Wilderness of Brazil**. American Tract Society, s.a., New York, 1909.
- CORRÊA FILHO, V. - **Matto Grosso**. Rio de Janeiro. 1922.
- COSTA FILHO, A. - Análise dos Sistemas Econômicos Paresi, In **Gerando Debates**, Ano I, n. 1; Roças Indígenas. EdUFMT, Cuiabá, 1994, pp. 7-29.
- COSTA, R. R. - **Cultura e Contato: um estudo da Sociedade Paresi no contexto das relações interétnicas**. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1985.
- CUNHA, M. C. da - **Os Direitos do Índio**, Edit. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- CRUZ DE SÁ LEÃO, M.A. - **Relatório de estudo e definição das áreas para o grupo indígena Paresi/MT**, Portaria n. 923/E, Mimeogr. Brasília, 1978.
- DAVIS, S. - **Victims of the Miracle: Development and the Indians of Brazil**. Cambridge University Press. Em port. Edit. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
- DORNSTAUDER, J.E. - **Como pacifiquei os Rikbaktsa**. Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo, 1975.
- FAGREGAT, C.E. - **Estado, Etnicidad y Biculturalismo**. Ed. Peninsulas, Barcelona, 1984.
- FARIA, J.B. de - Tintas usadas pelos índios Borôros. **Boletim do Museu Nacional I, n.6**, Rio de Janeiro, 1925, pp. 401-403.
- FERREIRA, E. de C. - **Posse e Propriedade Territorial: a luta pela terra em Mato Grosso**, Ed. da UNICAMP, Campinas, 1986.
- FERREIRA, J. A. - Notícia sobre os índios de Matto Grosso dada em officio de dezembro de 1848 ao Ministro e Secretário D 'Estado dos Negócios do Império, pelo Diretor Geral dos índios da então Província. **Revista o Archivo**, Cuiabá, 1905, Ed. Facsimilar, Fundação Julio Campos, Varzea Grande, 1993, pp. 79-96.
- FILHO, J. S. d'Angelis - A Classificação e o Reconhecimento dos Solos pelas Paresi. In: **Gerando Debates**. Roças Indígenas. Ano I, n. 1; EdUFMT, Cuiabá, 1994, pp. 83-96.
- FLORENCE, H. - Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorf no interior do Brasil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil, XXXVIII**, Rio de Janeiro 1875, parte primeira, pp. 337-469; parte segunda, pp. 231-301; XXXIX, Rio de Janeiro, 1876, parte segunda, pp.157-182.
- FONSECA, J. S. da - **Viagem ao redor do Brasil, 1878**. I: Rio de Janeiro 1880; II: Rio de Janeiro, 1881. Versão francesa: Rio de Janeiro, 1875-1889.
- FOWERAKER, J. - **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais**. Trad. Maria Júlia Goldwasser, Zahar Edit., Rio de Janeiro, 1982.
- FREUNDT, E. - **Índios de Mato Grosso**. São Paulo, 1947.

GAGLIARDI, J. M. - **O Indígena e a República**. Edit. Hucitec, Edit. da Universidade de São Paulo, Secret. de Estado da Cultura de São Paulo, São Paulo, 1989.

GEERTZ, C. - **Interpretação de Culturas**, Zahar Edit., Rio de Janeiro, 1978.

GRAZIANO DA SILVA, J. F. - **Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira**. Edit. Hucitec, São Paulo.1989

GRÜNBERG, G. - **Contribuição para a etnografia dos Kayabi do Brasil Central**. Trad. Eugenio G. Wenzel. Datil.1970

HÉBETTE, J. (org) - **O cerco está se fechando**, Edit. Vozes, Petrópolis, FASE, Rio de Janeiro e NAEA, Belém, 1991.

LEVERGER, A. - Roteiro de navegação do rio Paraguay desde a foz do rio Sepotuba até a do rio São Lourenço. **Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil XXV**, Rio de Janeiro, 1862, pp. 287-352.

----- - Condições administrativas da provincia de Matto-Grosso apresentadas em relatório de 13 de Janeiro de 1852 ao Ministro e Secretário de Negócios do Império. **O - Archivo - Revista destinada à vulgarização de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso**, anno I, vol. III, Cuyabá, 1905. pp. 143-150.

LÉVI-STRAUSS, C. - **Tristes Tropiques**. Paris, 1955.

LISBOA, T. de A. - **Entre os índios Munku: a resistência de um povo**. Ed. Loyola, São Paulo, 1979.

----- - **Os Enauenê-Nauê: primeiros contatos. Amazônia Matogrossense, 1974: os primeiros contatos com um povo verdadeiro e a sua luta pela terra**. Ed. Loyola, São Paulo, 1985.

LYRA, J. S. - **Variante da Ponte de Pedra ao salto Utiariti, Aldeia Queimada**. Publicação N.7, Anexo N. 3 da Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, Papelaria Luiz Machado, Rio de Janeiro, 1908.

LUXEMBURGO, R. - **Acumulação do Capital**. Trad. Moniz Bandeira, 2a. ed., Zahar Edit., Rio de Janeiro, 1976.

LUZIA DE ALMEIDA, E. - Sobre a vida Paresi - alguns dados censitários. In: **Gerando Debates**. Roças Indígenas, Ano I, n. 1; GERA, EdUFMT, 1994; pp. 31-45.

MACEDO, C.C. - **A Reprodução da Desigualdade**. Edit. Hucitec, São Paulo, 1979.

MACHADO, M.F.R. - **Os Paresi e as Linhas Telegráficas**. Projeto de Pesquisa, Mimeog., Cuiabá.1988

----- - **Índios de Rondon. Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Wáimare e Kaxíniti, grupos Paresi**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1994. Mimeogr.

----- - **Identificação e Delimitação de Área Indígena "Estação Rondon"**(Estação



"Parecis") - Diamantino / MT Portaria FUNAI / BSB / 308/93-06 - Abril / 1993. In: MALDI, D. (org.) et alii: **Direitos Indígenas e Antropologia: Laudos Periciais em Mato Grosso**, EdUFMT, Cuiabá, 1994, pp. 243-292.

MAGALHÃES, A. A. B. de - Impressões da Comissão Rondon, 5ª ed., ilustrada, atualizada e aumentada. **Brasiliana CCXI**, São Paulo, 1942.

----- - O Problema da Cilizacão dos Indios no Brasil. **América Indígena III**, México, 1943, pp. 153-160 e 329-335; IV, México 1944, pp. 55-63, 133-236, 323-333. Reproduzido por Candido Mariano da Silva Rondon em sua obra "Indios do Brasil".

MALDI, D. et alii - **Direitos Indígenas e Antropologia**, EdUFMT, Cuiabá, 1994.

MALINOWSKI, B. - **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Edit. Abril, São Paulo, 1978.

MARTINS, J. de S. - **Caminhada no chão da noite**, Edit. Hucitec, São Paulo, 1989.

----- - **A chegada do Estranho**, Edit. Hucitec, São Paulo, 1993.

MENDES DOS SANTOS, G. - Caracterização das espécies e variedades vegetais cultivadas pelos Paresi. In: **Gerrando Debates**. Roças Indígenas. EdUFMT, 1994, pp. 71-82.

MENENDEZ, M. - "Contribuição ao estudo das relações tribais na área do Tapajoz-Madeira". **Revista de Antropologia**. USP/SP, 1984-5. N. 27/28, pp. 271-286.

METRAUX, A - **The native tribes of Western Bolivia and Western Mato Grosso**. Bulletin 134, Smithsonian Institution. Washington.1942

MINISTÉRIO do MEIO AMBIENTE, dos RECURSOS HÍDRICOS e da AMAZÔNIA LEGAL - **Os ecossistemas brasileiros e os principais macrovectores de desenvolvimento**. Subsídios ao planejamento da gestão ambiental. (Projeto cenários para o planejamento da gestão ambiental). Brasília, MMA, 1996.

MOURA E SILVA, J. de - Os Iranche. Contribuição para o estudo etnológico da Tribo. **Rev. Pesquisas** 1. São Leopoldo, 1957.

----- Os Munku. 2a. Contribuição ao estudo da tribo Iranche. **Rev. Pesquisas**. n.10. São Leopoldo, 1960.

-----Fundação da Missão de Diamantino. **Rev. Pesquisas**, História, n. 18, Graf. Rotermund, São Leopoldo, 1975.

OBBERG, K. - Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil. **Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology**, Publication n. 15, Washington, 1953.

OLIVEIRA, J.B. de - Relatório do estado da catechese e civilização dos Indios de Matto-Grosso, apresentado ao Presidente da Província em data de 31 de Dezembro de 1858. **O Archivo - Revista destinada à vulgarização de documentos Geográficos e Historicos do Estado de Matto-Grosso**, anno I, vol. III, Cuyabá, 1905. pp. 131-138.

ORLANDI, E. P. et alii - **Discurso Indígena**, Edit. da UNICAMP, Campinas, 1991.

PETRULLO, V. M - Primitive Peoples of Matto Grosso, Brazil. **The Museum Journal**, XXIII. n.2, 1932, pp. 83-173.

PEREIRA, A.H. - Heróis do Juruena. **Rev. Síntese**. Vol 2 (5), N.F., Ed. Loyola. São Paulo, 1975.

----- - O Pensamento Mítico Iranxe. **Rev. Pesquisas**, Edit. da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1985, pp. 15-19.

----- - **O Pensamento Mítico do Paresí**. Primeira Parte. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.

----- - **TUPXI, o índio da paz**. Ed. Loyola, São Paulo. 1995.

PEREIRA, A.H. & MOURA E SILVA, J. de - História dos MÛNKÛ (Irânxe). **Rev. Pesquisas**. São Leopoldo, 1975.

PIVETTA, D. L. - Trágico Destino: extermínio e Escravidão, **Cadernos do NERU**, Cuiabá, 1993, n. 2, pp.141-163.

-----**Processo de ocupação das dilatadas chapadas da Amazônia Meridional: Iranxe: educação etnocida e desterritorialização**, Dissertação de Mestrado, mimeogr., Cuiabá. 1993.

-----**Conflito pela Terra em Mato Grosso, Anais do Seminário de Ecologia Humana da região do POLONOROESTE Mato Grosso**, Cuiabá. 1983

-----**Perícia histórico-antropológica**, Ação Cível Originária n. 308-I, Justiça Federal/MT. 1986

-----**Perícia histórico-antropológica**, Processo n. 11.236/83/2a. Vara, Justiça Federal/MT.1989

-----**Perícia histórico-antropológica**, Processo n. 00.0000288-7. Justiça Federal/MT, 1991

-----**Perícia histórico-antropológica**, Processo n. 00.0004319-2, Justiça Federal/MT, 1a. VARA - MT, 1994.

-----**Perícia histórico-antropológica**, Processo n 91.9991341-2, Justiça Federal, 1a. Vara, 1994

-----**Perícia histórico-antropológica**, Processo n 00.0001530.0, 2a. Vara, Cuiabá, 1995.

-----**Perícia histórico-antropológica**, Processo n. 93.0001751-9, 1a. Vara, Justiça Federal, 1996.

PIVETTA, D. L. & BANDEIRA, M. de Lourdes - **Iranxe: Luta pelo Território Expropriado**, Edit. da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 1993.

PORTO, C.N.; RIZZIERI, J.A.B. - **Análise dos impactos de projetos especiais, Polocentro**. Relatório final (IPEA, FIPE), São Paulo, 1984.

PRICE, D. - Paresi, Cabixi, Nambikwara: a case study in the Western classification of Native Peoples. *in Journal de la Société des Américanistes*, Musée de l'homme, Paris, 1983, pp. 130-148.

PRUDENCIO, J.B. - Informações ministradas ao Presidente da Província de Matto-Grosso, Augusto Leverger,(...) sobre o Município do Alto Paraguay-Diamantino. **O Arquivo - Revista destinada à vulgarização de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso**, anno I, vol. I, Cuyabá, 1904 pp. 3-11.

REGO, M. do C. de M. - **Lembranças de Matto Grosso**. Rio de Janeiro. 1897.

RIBEIRO, D. - **Os Indios e a Civilização**. Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1970.

RIBEIRO, D. & MOREIRA NETO, C.A. **Fundação do Brasil: testemunhos 1500-1700**. Edit. Vozes, Petrópolis.1992

RODRIGUES, J.C. - **Antropologia do Poder**, Edit. Terra Nova, Rio de Janeiro. 1992

RODRIGUES, A. de M. - **Ação Cível Originária**, N. 365-2, 1989, Mimeogr. Brasília.

ROENICK, V. - Polocentro, Brasiliens Entwicklungsprogramm für die Region der Cerrados. In: **Geographische Rundschau**, Vol. 34 (8), pp. 360-366.

ROHAN, H. de B. - Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catharina, em 1846. **Revista trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro IX (1847), 2a. ed.**, Rio de Janeiro, 1869. pp. 376-397.

ROHDE, R. - **Original-Mittheilungen aus der Ethnologischen Abtheilung der Königlichen Museen zu Berlin**, Berlin, 1885.

RONDON, C. M. da S. - **Ethnographia**. Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo n.5, História Natural. Rio de Janeiro. 1910.

-----**Relatório apresentado à Directopria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra**. I Vol., Estudos e Reconhecimentos, Papel. Luiz Macedo. Rio de Janeiro.1915.

-----Conferências realizadas nos dias 5,7 e 9 de outubro de 1915 pelo Sr. Coronel...no theatro Phoenix do Rio de Janeiro sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegraphica. **Publicação n. 42 da Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégias de Matto Grosso ao Amazonas**. Rio de Janeiro. 1916

-----**Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo**. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégias de Matto Grosso ao Amazonas, Publicação n. 68. Rio de Janeiro.1922, 2a. ed. publicada pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1946.

-----**Indios do Brasil I: do Centro, Noroeste e Sul de Mato Grosso**. Rio de Janeiro, 1946.

-----**Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas**. Escala 1 : 1.000.000, Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, 1952.

ROQUETTE-PINTO, E. - **Rondonia**. Série Brasileira, Vol. XXXIX, 3a. ed., Companhia Editora Nacional, São Paulo.1935

ROOSEVELT, T. - **Trough the Brazilian wilderness**. Charles Scribners Soons. N. York.1916

ROWAN, O. & ROWAN, P. - **Dicionário Parecis - Português/ Português- Parecis**, Publicação do Summer Institut of Linguistics, Brasília, 1978.

SAHLINS, M. - **Cultura e razão prática**. Zahar edit., Rio de Janeiro.1979

-----**Ilhas de história**. Jorge Zahar Editor, São Paulo. 1990.

SALIM, C.A. - As políticas econômica e tecnológica para o desenvolvimento agrário das áreas de cerrado no Brasil: avaliação e perspectivas. In: **Cadernos de difusão de tecnologia**, Vol. 3 (2), Brasília, pp. 297-342.

SÁLVIO, J. - "Os Iranxe", in **Índios em Mato Grosso**. OPAN/CIMI. Gráfica Cuiabá, 1987.

SANTOS, S. C. dos (org.) - **O Índio perante o direito**, Edit. da UFSC, Florianópolis, 1982.

SCHMIDT, M. - Ergebnisse meine zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September 1926 bis August 1928. **Zeitschrift für Ethnologie**, LX, Berlin 1929, pp. 85-124. Versão portuguesa no Boletim do Museu Nacional XIV-XVII, 1938-1941. Rio de Janeiro, 1942.

SCHULTZ, H. - **Vinte e três índios resistem à civilização**. São Paulo, 1954.

-----Informações etnográficas sôbre os Umutina. **Revista do Museu Paulista, Nova Série**, XIII, São Paulo, 1961/62, pp. 65-313.

SERRA, R. F. de A. - Extracto da descrição geographica da província de Mato Grosso feita em 1797. **Revista trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro VI (1844)**; 2a. ed., Rio de Janeiro, 1865. pp. 156-196.

SILVEIRA DE MELLO, A. - A Missão do Mangabal do Juruena, **Rev. Pesquisas**, História n. 18, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo. 1975.

STEINEN, K. von den - **Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens**. Berlin, 1894. Edição brasileira: "Entre os Aborígenes do Brasil Central", Departamento de Cultura, São Paulo. 1940.

-----Indianerskizzen von Hercules Florence. **Globus**, LXXV, Braunschweig, 1899, pp. 5-9 e 30-35.

SIQUEIRA, E. M. - **Aliti**. Mimeogr. Relatório. UFMT. Cuiabá. 1992.

SCHMIDT, M. - Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. **Zeitschrift für Ethnologie XLIV**, Berlin, 1912, pp. 130-174.

-----Die Paressi-Kabisi. Ethn. Ergebnisse der Expedition zu den Quellen des Jaurú und Juruena im Jahre 1910. **Baessler-Archiv IV**, Heft 4/5, Leipzig, 1914, pp.167-250.

-----Los Paressis. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. VI, n.1. Assunción 1943, 296pp.

-----"Los Iranche". **Revista de la Sociedade Científica del Paraguay**. Tomo V, n.6, 1942, pp. 35-44.

-----Resultados de minha expedição bienal a Mato Grosso de Setembro de 1926 a agosto de 1928. **Boletim do Museu Nacional XIV-XVII**, 1938-41:241-285, Rio de Janeiro.1942

-----"Los Paressis". **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. 1943. Tomo V, n.1.

-----Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September, 1926 bis August 1928. **Zeitschrift für Ethnologie**, LX, Berlin, 1929. pp. 85-124.

----- Los Barbados o Umotinas en Matto Grosso (Brasil). **Revista de la Sociedad Científica del Paraguai V**, n.4, Asunción, 1941. 51pp.

SPELLER, P. - **Political Mediation on the Pioneer Frontier: the role of Law, Bureaucracy and Violence on the Amazon Region of Brazil**. Dissertação de Doutorado. Universidade de Essex, Inglaterra. 1988, Mimeogr.

TEODOROV, S. - **A conquista da América: a questão do outro**. Edit. Martins Fontes, São Paulo. 1983.

TOLKSDORF, F. - **Entre seringueiros, índios, agrimensores, colonos e garimpeiros de Mato Grosso**. Diários póstumos de Fritz Tolksdorf, traduzidos por Peter von Werden, S.J., Cuiabá, 1996, mimeogr.

TOLMASQUIM, M.T. - Le maldéveloppement de la frontière productive brésilienne: le cas du cerrado. In: **Cahiers du Brésil Contemporain**, N. 4, Paris, 1988, pp. 93-104.

TORRES, C. A. - **Diagnóstico da situação fundiária do Estado de Mato Grosso**, Secretaria de Desenvolvimento Social, Cuiabá, 1979, mimeogr.

VARIOS AUTORES - Cartas Régias de 1771 a 1803 relativamente ao Governo da Capitania de Matto-Grosso. **O Archivo - Revista destinada à vulgarização de documentos geográficos e históricos do Estado de Matto Grosso**, anno I, vol. I, Cuyabá, 1904, pp. 15-26; vol. II, Cuyabá, 1905, pp. 47-64; vol. III, pp. 103-127; anno II, vol I, Cuyabá, 1905, pp. 225-238.

VELHO, O. G. - **Capitalismo Autoritário e Camponato (um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento)**, 2a. ed., Edit. Difel, São Paulo-Rio de Janeiro.1979

VERHELST, T. G. - **O Direito à diferença Sul-Norte: identidades culturais e desenvolvimento**, Edit. Vozes, Petrópolis. 1992

WAEHNELDT, R. - Exploração da província de Mato Grosso. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brazil XXVII**, primeira parte, Rio de Janeiro, 1864, pp. 193-229.

WEBER, Max - **Economia e sociedade (Fundamentos da Sociologia compreensiva)**,

**BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA ACERCA DOS TAPAYÚNA CONSULTADA E EM NOSSO DISPOR**

CASTELNAU, F. - **Expeditions dans les parties centrales de l'Amerique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Pará.** Histoire de Voyage. Paris. 1850/1851. Tomo III, pp. 89-118.

CASTRO, M. J. de & FRANÇA, A. T. de - Diário de viagem que.....fizeram os capitães pelo rio Arinos no ano de 1812, In **Revista do Instituto Histórico e Geográfico** 31 (1), 107-160.

CESAR, J. V. - **Os Beirão-de-Pau (Kayapó) dos Rios Sangue e Arinos no Mato Grosso, Brasil,** ICA Stuttgart-München 1968.

COUDREAU, H. - Viagem ao Tapajós (28 de julho de 1895 - 7 de janeiro de 1896), Trad. A. de Miranda Bastos, **Brasiliana Série 5ª**, vol. 208. Companhia Edit. Nacional, 1897.

COOK, W. A. - **Through the Wilderness of Brazil.** New York, American Tract Society, s.a.(1909). 487pp

LAS CASAS, R. D. de - Índios e Brasileiros no vale do rio Tapajós. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, N.S. nº 23, 1964, pp. 1-31.

FLORENCE, H. - Esboço da viagem feita pelo Sr. Langsdorff no interior do Brasil, deste setembro de 1825 até Março de 1829. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geographico e Etnographico do Brasil**, XXXVIII, Rio de Janeiro 1875, 1ª parte, pp. 337-469; 2ª pp. 231-301, XXXIX, Rio de Janeiro, 1876, 2ª parte, pp. 157-182.

-----Viagem Fluvial do Tiete ao Amazonas. De 1825 a 1829, 2ª. ed.; São Paulo, 1948.

GUIMARÃES, J. da S. - Memória sobre os usos, costumes e linguagem dos Apicás, e descobrimento de novas minas na província de Mato Grosso. **Revista Trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro VI (1844)**. 2ª ed., Rio de Janeiro, 1865, pp.305-325.

GRÜNBERG, Georg - **Contribuições para a etnografia dos Kayabi do Brasil Central**, trad. Eugênio Gervásio Wenzel, s/d, Mimeogr. [1970] 212 pp.

MALCHER, J. M. G. - **Índios - Grau de integração na comunidade nacional. Grupo linguístico, Localização.** Rio de Janeiro, 1964, pp. 97-103.

NINUENDAJU, C. - The Cayabí, Tapayuna and Apicá, In: **Handbook of South American Indians**, Ed., Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, vol. 3, 1948, pp. 307-320.

PEREIRA, A. H. - A pacificação do Tapayuna (Beirão-de-Pau), **Revista de Antropologia**, 15/16: pp. 216-227, ed., USP, 1968.

PYRYNEUS DE SOUZA, A. - **Exploração do rio Paranatinga e seu levantamento topographicamente bem como os rios S. Manoel e Telles Pires,** (Relatório apresentado ao chefe da Comissão Coronel Candido Mariano da Silva Rondon), Publicação n. 34, Anexo n. 2, [1915-1916], Rio de Janeiro, 1916.

REGO, M. do C. de M. - **Artefatos Indígenas de Matto Grosso. Archivos do Museu Nacional X (1897-1899)**, Rio de Janeiro, 1899, pp. 175-184.

#### CARTAS

- Carta do Pe. João Dornstauder ao Eng. Chefe da medição do Rio Alegre, 13/10/1956.  
Carta anônima [pela letra é de João Dornstauder] ao Pe. Waldemar, 23/2/1959, 16pp.  
Carta do Pe. João Dornstauder ao Pe. Adalberto Holanda Pereira, 27/9/64.  
Carta do Pe. Henrique ao Pe. Adalberto Holanda Pereira, 25/3/1965.  
Carta do Pe. Thomaz Aquino Lisboa ao Pe. Adalberto, 26/10/1965.  
Carta de Georg Grünberg ao Pe. Henrique Froehlich, 5/12/65.  
Carta de Reinaldo dos Santos ao Pe. Alberto, 22/11/65.  
Carta do Pe. Henrique ao Pe. Pereira, 9/1/1966.  
Carta do Pe. Henrique ao Pe. Adalberto O. Pereira, 11/1/1966  
Carta do Pe. Dornstauder ao Pe. Adalberto, s/d.  
Carta do D.A. ao Pe. Henrique, 9/01/1966.  
Carta do Pe. Henrique Froehlich ao Hélio Jorge Bucher, 1/5/1966  
Carta do Pe. Henrique Froehlich ao Hélio Bucher, 15/6/1966.  
Carta do Pe. Burnier ao Pe. Adalberto, 3/10/1967.  
Carta do Pe. Iasi ao Pe. Adalberto, 4/10/1967.  
Carta do Pe. Iasi ao Pe. Adalberto, 5/10/1967.  
Carta do Pe. Dornstauder ao Pe. Pereira, 10/10/67.  
Carta do Pe. Iasi ao Pe. Henrique, 13/6/1969  
Carta do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa ao Dom Alonso, 15/03/1968  
Carta do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa ao Pe. Aquino, 20/03/1968.  
Carta de Dom Alonso ao Pe. Thomaz, 22/3/1968  
Carta do Administrador Geral da Fazenda Yporanga aos Padres Adalberto e Iasi, 1/5/1968.  
Carta do Consul Geral da Alemanha Dr. Wolfgang Pfeiffer ao Col. São Luiz(SP) [endereçada ao Pe. João Dornstauder], 28/3/1969.  
Carta do Consul Geral da Alemanha Dr. Wolfgang Pfeiffer ao Pe. Henrique Froehlich, 16/5/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 12/9/1969.  
Carta do Iasi ao Pe. Henrique, 18/9/1969.  
Carta do Iasi ao Sr. Helio Bucher, 18/9/1969.  
Carta do Iasi ao Pe. Henrique, 22/9/69.  
Carta do Iasi ao Helio J. Bucker, 14/10/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 14/10/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 19/10/1969.  
Carta de Iasi ao Sr. Helio J. Bucker, 22/10/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 22/10/1969  
Carta de Iasi ao Sr. Hélio J. Bucker, 25/10/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 25/10/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Egídio, 25/10/1969.  
Carta de Iasi ao Sr. Helio J. Bucker, 3/11/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 3/11/1969.  
Carta de Iasi ao Sr. Helio J. Bucker, 4/11/1969.  
Carta de Iasi ao Sr. Hélio J. Bucker, 4/11/1969.  
Carta de Iasi ao Sr. Diretor do DAS, 5/11/1969.

Carta anônima ao Sr. Hélio Jorge Bucker, 8/11/1969.  
Carta de Iasi ao Diretor do DAS, 10/11/1969.  
Carta anônima ao Diretor do DAS, 10/11/1969.  
Carta de Iasi ao Diretor do DAS, 16/11/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 18/11/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 21/11/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 26/11/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 28/11/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 5/12/1969.  
Carta de João Bosco ao Padre Thomaz Lisboa, 22/11/1969.  
Carta anônima ao Diretor do DAS, 26/12/1969.  
Carta de Iasi ao Pe. Henrique, 6/2/1970.  
Carta do Pe. Thomaz Aquino Lisboa ao Hélio Jorge Bucker, 9/2/1970.  
Carta de Antonio Iasi ao Diretor do Jornal da Tarde, 10/02/1970.  
Carta do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa a Elieth Calmon Cerisara, 4/3/1970.  
Carta do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa ao Sr. Hélio Jorge Bucker, 4/3/1970.  
Carta do Pe. Thomaz ao Egídio, 31/03/1970.  
Carta do Iasi do P. Henrique, 4/4/1970.  
Carta do Pe. Thomaz Aquino Lisboa ao Sr. Hélio Jorge Bucker, 12/04/1970.  
Carta de Antonio Iasi ao P. Henrique Froehlich, 13/4/1970.  
Carta do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa ao Pe. Henrique, 15/4/1970.  
Carta do Pe. Henrique Froehlich ao Pe. Antonio Iasi, 21/4/1970.  
Carta do Pe. Thomaz ao Pe. Henrique, 23/4/1970.  
Carta do Pe. Thomaz ao Pe. Emilio, 1/5/1970.  
Carta do Pe. Thomaz Aquino Lisboa ao Delegado da 5a. DR, 7/5/1970.  
Carta do Pe. Thomaz Aquino Lisboa ao Delegado da 5a. DR., 8/5/1970.  
Carta do Pe. Thomaz Aquino Lisboa ao Sr. Delegado da 5a. DR, 8/5/1970.  
Carta do Pe. Thomaz ao Balduino, 9/5/1970.  
Carta do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa a Paulo Monteiro, 28/1/1971.

## JORNAIS

Gazeta do Norte, 15/05/1966 - "Medidores escurraçados pelos Beijo-de-Pau".  
BSB, nov. 1967 - "Missão Anchieta insistirá na pacificação dos índios da tribo beijos-de-pau".  
Diário Oficial - Autorização da FUNAI ao Pe. Antonio Iasi para pacificação, atração e aldeamento dos Beijo-de-Pau, 31/01/1968.  
Correio do Povo, "Expedição da FUNAI vai entrar em contato com os índios Beijo de Pau", 18/4/1969.  
O Estado de São Paulo - "Pacificação dos Beijos de Pau", 16/4/1969.  
Jornal do Brasil - "Beijos-de-pau recebem bem os civilizados", 3/6/1969.  
Folha da Tarde - "Epidemia de gripe mata índios "beijo de pau", 16/7/1969.  
Folha da Tarde - "A missão dos beijo-de-pau", 19/7/1969.  
Correio do Povo - "A vaidade dos Tapaiúna", 30/7/1969  
Diário de Notícias - "Febre liquidou aldeia inteira no Mato Grosso", 30/9/1969.  
O Estado de São Paulo - Estamos entrando na aldeia dos Beijo-de-Pau", 14/2/1970.

## REVISTAS

Fatos e Fotos, 29/5/1969; 4/6/1969; 5/6/1969, 26/6/1969, 3/7/1969.  
O Cruzeiro, 16/6/1969, 11pp.  
AVE MARIA, Ano 1971, N. 12, junho de 1969.  
O Cruzeiro, João Américo Peret - Memória de um Sertanista - I, 8/9/1971, 10pp.



## TELEGRAMAS/MEMO

Helio Bucher para Pe. Henrique, 402-64-15-13.30hs  
 Helio Bucher para Pe. Superior da Missão, 287--86-8-15.  
 Helio Bucher para Pe. Henrique Froehlich, 08/05/1969.  
 José de Queiroz Campos [Presidente da FUNAI] - Autorização para atração, pacificação e aldeamento dos Beijos de Pau, 18/8/1969.  
 Helio Bucher para o Pe. Iasi N. 158-4-9-69  
 Iasi para o Sr. Helio Bucher, 12/9/1969.  
 Iasi para o Sr. Helio Bucher, 11/9/1969  
 Helio Jorge Bucher para o Pe. Iasi, 22/9/1969.  
 Anônimo para Hélio Bucher, 26/9/1969.  
 Helio Bucher para o Padre Iasi, 29/09/1969.  
 Delegado da 5a. DR-FNI para o Pe. Iasi, 2/10/1969.  
 Antonio Carlos para Padre Henrique, 209-45-3-18  
 Elieth Calmon Cerisara para Pe. Antonio Iasi Junior, 23/10/1969.  
 Elieth Calmon Cerisara para Pe. Antonio Iasi, 27/10/1969.  
 Lourdes Modesto para Padre Antonio Iasi, 7/11/1969.  
 Helio Jorge Bucker para Padre Antonio Iasi, 3/11/1969.  
 Helio Jorge Bucker para Pe. Antonio Iasi, 3/11/1969.  
 Alcebiades de Carvalho Santos para Padre Antônio Iasi, 12/11/1969.  
 Elieth Calmon Cerisara para Rev. Thomaz Aquino Lisboa, 24/02/1970.  
 Emilio para Pe. Henrique, 52-26-27-11[abril 1970].  
 Ten. Fernandes para Pe. Henrique Froehlich, 512-69-16-9  
 Padre Thomaz para o Padre Henrique, s/d  
 Paulo Monteiro Santos/DGEP para Prelazia de Diamantino, 22/1/71.

## OFICIOS

Do Diretor do SPI ao Pe. Henrique Froehlich, 20/07/1966  
 Do Pe. Henrique Froehlich ao Inspetor Reg. 6a. ININD, 11/08/1966.  
 De Elieth Calmon Cerisara ao Pe. Henrique Froehlich, 19/01/1967  
 De Helio Jorge Bucker para Pe. Iasi, 16/10/1969.  
 De Hélio Jorge Bucker ao Rev. Pe. Thomaz de Aquino Lisboa, 11/03/1970.

## RELATORIOS

Anônimo - **A fala com os Beijos de Pau**, 30/09/1976.  
 Anônimo - **Permanência e Assistência aos Beijos de Pau**, jan/1968.  
 Marisa Pereira Bucker - **Relação do Material etnográfico...** 19/02/1970  
 Anônimo - **Razões de Transferência dos B. d. P.**, 20/03/1970.  
 Anônimo - **Relação de material devolvido a FNI da expedição Beijo-de-Pau**, s/d., 4pp. [farmácia, material de cozinha, ferramentas, diversos, roupas, agasalhos, material de escritório, armas, munição, transporte].  
 Pe. Thomaz Aquino Lisboa - **Relação dos gastos extraordinários efetuados pela Prelazia de Diamantino em favor dos índios Beijo-de-Pau, pertencente à 5a. Dr. Fundação Nacional do Índio.**

## FITAS

Fita gravada pelo Pe. Antonio Iasi no terceiro encontro com os Beijo-de-Pau dia 20/10/1967, a 200 mts acima da barra do córrego Miguel de Castro e Thomé de França

pelo Pe. Adalberto Holanda Pereira.

Fita gravada pelo Pe. Antonio Iasi no encontro com os B. P. em 3/11/1967. Transcrita pelo Pe. Adalberto Holanda Pereira.

### **MAPA**

Anônimo - Mapa manuscrito da área Tapayúna, com fotos, rios, distâncias e coordenadas geográficas.

### **ÍCONE**

Bandeira da expedição em roupa seda desenhado uma cruz e um P [pacificação].

### **DIÁRIO DA PACIFICAÇÃO**

Thomaz de Aquino Lisboa, Vicente Cañas, Antonio Iasi, jan/1970 - maio 1970. 58pp.



Sr. Gabriel (dir.) e Pivetta (esq.) na jazida de calcário  
Calcário Tangará - Grupo Itamarati



Usina de processamento de calcário



Ruína do depósito de cereais, do descascador e da oficina  
Utiariti



Ruína da Igreja de Utiariti



Salto de Utariti - Rio Papagaio



Balsa no Rio Papagaio - Utariti



Reabertura da estrada ao salto de Utariti



Estrada entre Utariti e Aldeia Sacre



Entrevista com Damião Mozoyoané



Alonso Iranxe, Damião Mozoyoané e

167 Rubens Kezo



Desmatamento para pastagem em floresta estacional semidecidual no vale do Rio Sepotuba



Voçoroca nas beiras da rodovia Tangará da Serra - Deciolândia





Chegada em Kotitiko  
João Arezumaré mostra flecha sagrada e pedra de machado



Kotitiko - Volta de Ponte de Pedra



Orifício na Ponte de Pedra, local da saída dos povos  
(Vê-se a descaracterização pelos grafitos cravados por brancos)



João Arezumaré tira os sapatos na procura do cemitério dos primeiros Paresi  
que moreram - Ponte de Pedra



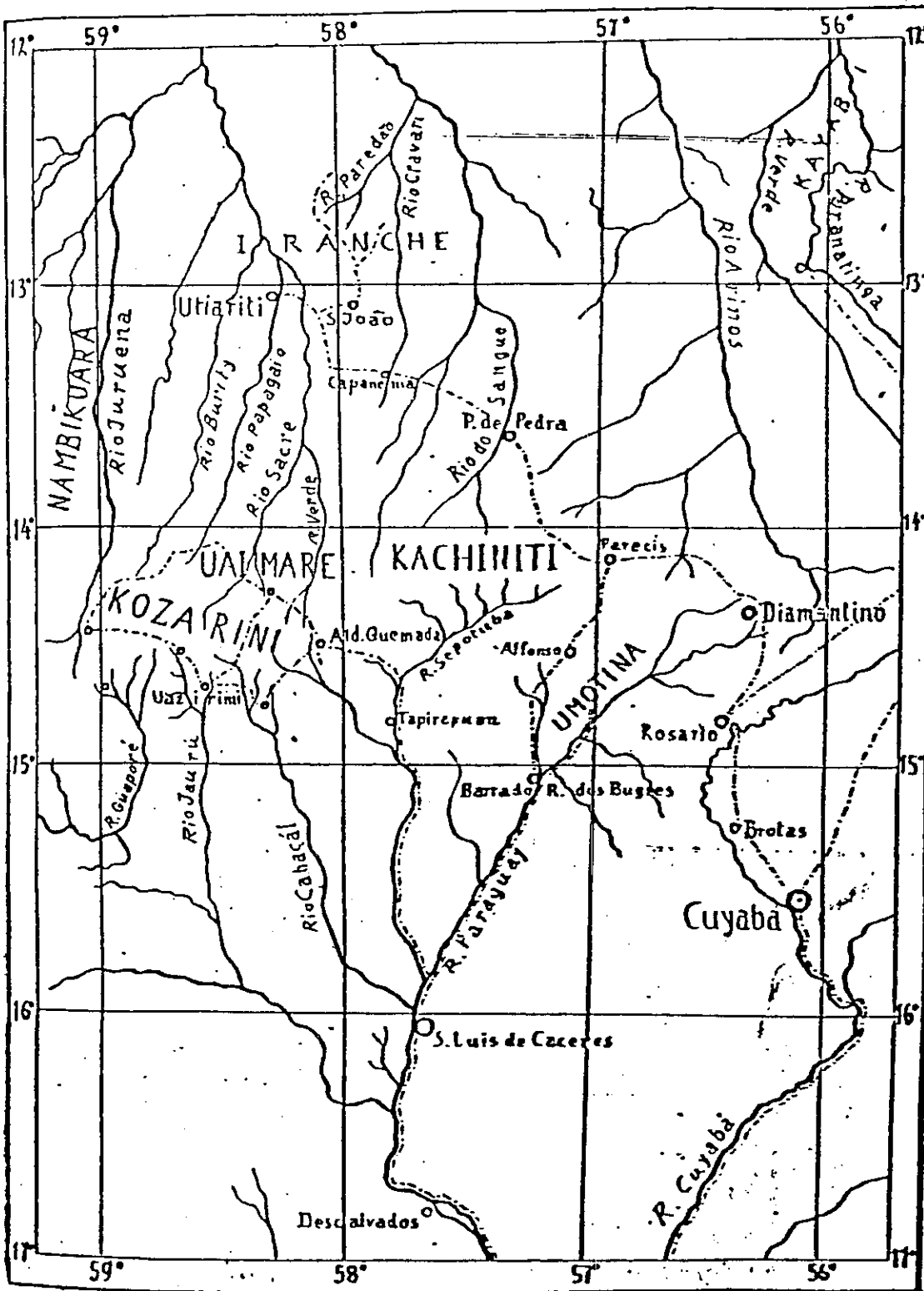
Rochas da mitologia Paresi - Ponte de Pedra  
Totens com significado específico para a etnia Paresi





Cabeceira do Rio Sucuruína (Ponte de Pedra) - local de antiga aldeia. Hoje fazenda San Rafael (frente) e fazenda São Benedito (fundo)

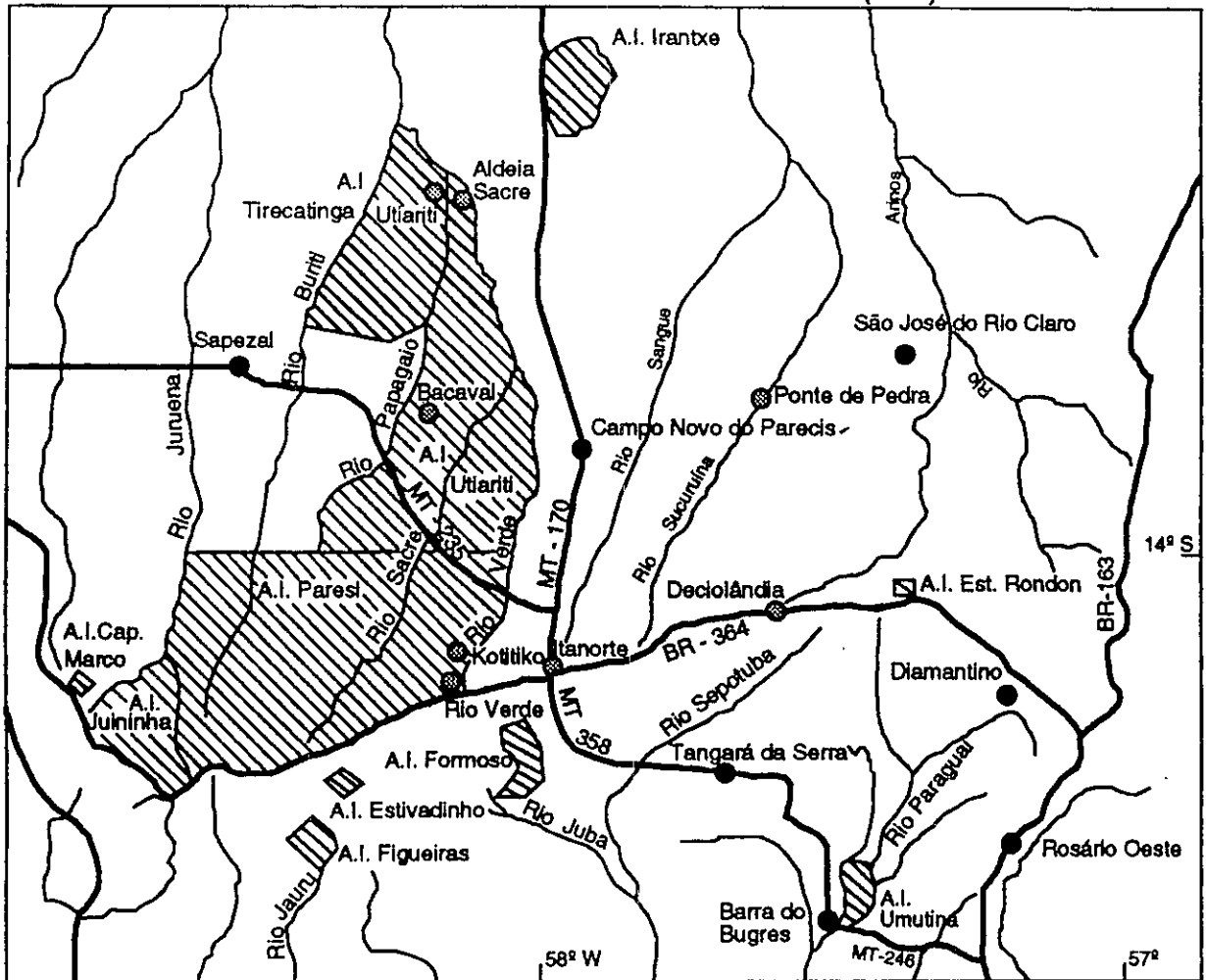
Brasliño Naizokai, Gerson Zomaizokiase, João Arezumará e Darci L. Pivetta Ponte de Pedra



Territorio de los Paracá. (Kachiiti, Uamare y Kozarini) - - - - Itinerario del autor

MAX SCHMIDT, 1943:9

MÉDIO NORTE DE MATO GROSSO - PRINCIPAIS LOCALIDADES (1996)



Projeto: M. Blumenschein

Cartografia: G. Gomes da Silva; M. Blumenschein

— rio, córrego

● sede municipal

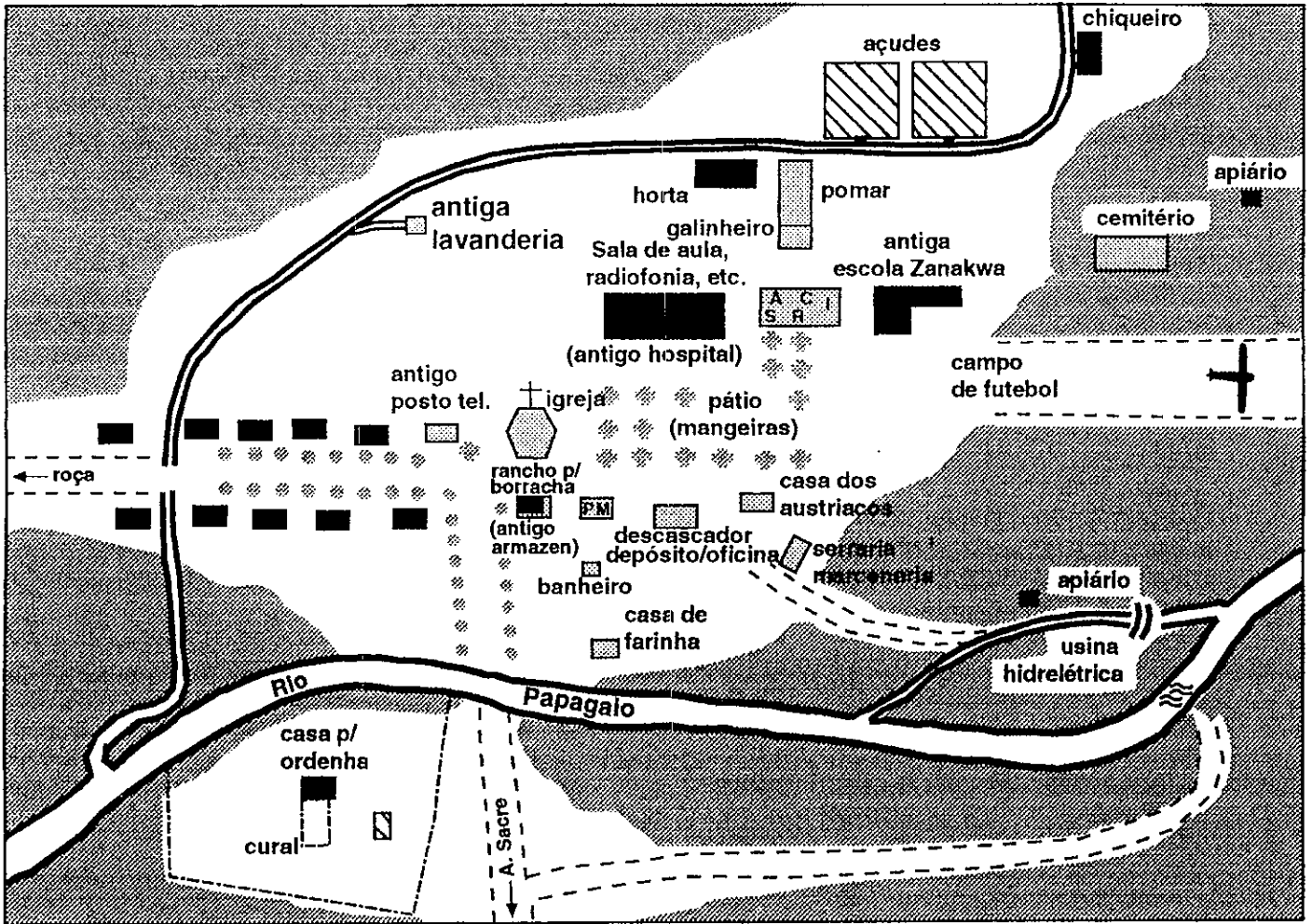
— estrada

⊙ localidades particulares (aldeia, etc.)

▨ área indígena

0 100 km

# Utiariti - situação 1996



Fonte: Levantamento "in loco"; Pivetta & Blumenschein, set. 1996

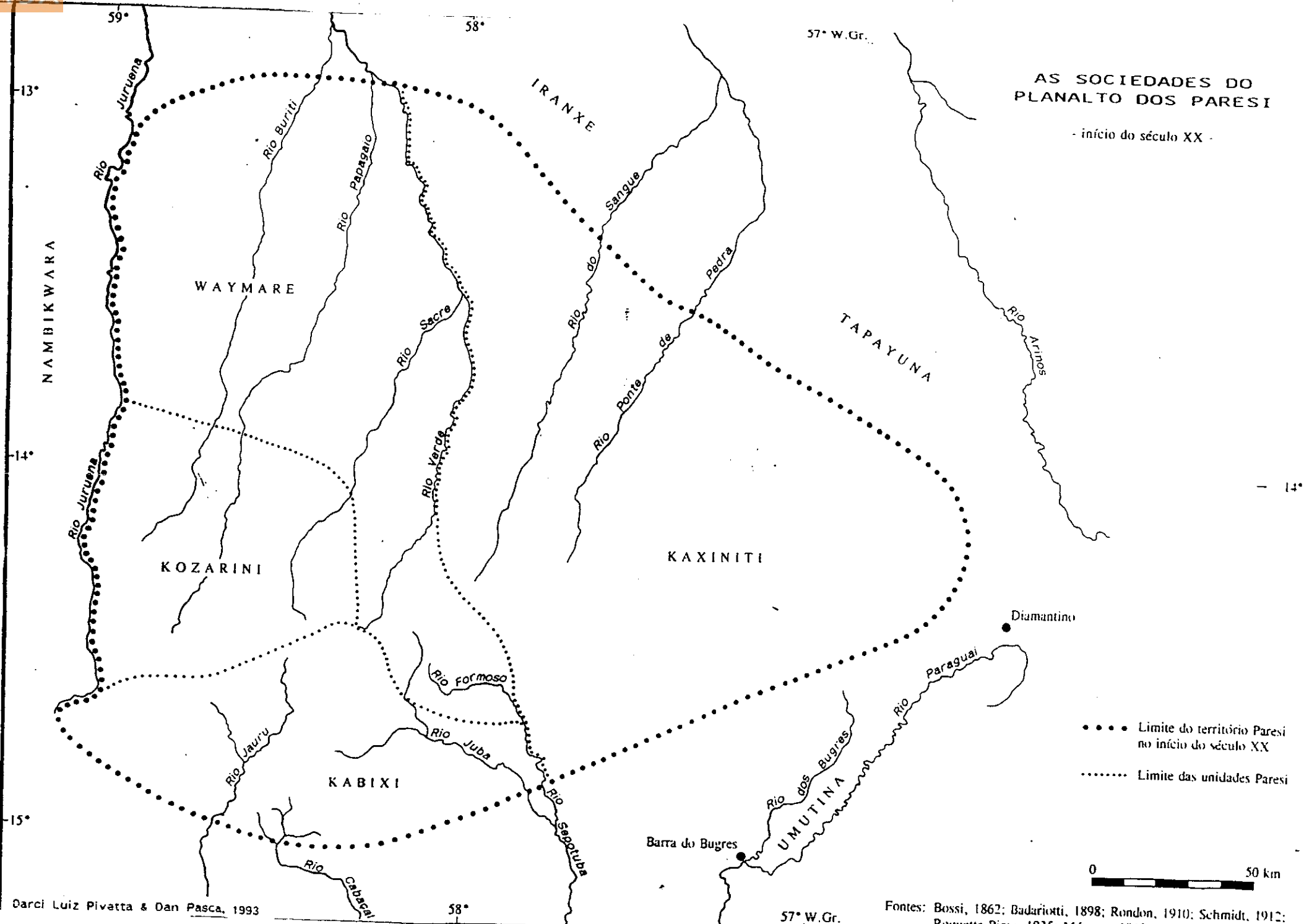
Cartografia: M. Blumenschein



	ruina		cerrado/mata ciliar		alojamento
	em uso		salto	P	padres
	em construção		cerca	M	meninos
	pé de caju		caminho, pista	A	meninas
	mangueira		pista de pouso	I	irmãs
				S	sala de costura / fabrica de redes
				C	cozinha
				R	refeitoria





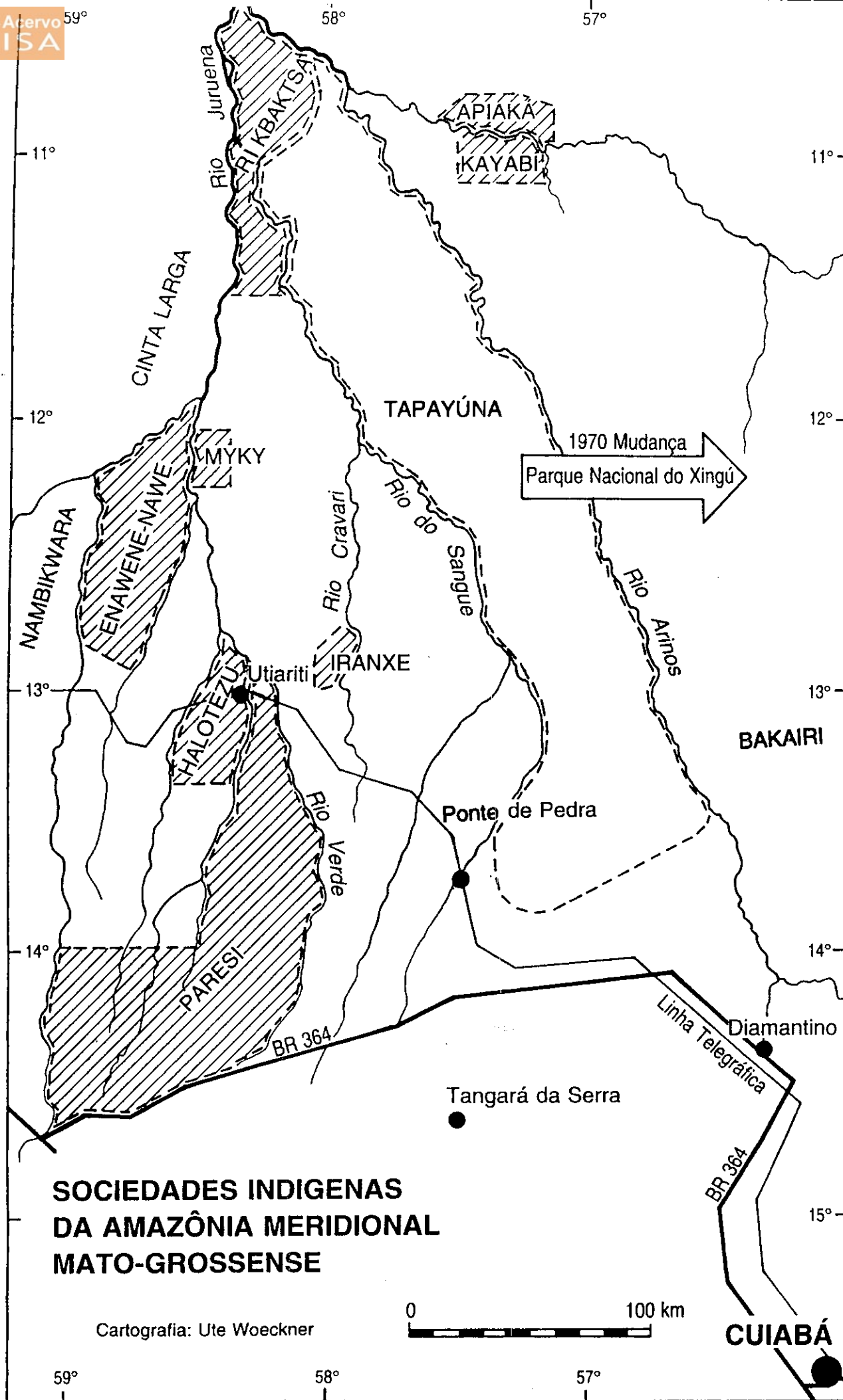


# AS SOCIEDADES DO PLANALTO DOS PARESI

- início do século XX -

- ..... Limite do território Paresi no início do século XX
- - - - - Limite das unidades Paresi





du Médicar do Rio Alegre

Cachoeira do Tauá, 13 de Outubro de 1956

Snr. Engenheiro chefe da medicina.  
Prezado Senhor

Como me desencontrei com o Sr., tratei por carta o que desejara haver conversado a viva voz. É a respeito dos índios Bercos de Pau ou Capanhunas. Como a medicação está ainda dentro pelo melhor na imediata vizinhança do seu território deles, é possível que a turma tenha um contato com eles, que poderia ser o primeiro passo para a sua pacificação.

Como já de alguns anos para cá estou estudando a possibilidade de uma aproximação sistemática a estes índios, devendo deferir o empreendimento por causa de obrigações inadiáveis, e no momento já inicii um trabalho com os canoeiros, não posso deixar de me interessar por esta sua entrada, e sem outras pretensões a não ser de servir, passo a expor alguns itens, a respeito dos quais teria sido proveito meu trocar ideias, c/o Sr. É desde já, tanto mais útil isto, sendo que tem na sua turma o Sr. Agor, praticante nesta região, e que teve encontro com os Bercos de Pau.

[10] Presumo os indianistas que os Bercos de Pau, uma fração do GÊ, sejam emparentados com os Suigá, ~~fo~~ na muito tempo atrás moradores no Rio Verde, hoje um afluente do Alto-Xingu. Constá que estes se entendem com os Trukaraimai, pacificados em 1953 pelos Índios Pilas Boaf. Por isto acho útil obter um vocabulário Trukaraimai. É incompleto e talvez inexacto em alguns pontos.

A mais, de alguns tenho um esboço gramatical da língua Caiapo. Incluo nesta os 2 escritos. Se achar utilidade, copie, ou use, peço apenas

que más restitua oportunamente, porque são os originaes de que apenas tenho a copia.

2º Caso tiviam um encontro feliz seria de grande utilidade, si communicasse o caso a mim, ou melhor ao Despo de Diamantino, D. Alonso Melo.

O endereço seria: ou Cachoeiro de Pau, cujo Encaregado se encaminharia para di ante; ou Cuiabá, Igreja do Rosario (ou de S. Benedicto); ou simplesmente Diamantino. Si casualmente tiver que passar por lá, verá que D. Melo é um homem muito democrati

3º Acrescento ainda algumas considerações, que talvez possam ser uteis.

a) Para prevenir um ataque de parte dos indios, seria necessario organizar uma turma ou patrulha de vigilancia / os homens andam sempre armados e à dois, si se afastarem da turma / mostram-se que um cachorro ja interveiu varias vezes decisivamente / NAO mexer c/ as cousas ou pinais dos indios, deixando brindez ao lado delas

No caso dum ataque, os homens deveriam estar entienados para não atirar precipitada mente nem ofendendo sem necessidade. Este item si não for "entienado" c/ os homens a modo de Subatina, será frustrado na hora do apuro.

No que diz respeito a experiencia de outrem, e o Azor vale por todos ibs.

b) Principios gerais.

Acho que nos, homens de cultura e sentimentos humanos, e cristaos deveriamos ter ponto de vista certo nesta questao, que muitos desdenham ou resolvem unicamente para sabaguardar interesses materiais ou, o povo geralmente, de um modo simplista, ainda que apparecem homens de bom tinco.

É antes de tudo para o Sr. a quem se apresentará provavelmente apenas como um possível contra-tempo, que se supera com uma ação de defesa imediata.

De fato, como já mencionei, poderá ser o primeiro passo da sua pacificação definitiva. É sob este ponto de vista que oportuno tomar bases mais amplas para enfrentar esta emergência.

1º Antes de uma penetração, deveria haver uma pacificação sistemática. Não a houve. O SPI infelizmente é inativo, seja quais forem as causas, resta entrar em ação a boa vontade dos cidadãos cordatos.

2º Mesmo se o indistatocas, e torna necessário a defesa, de fato o provocante do conflito, eramos nós pela fato de penetrarmos no território dele.

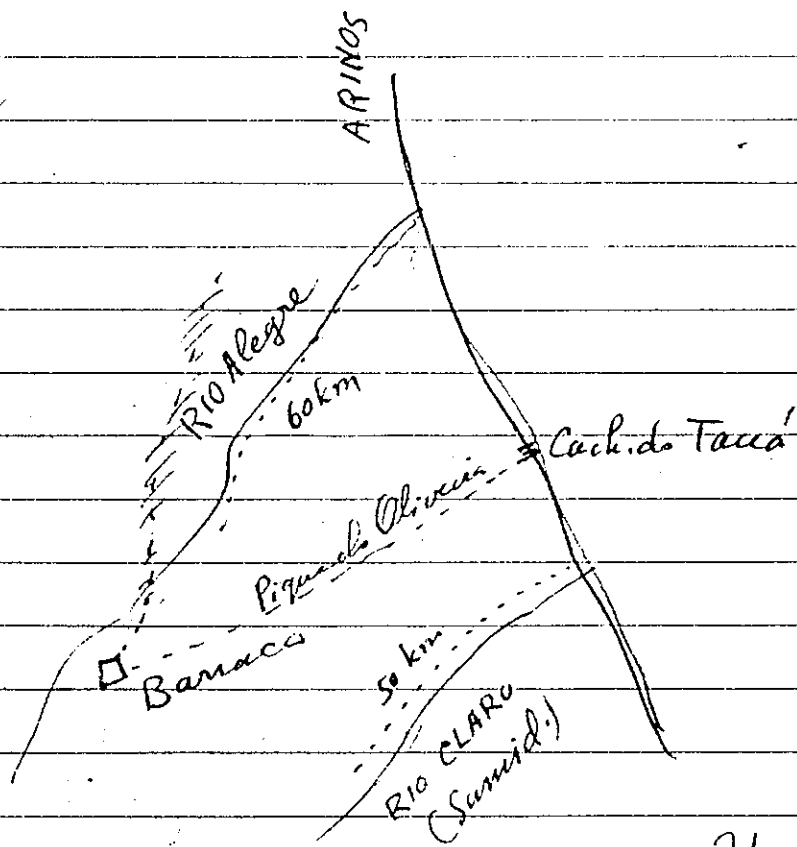
3º Daí a começar, de reduzir a defesa <sup>um</sup> à mínimo - seria contra a produtora atirar, apenas se avista o índio, ou ir atrás dele para dar-lhe um baco - e fazer um esforço sério, para chegar a entender-se com eles [na medida possível dentro dos objetivos imediatos da expedição de Médica].

Todo o ponto está precisamente neste ENTENDER-SE mutuamente, diria quasi nas vias diplomáticas para fazer compreender um ao outro o que quer, e oferece.

Não quero complicar o assunto, mas sem dúvida será razoável, tomar em consideração as possíveis consequências dum caso de emergência.

Com a protesta da mesma estirpe,  
e admiracao pelos promissimos do  
corpo engenheiros, esperando, em  
breve, poder ter o proveito das suas  
experiencias,

P. José Evang.  
missionario junto  
Doaurantico



Unidad

Na cabeceira do Rio Alegre,  
o Lagoa Rasa,  
esta o baracão do  
Sr. José Oliveira

Colonizadora Macape', Rua Fel 135

A margem esqu. do Rio Alegre ja e territorio  
imediatos dos Bercos de Pau.